

ODEBRECHT

Nº 116 • Ano XXXII • janeiro / fevereiro de 2005

INFORMA

AEROPORTO DE RECIFE

O vôo conjunto da tecnologia e da arte

OS NOVOS MEMBROS DO CONSELHO DE
ADMINISTRAÇÃO DA ODEBRECHT S.A.

ENTREVISTA COM O LÍDER
EMPRESARIAL MARCELO ODEBRECHT

AS INOVAÇÕES
DA BRASKEM EM LOGÍSTICA



Ao longo dos seus 25 anos de presença no Peru, a Construtora Norberto Odebrecht participou de obras no deserto, na selva, na montanha, nos centros urbanos e até no interior de um vulcão. O projeto de irrigação Chavimochic (foto) é um dos principais símbolos do relacionamento entre a Odebrecht e o Peru, país pelo qual a empresa iniciou sua atuação internacional, que se estende hoje a quatro continentes. Esse quarto de século de atuação no Peru está sendo celebrado pela Odebrecht com a continuidade de sua participação em empreendimentos de forte impacto socioeconômico e, sobretudo, com a certeza de estar plenamente integrada ao país. Veja reportagem especial que começa na página 44.



nesta edição

Nº 116 • Ano XXXII • jan/fev 2005



16

Novo Aeroporto Internacional dos Guararapes/Gilberto Freyre, em Recife, construído com a participação da Odebrecht, conjuga beleza e funcionalidade e exibe em suas dependências obras de renomados artistas pernambucanos



10

Na Serra de Carajás, no Pará, a Construtora Norberto Odebrecht executa obras que permitirão à Companhia Vale do Rio Doce dobrar sua capacidade de produção e exportação de ferro



30

Como parte das celebrações de seus 60 anos, a Odebrecht inaugura, em Salvador, o Núcleo da Cultura Odebrecht, concebido para apresentar de forma dinâmica a história da Organização e as realizações de seus integrantes

Logística..... 2

Braskem implementa plano estratégico para movimentação de seus produtos

Cidadania..... 24

Núcleos de Defesa Comunitária criam oportunidades de crescimento socioeconômico

Organização..... 34

Conselho de Administração da Odebrecht S.A. tem três novos membros

Desenvolvimento..... 40

Concluída segunda edição do PDE, que teve 37 participantes e incluiu novos temas

Petroquímica..... 69

Prêmio Ópera-Prima incentiva arquitetos a utilizarem PVC em seus projetos

Desenvolvimento sustentável 70

Cadeias produtivas de agricultura e aquíicultura mudam realidade social no Baixo Sul da Bahia

Seções

60 dias	7
60 anos	27
Mensagem do Conselho	33
Entrevista	36
Comunidade	63



66

Com um estande de 510 m² na ala de matérias-primas, Braskem foi um dos destaques da Feira Internacional K, a maior do setor do plástico em âmbito mundial, realizada em Düsseldorf, na Alemanha

Capa: Foto de Eduardo Moody

CARO LEITOR,

A construção do novo Aeroporto Internacional dos Guararapes/Gilberto Freyre, em Recife, tem um significado especial para a Odebrecht. Desde suas origens, a Organização está ligada a Pernambuco, onde Emílio Odebrecht fundou, em 1919, sua primeira empresa, a Isaac Gondim & Odebrecht, responsável por uma série de importantes edificações no estado. Um ano depois, nascia, em Recife, seu filho Norberto Odebrecht, o fundador da Organização Odebrecht. Quando, na década de 1960, com os incentivos da Sudene, indústrias se instalaram no Nordeste, principalmente em Pernambuco, a Odebrecht abriu em Recife seu primeiro escritório fora da Bahia e participou intensamente desse novo momento do desenvolvimento nordestino. Por tudo isso, a participação da Construtora Norberto Odebrecht na construção do Aeroporto dos Guararapes tem um significado singular.

Esse significado se potencializa pela extraordinária qualidade do empreendimento da Infraero. Considerado o mais moderno do Brasil, com capacidade para atender 5 milhões de passageiros por ano, o aeroporto é também um símbolo da contribuição da Odebrecht à construção da infra-estrutura aeroportuária brasileira, iniciada em 1948, em Salvador.

Contribuir com a construção de infra-estrutura para o desenvolvimento dos países onde está presente é um dos objetivos centrais da atuação da Odebrecht. O Peru é um exemplo. Há 25 anos, nesse país, a Organização iniciava sua trajetória internacional, com a construção da hidrelétrica de Charcani V. De lá para cá, tem participado de importantes projetos nas áreas de irrigação, mineração, energia e transportes. O Peru é um dos símbolos da atuação internacional da Odebrecht, pela qualidade e quantidade dos projetos ali desenvolvidos, pelo pioneirismo e pelo exemplo de presença a longo prazo, demonstrando que a permanência nos países é resultado da existência de clientes satisfeitos e, em decorrência disso, da boa imagem conquistada.

Tecnologia Empresarial Odebrecht – TEO

“Assim como os Seres Humanos são diferentes entre si, o Cliente só pode ser integralmente satisfeito quando encontra um Empresário capaz de lhe oferecer um produto único, adequado a suas necessidades específicas”

ODEBRECHT
INFORMA

Ano XXXII N° 116 • jan/fev 2005

www.odebrechtonline.com.br

Responsável por Comunicação Empresarial na Odebrecht S.A.
MARCIO POLIDORO

Repórteres na Odebrecht S.A.
KAROLINA GUTIEZ
MIUCHA ANDRADE

Coordenadores nas Áreas de Negócios
MARCO ANTÔNIO ANTUNES PEREIRA
[Engenharia e Construção]

NELSON LETAIF
[Química e Petroquímica]

Coordenadora na Fundação Odebrecht
MARTA CASTRO

Coordenação Editorial
VERSAL EDITORES

Editor
JOSÉ ENRIQUE BARREIRO

Editor Executivo
CLAUDIO LOVATO FILHO

Arte/Produção Gráfica
ROGÉRIO NUNES

Fotolitos
A.P. EDITORA

Impressão
PANCROM

Editada também em inglês e espanhol.

Publicação para divulgação interna da Organização Odebrecht
Editada pela Odebrecht S.A.

TIRAGEM: 13.300 EXEMPLARES

Redação

Rua Jardim Botânico, 674 – Sala 315
Jardim Botânico – CEP: 22461-000
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
Tel.: (21) 2239-1778

E-mail: versal@versal.com.br

Envie as suas sugestões ou solicite informações à redação.

O caminho dos melhores resultados

Luciano Martins TEXTO • Niels Andreas FOTOS

Plano estratégico da Braskem torna a movimentação de produtos mais segura e eficiente, com menores riscos e custos

A Braskem começou a desenvolver seu novo plano estratégico de logística em agosto de 2002, para aumentar a eficiência e a segurança e reduzir custos. Dois anos e meio depois, a companhia consolida um modelo que se torna referência para o setor, com a redução da dependência do transporte rodoviário, queda no custo dos seguros e, a partir de 2005, mais qualidade de vida e segurança para os transportadores.

O transporte rodoviário era utilizado pela Braskem em quase 90% de suas entregas a distribuidores e clientes. A empresa não possuía contratos de longo prazo com as transportadoras e todo fim de mês tinha de administrar a falta de veículos para fazer as entregas.

Hoje, são movimentadas 4 mil t por mês de Camaçari (BA) para Paulínia (SP) e até 4 mil t mensais entre Triunfo (RS) e Tatuí (SP) por ferrovia. Foi inaugurada uma rota para transporte marítimo – navegação de cabotagem – pela costa brasileira, entre Maceió, Santos (SP) e São Francisco do Sul (SC), utilizando entre dois e três navios por mês, cada um com 100 a 150 contêineres, num total aproximado de 7,5



mil t. Uma nova rota marítima está sendo preparada para ligar os portos de Salvador, Santos e Rio Grande (RS).

Assim, a Braskem já reduziu a utilização de caminhões a 80% do total, além de introduzir novos processos em todos os modais de transporte. A parceria com a ALL – América Latina Logística garante transporte ferroviário de Triunfo até o centro de distribuição em Tatuí e uma rota para exportação até o porto de Rio Grande. O transporte entre o porto de Aratu, próximo a Camaçari, e Paulínia é feito sob responsabilidade da FSA – Ferrovias Sul Atlântico.

Segundo Isabel Figueiredo, Responsável por Suprimentos e Logística na Braskem, os objetivos do plano estratégico para o setor são aumentar a segurança e a eficiência da movimentação de produtos e reduzir os riscos e custos. “Estamos implantando novos modais de carga, diminuimos o número de transportadoras de 30 para 12 e com todas elas temos contratos de longo prazo com cláusula de multa formal em caso de atrasos. Além disso, aumentamos a venda em granel graças a parcerias com as transportadoras, que instalam silos nos postos de recepção dos clientes.”

A Braskem assinou contrato de longo prazo com a Docenave na primeira semana de novembro para melhorar o transporte por cabotagem e estabeleceu nova parceria com a ALL e a Ultracargo, através da qual a empresa do Grupo Ultra constrói galpões e ganha contratos para fazer a armazenagem e a distribuição para clientes na região de São Paulo.

Caminhão carregado com produtos da Braskem (na página ao lado) e trem no centro de distribuição de Tatuí: empresa introduziu novos processos em todos os modais de transporte





Carregamento de produtos da Braskem em Triunfo: modelo de logística da empresa é referência no setor petroquímico

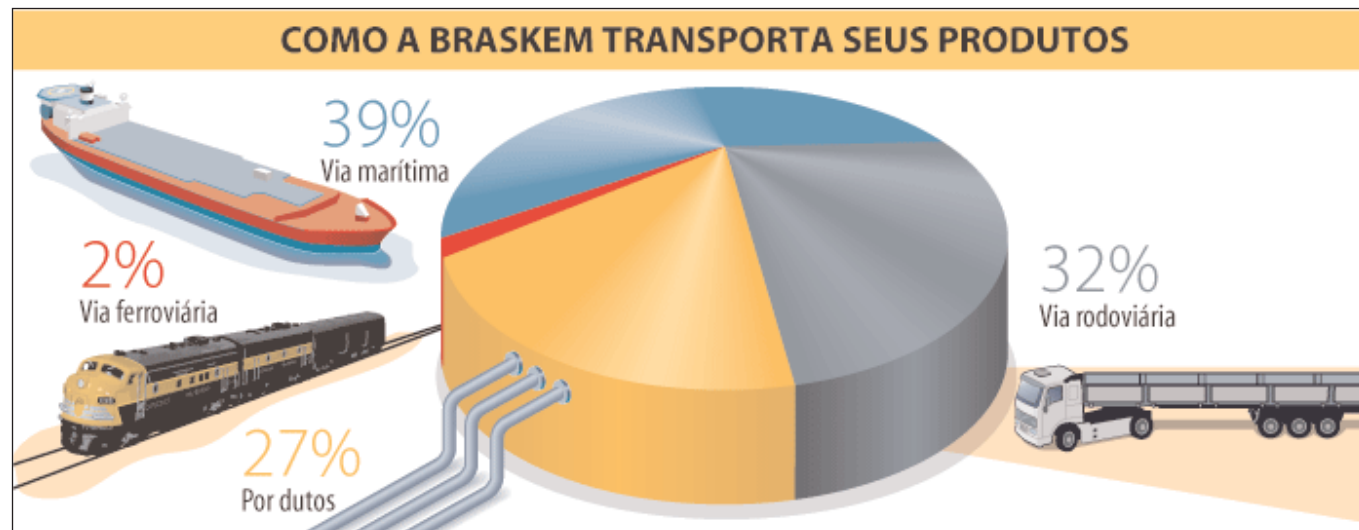
O armazém operado pela Ultracargo em Tatuí, no terminal da ALL, é considerado modelo na execução de operação intermodal. A carga é retirada do trem e guardada num galpão intermediário ou repassada diretamente aos caminhões, para entrega a clientes da região próxima a São Paulo. “A Braskem não tem interesse de investir em ativos logísticos e isso facilita o estabelecimento de parcerias”, explica Isabel Figueiredo.

RESULTADOS

O transporte rodoviário recebeu cuidado especial. Além da redução do número de prestadores de serviço, todos foram incluídos no sistema de monitoramento oferecido pela Pamcary, que permite acompanhar cada caminhão que deixa uma instalação da Braskem até o destino final da carga (veja *boxe*). Os resultados são perceptíveis: em agosto de 2002 houve 12 roubos de caminhões;

em 2004, a média caiu para duas a três ocorrências, uma redução de 80%. Por conta desses resultados, o custo dos seguros para a companhia caiu 60% no último ano.

Até 2003, o objetivo principal do programa de melhora no transporte rodoviário era prevenir o roubo nas estradas. Alcançada essa meta com o sistema de monitoramento, 2005 será o ano do combate aos acidentes. Além de



Adilson Secco

ACOMPANHAMENTO RIGOROSO PROPORCIONA JORNADA SEGURA AOS CAMINHONEIROS

O motorista José Pereira Lima, nas estradas desde 1987, estaciona o Volvo FM-12 da Transportadora Júlio Simões no pátio da Pamcary, na manhã de uma terça-feira, a fim de iniciar os procedimentos para mais uma viagem. Ele está a menos de 5 km das duas plantas da Braskem no Pólo Petroquímico de Triunfo (RS).

O jovem Felipe Beck sobe à boléia para fazer uma vistoria que irá proporcionar ao caminhoneiro um alto nível de segurança no trajeto que deverá fazer, após apanhar sua carga na Braskem, até entregá-la em seu destino, na cidade de Barueri, região metropolitana de São Paulo.

Felipe começa conferindo os documentos do motorista e do veículo, checa o funcionamento do sistema de rastreamento via satélite (GPS), verifica as conexões do sistema de comunicação com a carreta e observa se os sensores estão destravados e sem grampos. Ele sabe que o cuidado é necessário porque alguns motoristas tentam fraudar o sistema, como fazem aqueles que fingem prender o cinto de segurança, sem se dar conta de que os procedimentos foram criados para seu próprio benefício.

Não é o caso de José Pereira Lima. Ele acompanha a verificação com atenção e observa que os motoristas precisam complementar esses cuidados com um comportamento adequado durante o trabalho. "Sei que tudo isso é para a minha segurança, em primeiro lugar, e para a garantia da carga e do caminhão", comenta. "Mesmo sabendo que sempre pode acontecer alguma coisa que não está prevista, eu me sinto muito mais tranquilo com essas medidas."

Depois disso, Lima se dirige ao escritório da Pamcary, onde novamente é identificado e assina um termo de comprometimento com o Plano de Gerenciamento de Riscos. Os computadores registram o nome da empresa embarcadora, da transportadora e a identificação completa do caminhão. Em seguida, é emitido e entregue ao motorista um plano de viagem que contém, entre outras informações, a natureza e o peso da carga, local do



Na primeira foto, os caminhões aguardam o carregamento no pátio da Pamcary, localizado a 5 km do Pólo Petroquímico de Triunfo. Na sequência, José Pereira Lima leva o caminhão para a pesagem. Depois, comparece ao escritório da empresa para assinar o termo de comprometimento com o Plano de Gerenciamento de Riscos e tomar outras providências. Por fim, parte para São Paulo com os produtos da Braskem

carregamento, destino e a rota detalhada que terá de cumprir.

No caso de Lima, ele deixará a planta Braskem 05 em Triunfo e, com sua carga de polietileno, tomará a BR-386, depois a BR-101 e por fim a BR-115, até a região metropolitana de São Paulo. Terá no trajeto cinco paradas obrigatórias. Em cada uma delas deverá apresentar o cartão de identificação Pamcard. Se houver atraso de mais de uma hora no tempo previsto para a chegada a um desses postos, ele se obriga a parar o caminhão e avisar a transportadora, pelo sistema de comunicação do caminhão, e a Pamcary, pelo telefone.

Depois disso, o motorista é informado sobre os pontos de maior risco no trajeto. Um conjunto de mapas lhe mostra onde se concentram os casos de roubo de carga e locais onde é maior a incidência de acidentes. Ele sabe que, se se desviar da rota programada, será o responsável por qualquer problema que vier a ocorrer.

Quinze minutos depois de haver entrado no pátio da Pamcary, José Pereira Lima está pronto para conduzir mais um carregamento para a Braskem. Pouco depois, ele está no estacionamento da fábrica, esperando sua vez de conferir os documentos, entregar sua ordem de coleta e receber a carga. Dali por diante, até chegar ao último posto da Pamcary, em Itapeirica da Serra (SP), sabe que estará contando com um dos mais avançados sistemas de segurança de cargas do mundo.

Lima vai chegar a Itapeirica por volta das 8h30 de quinta-feira. Ele se junta a outros caminhoneiros cuja rota também está sendo monitorada pela Pamcary. Aqueles que vão ingressar na região da capital paulista são agrupados. Os que se destinam a lugares diferentes formam outros grupos. Cada um deles terá à disposição uma escolta discreta de motociclistas até a travessia dos pontos mais vulneráveis. Logo mais, ele estará descarregando seu caminhão e só então, atendidas as expectativas do cliente, poderá considerar ter cumprido mais uma vez sua missão.

implementar um Fórum de Prevenção de Acidentes Rodoviários – formado há três meses pela Braskem, Odebrecht Corretora de Seguros e Pamcary – e exigir de todas as transportadoras contratadas a inspeção pelo Sassaqa, Sistema de Avaliação de Saúde, Segurança, Meio Ambiente e Qualidade da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), a companhia está criando postos especiais para recepção e atendimento dos caminhoneiros, os centros de logística (CLOGs).

Nesses locais, implantados nos três pólos petroquímicos em que a Braskem está localizada, estão sendo construídas instalações com infra-estrutura sanitária, alojamentos, espaço para convivência dos profissionais e seus familiares, barbearia e atendimento médico, além de áreas para os serviços de informação, inteligência, gestão e segurança e equipamentos para treinamento e conscientização dos motoristas. A iniciativa resulta de uma parceria da Braskem com a BR Distribuidora, a Pamcary e a transportadora Ballylog Logística, que é responsável pelo investimento na infraestrutura.

Nos CLOGs será concentrado o programa mais intensivo de treinamentos, para os quais a Pamcary e a Braskem estão desenvolvendo convênios com universidades. Os caminhoneiros receberão nesses locais orientações e assistência de fisioterapeutas e outros especialistas, aprenderão a prevenir riscos e a atuar em casos de



Isabel Figueiredo: mudanças e conquistas em 2004

emergência, além de receber noções de relacionamento.

PREVENÇÃO

Apesar das más condições de grande parte das rodovias brasileiras, salienta Isabel Figueiredo, é possível melhorar muito o nível de segurança dos caminhoneiros e a eficiência dos transportes com medidas preventivas como as que serão tomadas pela Braskem. Através de convênio da Pamcary com o Centro Universitário Capital – Unicapital, os formandos do curso de Fisioterapia oferecerão aos motoristas noções de postura e relaxamento, como parte do programa cuja meta é reduzir em 85% o número de acidentes até 2006.

O desempenho de cada uma das transportadoras é acompanhado

mensalmente, pela análise dos índices e a gravidade dos acidentes e pela observância das normas legais do transporte de produtos químicos, das exigências do setor e dos chamados requisitos desejáveis de qualidade.

No transporte marítimo, a cabotagem de líquidos e gases também está passando por uma profunda transformação, com o estabelecimento de contratos de longo prazo entre a Braskem e os armadores para a adequação às normas de segurança. Danielle Senatore, integrante da equipe de Suprimentos e Logística da Braskem e da Comissão de Transportes da Abiquim, formou uma equipe de auditores internos e visitou os terminais marítimos para verificar as condições de estocagem e movimen-

tação dos produtos. Como um dos sete inspetores brasileiros certificados pelo CDI – Chemical Distribution Institute, Danielle trabalha para que até o final de 2005 todos os terminais que servem à Braskem sejam avaliados e credenciados por essa instituição.

Para Isabel Figueiredo, os últimos meses têm sido de constantes mudanças e importantes conquistas. O ano de 2005 representa, segundo ela, a superação de um desafio que tem como prêmio não apenas maior eficiência e menor custo de logística, mas sobretudo a prevenção de acidentes para muitos seres humanos envolvidos no transporte de cargas e a defesa do ambiente com o qual os produtos da empresa interagem.

60 DIAS

NOTÍCIAS DA ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT



Trecho da auto-estrada: operação através do sistema de concessão Scut (Sem Cobrança ao Utilizador)

Inaugurada Auto-estrada Costa de Prata

Com a presença do Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes e do Ministro das Obras Públicas, António Mexia, foi inaugurada no dia 30 de setembro a Auto-estrada da Costa de Prata, no norte de Portugal. Na ocasião, foi aberto ao tráfego um trecho de 40 km, referente aos lotes 1, 2, 3, 5 e 6, os dois últimos construídos pela Bento Pedroso Construções (BPC), subsidiária portuguesa da Construtora Norberto Odebrecht.

A Auto-estrada Costa de Prata tem 102 km de extensão, dos quais

38 km já se encontravam em operação. Liga a cidade de Mira ao Sul a Coimbrões, na região da cidade do Porto. A rodovia é operada através de um sistema de concessão tipo Scut (Sem Cobrança ao Utilizador), no qual os pagamentos à concessionária LusoScut da Costa de Prata, que tem participação acionária da Odebrecht, são feitos pelo Governo de acordo com o volume do tráfego.

A concessionária é responsável por todas as etapas do empreendimento: projeto, construção, finan-

ciamento, operação, manutenção e exploração da rodovia por 30 anos. O investimento total chegou a 500 milhões de euros, dos quais 294 milhões em obras. Além da Costa de Prata, a Odebrecht também é uma das principais sócias, junto com outras grandes empresas portuguesas, de mais três concessões, cujas obras estão em andamento: LusoScut Beiras Litoral e Alta, LusoScut do Grande Porto e Aenor – Auto-estradas do Norte, a única com cobrança de pedágio pelo método tradicional.

Empresários e especialistas do Brasil e do exterior reunidos na Rio Oil&Gas

A Construtora Norberto Odebrecht, representada por sua área de Plantas Industriais, participou em outubro da Rio Oil&Gas. Uma das principais feiras do mundo do setor de petróleo e gás, tanto pelo número de expositores, quanto pela importância dos produtos e serviços expostos, a Rio Oil&Gas acontece a cada dois anos. Nesta edição, recebeu mais de 30 mil visitantes em seus 26 mil m² no centro de convenções Riocentro, no Rio de Janeiro. Entre eles estavam empresários, executivos e especialistas do Brasil e do exterior, que conheceram novas tecnologias e práticas de gestão apresentadas por 680 expositores de 35 países.

Em um congresso paralelo à feira, foram realizadas conferências e apresentações. Um desses eventos teve a participação de Fernando Barbosa, Diretor de Contrato, e de Jorge Mitidieri, Responsável por Engenharia na Plataforma PRA-1, que a Odebrecht constrói para a Petrobras na Bahia. O tema do painel sob responsabilidade deles foi “FPSO – Floating, Production, Storage and Off-loading (Unidade Flutuante de Produção, Estocagem e Transferência de Petróleo) – Construção Nova ou Conversão”. Em outro momento, o engenheiro Sérgio Silas, integrante do mesmo contrato, falou sobre “Contrato de Aliança”. Ele relatou a experiência da Odebrecht na execução desse tipo de contratação.

Estande da Odebrecht na Feira Oil&Gas: evento recebeu mais de 30 mil visitantes em 2004



Programa desenvolvido no Baixo Sul da Bahia será beneficiado

Participação no Fundo da Infância e da Adolescência

O Conselho de Administração da Odebrecht S.A. aprovou a participação da Organização Odebrecht no Fundo da Infância e da Adolescência – FIA. O programa federal, instituído pelo art. 260 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, possibilita a doação de parte do Imposto de Renda para fundos especialmente destinados a projetos com crianças e adolescentes. O programa de doação, a ser implementado pela Fundação Odebrecht e batizado de Tributo ao Futuro, beneficiará os participantes do Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia – DIS Baixo Sul.

A lei permite a doação de até 1% do IR de pessoas jurídicas e até 6% do IR de pessoas físicas. Os projetos e organizações apoiados precisam estar vinculados aos Fundos da Criança e do Adolescente, cadastrados nos Conselhos Municipais ou Estaduais.

Os líderes da Odebrecht confirmaram a participação das empresas que compõem a Organização e vão estimular a adesão de seus integrantes que, por meio do Tributo ao Futuro, poderão apoiar ações sociais e contribuir para que a Odebrecht amplie sua missão de servir às comunidades em que atua.



Replan: gás da refinaria será utilizado pela nova fábrica, que terá capacidade para produzir 300 mil t/ano de polipropileno

Braskem e Petrobras terão unidade industrial em Paulínia

A Petrobras confirmou a decisão de formar com a Braskem uma parceria para a construção de uma unidade industrial de polipropileno em Paulínia (SP). O anúncio foi feito no início de novembro pelo Diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto da Costa. A nova fábrica, que deverá entrar em operação em 2007, terá capacidade para produzir 300 mil t/ano de polipropileno a partir de gás da Refinaria do Planalto (Replan), da Petrobras, localizada ao lado do terreno onde será construída a unidade. O inves-

timento previsto para o projeto é da ordem de US\$ 180 milhões.

Os entendimentos com a Petrobras precederam a criação da Braskem e seu início data de 1997, quando foi adquirido o terreno vizinho à Replan e começaram os estudos técnicos que levaram à concessão de uma licença ambiental pelo Governo de São Paulo. Condições de mercado e da economia brasileira em geral retardaram a implementação do projeto, que agora se tornou prioritário por conta da retomada do desenvolvimento do país.

O polipropileno é, entre as resinas termoplásticas, aquela que apresenta maior crescimento de consumo. A previsão é de que a oferta atual das empresas que a produzem só seja suficiente para atender à demanda do mercado até o final de 2006.

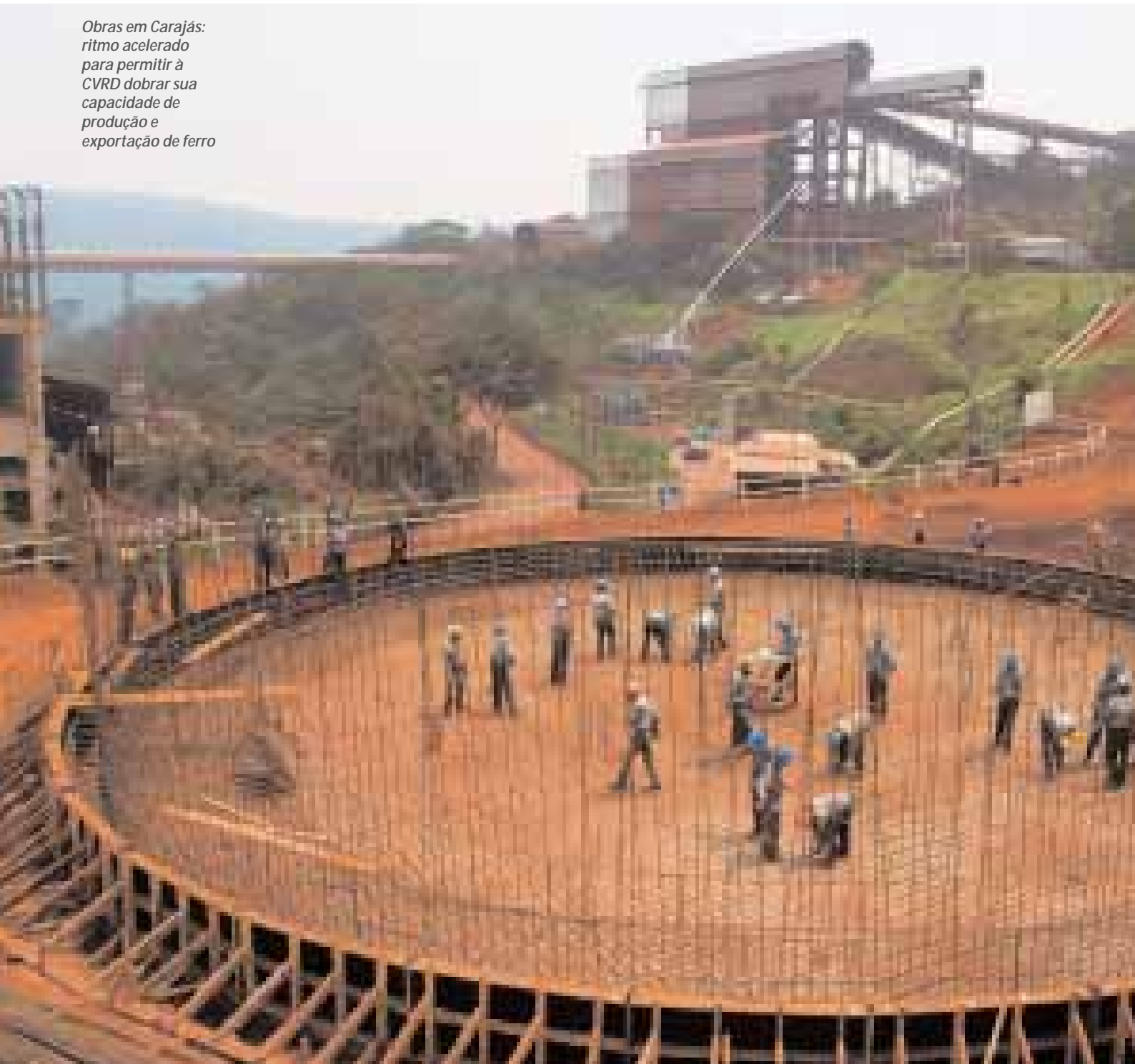
Braskem e Petrobras estão ultimando as decisões sobre qual será a participação societária de cada empresa e os detalhes operacionais do projeto. As obras da nova fábrica deverão começar nos primeiros meses de 2005.

■ MINERAÇÃO

UMA PLANTA NA FLORESTA

Eliana Simonetti TEXTO • **Luciano Andrade** FOTOS

*Obras em Carajás:
ritmo acelerado
para permitir à
CVRD dobrar sua
capacidade de
produção e
exportação de ferro*



Odebrecht executa estrutura para atender às necessidades da Companhia Vale do Rio Doce na maior mina de ferro do planeta, na Serra de Carajás, no Pará



O cenário remete a imagens de cinema. Depois de percorrer uma estrada de 35 km ladeada por uma floresta densa, cuidadosamente preservada, chega-se a um mundo vermelho, espetado por enormes estruturas metálicas. É a mina de ferro da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) na Serra de Carajás, no Pará, onde a Construtora Norberto Odebrecht plantou uma base e cinco frentes de obra. O contrato foi firmado em agosto de 2004 e os trabalhos seguem em ritmo acelerado, para permitir à Vale dobrar sua capacidade de produção e exportação de ferro e atender às novas encomendas que vêm sobretudo da Ásia. Estão sendo construídos uma barragem, drenos para pilhas de rejeito de minério, trechos de estrada, um britador de pedra e areia e uma usina de asfalto. A usina da mina está sendo duplicada. No auge da produção, a Odebrecht deve ter mil pessoas trabalhando no meio da mata.

Do ponto de vista da logística, a operação é especialmente complexa. Como a mina de ferro da Vale fica no meio de uma floresta nacional preservada, as normas de comportamento, naquela área, são muito rígidas. Não se joga sujeira no chão, o lixo é todo recolhido criteriosamente e reciclado, a água usada é tratada e reaproveitada, plantas e animais são protegidos e as pessoas têm de usar equipamentos de segurança que evitem riscos à saúde. A distância entre uma área de trabalho e outra é grande e, como a estrada é cheia de curvas e estreita, a locomoção é demorada.

A derrubada da mata para a construção de uma estrada ou de uma barragem não é uma operação simples. Primeiro, porque tem de ser autorizada pelo Ibama, o que

leva tempo. Depois, porque requer uma série de cuidados. Na fase inicial dos trabalhos, entra em cena uma equipe que captura os animais e recolhe plantas. Troncos ociosos são remexidos em busca de ninhos; bromélias e orquídeas são recolhidas e transplantadas. Os animais são postos em gaiolas depositadas em salas com ar-condicionado até que se decida onde soltá-los. Depois vem o desmatamento seletivo: as árvores maiores são retiradas, catalogadas, marcadas com um selo do Ibama e levadas para um armazém. Só então é possível começar a limpeza da área, propriamente dita. Isso já foi feito no trecho para onde a Vale quer transferir a estrada, de modo que se possa retirar o ferro existente sob o traçado original. Na área da barragem, a Odebrecht recolheu 82 animais (sobretudo cobras, lagartos e morcegos) em 20 ha. Em novembro, tratores e caminhões estavam a postos, aguardando a liberação pelo Ibama para a escavação.

A Floresta Nacional de Carajás fica no município de Parauapebas, distante 180 km de Marabá, a cidade mais próxima em que o aeroporto opera vôos comerciais. As pessoas que trabalham na serra e querem visitar a família em outra cidade do país têm de enfrentar cerca de três horas de estrada, além do tempo de vôo. A carga pode entrar por duas vias: pela estrada de ferro da própria Vale, que liga a serra ao porto de São Luís, ou por via rodoviária. Neste caso, quando chega a Parauapebas o caminhão só tem uma alternativa: usar a única portaria da Vale que autoriza a entrada na Serra de Carajás. Qualquer material demora pelo menos 20 dias para chegar. Por isso, tudo tem de ser planejado nos mínimos detalhes.



Entrada da Floresta Nacional de Carajás, no município de Parauapebas. Na página ao lado, equipes no canteiro: Odebrecht terá mil trabalhadores no pico das obras



Jovens parceiros da Odebrecht em Carajás: a partir da esquerda, André Ribeiro, Ricardo Alves da Cunha, Henrique de Melo Paixão e Fabiano Munhoz. No detalhe, Diogo Santiago

Jovens parceiros têm atuação destacada

Em Carajás, atuam cinco jovens parceiros da Odebrecht. Henrique de Melo Paixão, engenheiro civil de Recife, foi o encarregado de cuidar da construção do alojamento na cidade de Parauapebas. Ricardo Alves da Cunha, engenheiro mecânico vindo de Igarapava (SP), começou a trabalhar na

Odebrecht em setembro de 2004 e tem sua primeira experiência fora da região Sudeste do país. André Ribeiro, de Salvador, trabalha com terraplenagem e pavimentação. Já esteve em Angola. Fabiano Munhoz, paranaense, cuida de obras civis e não enxerga dificuldades: foi o primeiro a experimentar

trabalhadores locais – e sua avaliação foi positiva. Motivação não falta ao grupo, como deixa evidente o caso de Diogo Wanderley Costa Santiago, de Recife. “Tenho achado tudo fantástico”, diz. Estimulado com o desafio, casou-se no final de outubro, alugou casa e mudou-se com a família para Parauapebas.

Parauapebas (palavra que em tupi-guarani significa rio de águas rasas) é uma cidade nova, que há apenas 16 anos ganhou autonomia. Desde então, vem dobrando de tamanho a cada cinco anos. Hoje tem pouco mais de 100 mil habitantes. É carente de saneamento básico, linhas telefônicas e moradia, por exemplo. A rede elétrica e o sistema de abastecimento de água foram instalados pela CVRD. Para conseguir abrigar os mil trabalhadores que precisará manter na região, a Odebrecht construiu um alojamento que é considerado modelo na cidade. Como outros alojamentos da Construtora, tem quartos e apartamentos, área de lazer, quadras esportivas, ambulatório, lavanderia, cantina, cozinha e refeitório, tudo prático e agradável, numa área cercada por mata virgem e ladeada por um riacho.

Os funcionários da Vale que trabalham em Carajás vivem com suas famílias numa vila construída na serra. As casas são todas iguais, sem muro na frente. Ali há cinema, supermercado, padaria, bancos, restaurantes, clube, escola e até um parque zoológico. Parauapebas vive sobretudo do comércio e da prestação de serviços para a Vale. Encontrar gente com qualificação



obras em Carajás que demandassem serviços da Odebrecht. Agora a Vale está novamente em crescimento e podemos contribuir para que ela atinja seus objetivos.”

Paulo André Laranjeira, da Odebrecht, Responsável por Administração e Finanças, destaca: “O planejamento criterioso e o cuidado com os detalhes são marcas que fazem diferença e que não abrimos mão de manter”. Os resultados têm sido positivos. “A Odebrecht é uma grande empresa, que responde rapidamente às nossas demandas. É disso que precisamos”, diz Paulo Linhares, da Geocret, empresa terceirizada que gerencia os contratos firmados com a CVRD.

A Serra de Carajás é considerada a maior província mineral do planeta. Numa área de 50 km², tem uma reserva estimada de 18 bilhões de t de ferro, 1 bilhão de t de cobre, 40 milhões de t de bauxita, 60 milhões de t de manganês e 124 milhões de t de níquel. Essa riqueza foi descoberta em 1967 por pesquisadores da empresa americana US Steel, comandados por Gene Tolbert, o primeiro a pisar no topo da serra. Tolbert criou, em sociedade com a CVRD, uma com-

para dirigir um caminhão pesado ou operar uma máquina não é tarefa fácil. Os trabalhadores com maior especialização precisam ser trazidos de outras partes do país. A previsão é de que, em junho de 2005, a Odebrecht tenha 500 pessoas vindas de fora da cidade trabalhando ali.

Para completar, ainda há uma questão incontrolável: o clima. Na temporada de inverno, que vai mais ou menos de dezembro a maio, a chuva castiga a Serra de Carajás de tal maneira que fica difícil circular pela estrada e absolutamente impossível qualquer tentativa de

terraplenagem. Nesses meses, já se sabe, é preciso reduzir o ritmo de trabalho e encontrar outras obras civis para fazer.

Considerados todos os componentes dessa equação, o Diretor de Contrato José Eduardo Bomfim Ferreira e sua equipe assumiram a tarefa a toque de caixa. Dois meses depois de firmado o contrato, a Odebrecht tinha 99 máquinas operando na terraplenagem. E havia atividade em todos os canteiros. “Temos uma relação produtiva e de confiança com a Vale e pretendemos mantê-la”, diz Bomfim. “Fazia 20 anos que não existiam

Parceria entre Odebrecht e CVRD começou na década de 70

A parceria entre a Construtora Norberto Odebrecht e a Companhia Vale do Rio Doce é antiga e já deu muitos frutos. As duas empresas nasceram na década de 1940, quando o mundo era agitado pela Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento tecnológico começava a apressar o passo. Mas a parceria entre as duas só seria iniciada na década de 70.

Para operar em áreas pouco exploradas do país, a Vale precisava investir em infraestrutura. Essa era justamente a vocação da Odebrecht. Foi assim que rodovias como a que vai de Parauapebas à mina de ferro de Carajás, estradas de ferro como a Ferrovia do Aço

e a de Carajás, usinas e hidrelétricas, construídas especialmente para atender às necessidades da Vale, levaram a marca da Odebrecht.

Em 1984, a Odebrecht construiu a usina de Carajás – 75% da montagem ficou a cargo da Tenenge, que esteve na Serra entre outubro de 1984 e julho de 1986. Depois disso, com o esfriamento da economia, os investimentos da Vale foram reduzidos e os empreendimentos conjuntos diminuíram. Ainda assim, nessa fase a Odebrecht esteve com a Vale nas minas de Itabira, Mariana e Timbopeba, em Minas Gerais, e em alguns projetos hidrelétricos, como o de Igarapava, no interior de São Paulo.

A virada do século trouxe bons ventos para a mineração brasileira. A Vale é uma das maiores empresas mundiais do setor e beneficiou-se bastante do crescimento da economia global. Muitos contratos de venda a longo prazo, sobretudo de ferro, foram fechados. Para atendê-los a contento era necessário investir no aumento da capacidade de produção e de exportação. A Odebrecht tem contribuído para essa expansão em diversas áreas. Tem restaurado e expandido a capacidade de produção da mina de ferro da Serra de Carajás e também melhorado as condições de embarque no porto da Ponta da Madeira, em São Luís.



A vila da CVRD, em Paraúpebas: casas iguais, sem muro na frente



Equipe Dirigente em Carajás: a partir da esquerda, Pedro Chaves, Paulo André Laranjeira, José Edurado Bomfim, Francisco Quirino, Enio Tack e Newton Bretz



Paulo Linhares: resposta rápida às demandas



Quirino Vitorino Nunes: integração de filosofias

panhia de exploração chamada Terraservice (mais tarde Docegeo). O mundo precisava de cobre, chumbo, zinco e níquel para alimentar as suas indústrias, e o Brasil começava a apontar como uma mina de materiais. O crescimento da Vale na década de 1970 foi enorme. Em 1972, as pesquisas em Carajás confirmaram: a região era de fato riquíssima. Mas era distante, praticamente inacessível. Foi necessária a construção da estra-

da de ferro ligando a serra ao porto de São Luís para viabilizar a exploração da jazida.

Em 1997, a Vale foi privatizada, comprou a participação da US Steel na Docegeo e na Amazônia Mineração e começou a investir mais pesadamente em Carajás. A expansão da empresa, desde sua criação em 1942, tem sido permanente. Mas em 2004 acelerou como nunca na história. O crescimento da economia ameri-

cana e da chinesa puxou o desenvolvimento mundial e a demanda por ferro e outros minerais aumentou muito. Isso fez com que a empresa investisse ainda mais. Hoje, no Brasil, a Vale está no topo das empresas privadas quando se leva em conta o volume de investimento.

A demanda pelos produtos da Vale é tão elevada que a empresa vende tudo o que produz. Hoje Carajás fornece 75 milhões de t por ano para o Brasil e para o exterior (para a Europa, a Ásia e os Estados Unidos). Saem da serra, em direção ao porto de Ponta da Madeira, 10 trens com 205 vagões carregando 110 t de ferro cada um, diariamente. Em 2006 deverão ser 85 milhões de t e já existe um plano de nova ampliação, que deverá elevar a capacidade para 100 milhões de t por ano.

“A expansão tem sido muito rápida em todas as áreas, não apenas na de ferro mas também na de manganês e de outros produtos”, diz Quirino Vitorino Nunes, coordenador de contrato da CVRD. “Nosso relacionamento com a Odebrecht tem sido bom. A Construtora está integrada na filosofia da Vale. Esperamos bons frutos dessa parceria para ampliações futuras, porque trabalho não faltará.”

No Maranhão, obra do Píer III permite ampliação das exportações

Colada ao porto de Itaqui, na Ponta da Madeira, em São Luís, no Maranhão, está a base da Odebrecht na Vale do Rio Doce que, há cerca de três anos, funciona como um cartão de visitas da Construtora e como um pólo multiplicador de negócios.

A história começou quando a Vale licitou um projeto para a construção do Píer III, com o objetivo de ampliar sua capacidade de exportação de minério. A Odebrecht decidiu propor à Vale um projeto alternativo para a obra. A idéia reduziu o tempo necessário à sua execução e os custos envolvidos, e aumentou a produtividade. O resultado foi tão positivo que, antes mesmo de o píer ficar pronto, a Vale contratou a Odebrecht para ampliá-lo.

“Houve uma profunda integração entre as duas empresas. A filosofia da Vale é muito parecida com a da Odebrecht. Ela é uma empresa competente, exigente e correta. É um excelente cliente”, diz Manoel Sandoval da Silva, da Odebrecht, Responsável por Administração e Finanças na ponta da Madeira.

Pouco a pouco, novas obras foram aparecendo – nas instalações da Vale em São Luís e também em outras áreas. Foi assim que surgiu a oportunidade de atuação da Odebrecht na mina da serra de Carajás, no Pará. Dentro do porto de São Luís, diversas encomendas já foram entregues. O Píer III, com aterro de 250 m de comprimento, ponte de acesso com 22 estacas escavadas e 565 m³ de concreto submerso, plataforma de transição com área de 2.100 m² e cais de 538 m de extensão, está em pleno funcionamento. Com ele a Vale ampliou sua capacidade de embarque – e de exportação



No alto, o Píer III e, acima, a Equipe Dirigente em São Luís: a partir da esquerda, Mário Schmidt, Alberto Wanderley, Mauro Hueb e Manoel Sandoval da Silva

tação – de 56 milhões para 74 milhões de t/ano.

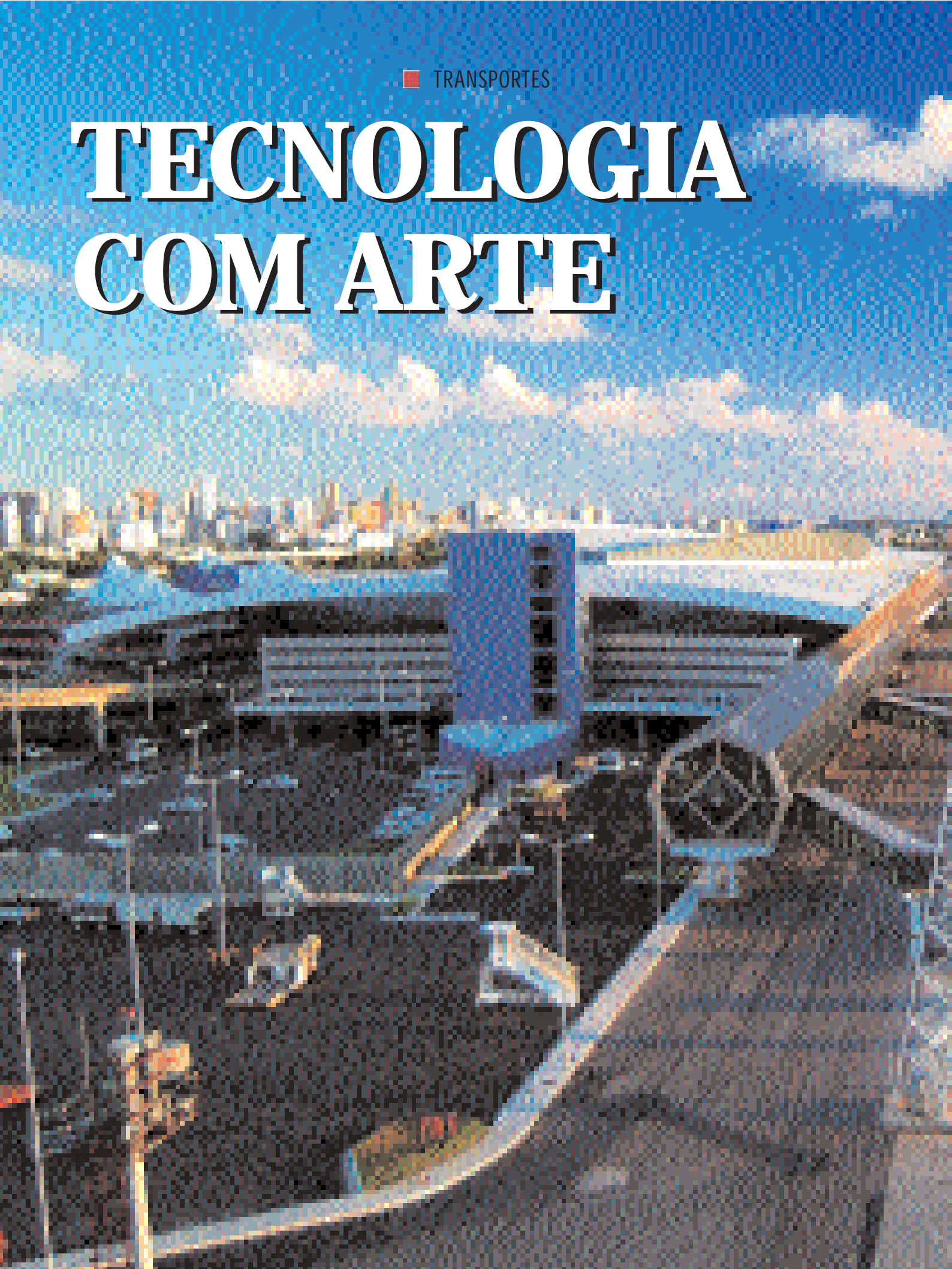
Já foram entregues também um reservatório, um píer para rebocadores e um túnel e estão em fase final de construção uma passarela, um pontilhão para o trem, um virador de vagões (poço com estrutura de concreto com 30 m de profundidade onde é feita a descarga de minério), uma linha de transporte de minério e o muro que contorna as instalações da Vale.

Hoje a Odebrecht tem oito pro-

postas aguardando decisão da Vale. Elas incluem a participação na construção de uma siderúrgica por um consórcio entre a mineradora brasileira e uma empresa chinesa, e um complexo de obras em Paragominas, distante 300 km de Belém, na mina Níquel Vermelho. “O casamento entre a Odebrecht e a Vale do Rio Doce é antigo e hoje São Luís tornou-se uma base estratégica de apoio para a conquista de novos negócios”, diz Mauro Hueb, da Odebrecht, Diretor de Contrato.

■ TRANSPORTES

TECNOLOGIA COM ARTE



Capaz de atender 5 milhões de passageiros por ano, novo Aeroporto Internacional dos Guararapes/Gilberto Freyre, em Recife, considerado o mais moderno do Brasil, equilibra apuro estético e funcionalidade e brinda os usuários com a exposição permanente de obras de destacados artistas pernambucanos

Cláudio Lovato Filho TEXTO • **Eduardo Moody** FOTOS



O novo Aeroporto de Recife: possibilidade de estacionamento simultâneo de 26 aviões

Em 1948, a Construtora Norberto Odebrecht, à época uma jovem empresa de quatro anos de existência, começava a construir a primeira estação de passageiros do Aeroporto de Salvador. A obra, concluída em 1950, marcou a estréia da empresa em obras aeroportuárias. Mais de 50 anos depois, em julho de 2004, a Odebrecht entregou à Infraero – Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária e ao Governo de Pernambuco o novo Aeroporto Internacional dos Guararapes/Gilberto Freyre, em Recife. Com um terminal de passageiros capaz de atender 5 milhões de usuários por ano e que impressiona pelo equilíbrio entre funcionalidade e beleza, é considerado um símbolo da eficiência da engenharia brasileira. Para a Odebrecht, a construção do Aeroporto dos Guararapes tem um significado ímpar na sua longa trajetória de participação em obras em aeroportos no Brasil e no exterior, na qual o primeiro passo foi dado naquele distante final dos anos 40, em Salvador.

“A Odebrecht tem uma grande experiência em obras aeroportuárias e a sua participação na construção do novo Aeroporto dos

Guararapes, o mais moderno do Brasil, constituiu um momento especial”, afirma João Pacífico, Diretor-Superintendente da Área Norte da Odebrecht Engenharia e Construção. “Nesse empreendimento, nos relacionamos ao mesmo tempo com dois de nossos clientes mais tradicionais: a Infraero e o Governo de Pernambuco. Foi uma experiência diferente, que exigiu de nossa parte um esforço adicional. Por tudo isso, a obra também representou uma excelente oportunidade para a integração e a formação de jovens parceiros”, ele acrescenta.

Construído na década de 40, o antigo Aeroporto dos Guararapes, situado exatamente ao lado de onde hoje está o novo, passou por sucessivas ampliações e tinha capacidade para atender 1,5 milhão de passageiros por ano. A demanda atual é de 2,5 milhões de passageiros. O novo aeroporto foi dimensionado para garantir o atendimento de 5 milhões de usuários por ano, número indicado nas estimativas relacionadas a 2017.

As obras do novo Aeroporto dos Guararapes, que absorveram até hoje investimentos da ordem de R\$ 250 milhões, começaram em janeiro de 2001, sob responsabilidade do consórcio formado pela Construto-



João Pacífico: momento especial



Passageiros na área de restituição de bagagem: condições para futura ampliação



Rosa Pandolfi e Fernando Dueire: vantagens para os usuários do aeroporto



Welington Moura: "O passageiro precisa se sentir à vontade, em um ambiente agradável"

ra Norberto Odebrecht (líder) e a Construtora Queiroz Galvão. O Governo de Pernambuco e o Governo Federal, este através da Infraero, licitaram a obra e contrataram o consórcio construtor.

"Houve uma grande mobilização de forças para que esse projeto fosse realizado", salienta Fernando Caminha Dueire, Secretário Estadual de Infra-estrutura. "Pernambuco não podia esperar mais. O Estado precisava de um novo aeroporto havia mais de 15 anos. Surgiu um ambiente propício para a união de forças, e esse ambiente resultou numa grande convergência de objetivos que tornou possível a realização do empreendimento dentro do prazo esperado e de um padrão de qualidade que superou as nossas melhores expectativas."

Fernando Dueire gosta de contar uma história que ajuda a explicar seu envolvimento emocional com o projeto. Quando era um menino de mais ou menos 10 anos, ia passear no antigo aeroporto, todos os domingos, levado pelo avô paterno, João. Era um programa que deixava o garoto encantado. Hoje, é uma lembrança que faz o homem maduro, de 45 anos, se emocionar. "Penso muito nisso. Recordo meus passeios com meu avô e então me vejo aqui, contribuindo para a realização desta obra."

Rosa Pandolfi, Secretária-Executiva de Transportes da Secretaria Estadual de Infra-estrutura, assinala que a construção do aeroporto no mesmo local do antigo, na área urbana de Recife, foi uma opção da cidade. "Fizemos uma ampla pesquisa e ficou evidente o desejo da maioria de que a localização do aeroporto fosse mantida. O Aeroporto de Recife está situado estrategicamente, o que só traz vantagens para os usuários." A Odebrecht está participando da construção do sistema viário de acesso ao aeroporto. Essa obra, que inclui a exe-



O edifício-garagem: cinco níveis e 2.020 vagas



O painel "Pastoral", de Francisco Brennand

cução de dois viadutos e a implantação de várias vias locais, permitirá uma melhor ordenação das condições de trânsito na área. "Nossa sensação é de acerto", resalta o Secretário Fernando Dueire. "Acerto e conforto."

O projeto executivo de arquitetura do novo aeroporto, de autoria da Moretti Arquitetura, adotou o conceito do Aeroshopping. A previsão é de que sejam instaladas 130 lojas no terminal. No entanto, o aspecto comercial não foi o único a ser privilegiado. A cultura pernambucana foi bastante valorizada no projeto. O novo Aeroporto dos Guararapes tem arte espalhada por seus corredores e recantos, o que, com frequência, transmite a sensação de que o aeroporto é, também, uma grande galeria. Pinturas e esculturas dos artistas Francisco Brennand, João Câmara, Abelardo da Hora, Pedro Frederico, Gil Vicente e José Cláudio, além de reproduções de painéis de Lula Cardoso Ayres, estão presentes em todo



Os engenheiros Renato Bortoletti (à esquerda) e Jayro Poggi no pavimento técnico: jovens parceiros da Odebrecht no empreendimento

Um passeio pelo novo aeroporto

O novo terminal de passageiros do Aeroporto dos Guararapes tem quatro pavimentos. No térreo ficam o saguão de desembarque, as áreas de apoio operacional e de restituição de bagagem, os salões para embarque e desembarque remotos e as instalações da Polícia Federal, Civil e Militar.

O primeiro pavimento inclui o saguão de embarque, no qual se origina o complexo de circulação vertical que possibilita a interligação dos pavimentos e a distribuição do fluxo de circulação de passageiros no aeroporto. Esse sistema compreende um amplo espaço no centro do prédio, elevadores panorâmicos, um conjunto de escadas rolantes e uma escada suspensa, também chamada de Escada Monumental. Trata-se de um dos destaques do projeto arquitetônico, por seu arrojo e apuro estético. A área de *check-in* possui 64 balcões, para atendimento tanto de vôos domésticos quanto de internacionais, distribuídos em dois blocos. A sala de embarque tem três ambientes, para vôos domésticos e internacionais, além de um espaço reversível, a ser utilizado de acordo com a necessidade.

O segundo pavimento concentra a área comercial do aeroporto, com a praça de alimentação e o mirante. A grande clareira, que se tornou um espécie de logo-

tipo do novo Aeroporto dos Guararapes, permite uma grande incidência de luz natural nesse pavimento. Grandes panos de vidro laminado, utilizados na fachada voltada para o pátio de aviões – assim como na fachada do lado leste, em frente ao edifício-garagem –, conferiram ao terraço panorâmico um elevado grau de transparência e charme.

Um capítulo à parte é o pavimento técnico, entre o térreo e o primeiro pavimento. Espaço intermediário que abriga um mundo que pouca gente vê e que a grande maioria dos usuários do aeroporto sequer sabe que existe, ele contém os principais elementos da infra-estrutura do terminal, como tubulações de água fria e gelada, máquinas e redes de dutos de ar-condicionado e de ventilação, sistema de energia elétrica, sistemas eletrônicos e de telefonia. Esse pavimento, também conhecido como galeria técnica, é o local onde funcionam três subestações de energia elétrica, cada uma com capacidade de 1.500 kVA. Com 4 mil m², o pavimento técnico recebe as tubulações procedentes da central de utilidades/água gelada e se estende por todo o comprimento do terminal. É conectado aos outros pavimentos através de quatro *shafts* verticais, pelos quais se faz a distribuição das redes que alimentarão todos os pavimentos.

"Aqui está o coração do aeroporto", diz o engenheiro Renato Bortoletti, da Odebrecht, integrante do Programa de Produção nas obras do aeroporto. "Isso é o que faz o aeroporto funcionar", reforça o engenheiro Jayro Poggi, também da Odebrecht, responsável pela coordenação de projetos e por planejamento, integrante do Programa de Engenharia.

O tratamento arquitetônico das fachadas do novo Aeroporto dos Guararapes privilegia o aproveitamento de iluminação natural, o que torna o ambiente mais agradável e possibilita redução de gastos com energia. O revestimento das fachadas foi feito com placas de alumínio (fachadas norte e sul) e estruturas metálicas inclinadas com vidro (leste e oeste), para garantir nobreza à paisagem externa. O conforto termoacústico dos usuários foi motivo de diversos estudos e um aspecto sempre presente no desenvolvimento dos projetos executivos. Na cobertura, o sanduiche triplo de telhas metálicas – composto de uma telha inferior perfurada, uma chapa metálica lisa intermediária e uma telha metálica superior, intercaladas por mantas de lã de vidro –, formando um conjunto termoacústico, foi a solução adotada para garantir o conforto acústico dos usuários do terminal e o desempenho eficiente do sistema de ar-condicionado.

o aeroporto. O painel cerâmico “Pastoral”, de Brennand, que estava montado no antigo terminal desde 1958, foi transferido para o novo prédio. “Além de toda a sua modernidade, o Aeroporto Internacional de Recife oferece aos usuários a oportunidade de apreciar obras de artistas de Pernambuco, o que torna sua permanência no aeroporto ainda mais agradável”, salienta Wellington Moura, Superintendente Regional da Infraero.

A valorização da cultura pernambucana no projeto do novo Aeroporto dos Guararapes é um aspecto destacado por Bruno Dourado, Diretor do Contrato. “A Odebrecht não participou deste empreendimento apenas como uma empresa de construção. Seu envolvimento com a comunidade tem sido intenso. A contribuição cultural vem constituindo um dos pontos altos dessa interação.”

Foi instalado no aeroporto um painel do artista plástico João Câmara. Com 85 m², 18 m de altura e 3,5 t, a tela foi executada no ateliê do artista, na Ladeira de São Francisco, em Olinda. Seus 40 esboços e estudos foram comprados pelo Consórcio Odebrecht-Queiroz Galvão e serão doados ao Museu do Estado. “O povo de Pernambuco é muito cioso de sua cultura. Contribuir para a preservação do patrimônio artístico do estado é uma forma de dizer aos pernambucanos que não estamos focados apenas na execução de uma obra. Queremos nos integrar à sociedade na defesa e valorização de sua identidade”, salienta o também pernambucano Bruno Dourado.

Motivo de orgulho de recifenses e pernambucanos, o novo terminal tem 54 mil m², quatro pavimentos (*veja box*), 11 pontes para embarque e desembarque (fabricadas na Espanha com tecnologia alemã) e 64 balcões de *check-in* e permite o estacionamento simultâneo de 26 aviões. Um conector de embarque e desembarque, na forma de um grande túnel envidraçado com esqueleto estrutural de aço, com 510 m de extensão, construído em dois níveis, evita a mistura dos fluxos inversos de passageiros e interliga o terminal às 11 pontes de embarque.

O complexo é formado ainda por um edifício-garagem com 72 mil m² e 2.020 vagas de estacionamento. São cinco níveis escalonados com amplos terraços ajardinados. A cobertura abriga uma praça destinada a eventos e recepção de turistas.

No pátio de aeronaves, foi construído um queroduto, para permitir o abastecimento dos aviões através de uma rede de dutos instalada sob as placas de concreto do pátio. Com isso, é evitada a necessidade de tráfego de caminhões de abastecimento na pista. Um sistema de esgoto a vácuo, também instalado no pátio, facilita a captação de dejetos sanitários dos aviões.



No alto, momento da visita do Presidente Lula ao aeroporto. Acima, a partir da esquerda, o Governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, o Presidente da Infraero, Carlos Wilson, e o Diretor de Contrato Bruno Dourado na cerimônia de início de operação do aeroporto

Com relação ao projeto estrutural, o principal destaque é a grande cobertura curva estruturada em vigamentos metálicos e constituída de pórticos treliçados com vãos de 15 m. No centro da cobertura, foi construída uma cúpula de forma elíptica que abrange todo o saguão principal. Integrantes das empresas presentes no empreendimento a chamam de “a quinta fachada”. É como se fosse o logotipo do aeroporto. Outro ponto importante foi a solução utilizada nas salas de restituição de bagagem. A execução de vigas protendidas de concreto armado tornou possível a obtenção de vãos de 30 m entre os pilares, o que permite total flexibilidade a futuras ampliações do sistema de restituição de bagagens.

O Superintendente Regional Wellington Moura afirma que, na construção do novo aeroporto, foi usado o que há de melhor no mundo em termos de material e tecnologia. “As pontes de embarque são as mais modernas em utilização. Os sistemas operacionais fazem com que o aeroporto aumente a eficiência e proporcione mais conforto sem reduzir a segurança, diminuindo custos dentro dos moldes exigidos pela aviação civil.” Ele ressalta um outro aspecto que caracteriza o novo aeroporto: a qualidade do atendimento ao cliente. “A Infraero tem inves-

A ODEBRECHT EM OBRAS AEROPORTUÁRIAS

A ODEBRECHT JÁ ATUOU EM 33 AEROPORTOS DO BRASIL E DO EXTERIOR, EXECUTANDO UM TOTAL DE 57 CONTRATOS. NO BRASIL, REALIZOU OBRAS EM 23 AEROPORTOS, E NO EXTERIOR, EM 10. A SEGUIR, ALGUNS DOS MOMENTOS MAIS MARCANTES DESSA ATUAÇÃO.

• **ILHÉUS, 1957** – Após construir a primeira estação de passageiros do Aeroporto de Salvador, entre 1948 e 1950, a Odebrecht faz o revestimento de pistas do Aeroporto de Ilhéus (BA), entre março e outubro de 1957.

• **ITABUNA, 1960 A 1962** – A Odebrecht assume a responsabilidade de construir as pistas do Aeroporto de Itabuna (BA), entre 1960 e 1962.

• **SALVADOR E CANAVIEIRAS, 1960 A 1963** – Faz trabalho idêntico no Aeroporto do Aeroclube de Salvador e no Aeroporto de Canavieiras, de 1960 a 1963.

• **SALVADOR, 1971 A 1977** – Volta às obras aeroportuárias na Bahia para realizar o prolongamento das pistas do Aeroporto de Salvador, entre 1971 e 1977.

• **POÇOS DE CALDAS, 1961** – É responsável pela terraplenagem e pela execução de obras-de-arte correntes no Aeroporto de Poços de Caldas (MG).

• **ARACAJU, 1962** – A empresa executa serviços no Aeroporto de Aracaju, os quais incluem revestimento das pistas de pouso e decolagem, construção da pista de taxiagem e pintura de sinalização.

• **FORTALEZA, 1963 E 1964** – A Odebrecht reforça as pistas e constrói o pátio de taxiagem e estacionamento de aeronaves.

• **BAIXO GUANDU, 1967 E 1968** – No Espírito Santo, constrói as pistas do Aeroporto de Baixo Guandu.

• **RIO DE JANEIRO, 1973 A 1986** – Vivendo a fase de expansão nacional, a Odebrecht começa a participar, em 1973, de um das obras mais emblemáticas de sua história: a construção do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o Galeão. Entre aquele ano e 1986, a empresa ergue um complexo aeroportuário com capacidade para atender 8 milhões de passageiros por ano. Nesse projeto, é iniciada a parceria que culmina na aquisição da Companhia Brasileira de Projetos e Obras – CBPO pela Odebrecht.



Aeroporto do Galeão, no Rio

• **RIO DE JANEIRO, 1989 A 2000** – A Odebrecht constrói o segundo terminal de passageiros (TPS 2) do Galeão. No Rio de Janeiro, a empresa também atua no Aeroporto Santos Dumont: em 1998, participa da reconstrução do aeroporto depois do incêndio que o destruiu por completo. Em 2003 e 2004, executa serviços de reforma e adequação do pátio de estacionamento de aeronaves. A atuação no Santos Dumont tem prosseguimento com a ampliação do aeroporto, iniciada em outubro de 2004 (veja *boxe*).

• **ARACAJU, 1997 E 1998** – A Odebrecht realiza a ampliação do Aeroporto de Santa Maria, em Aracaju.

• **PALMAS, 1999 A 2001** – A empresa constrói o Aeroporto de Palmas, em Tocantins, o mais novo estado brasileiro.

• **GAVIÃO PEIXOTO, 2002** – Contratada pela Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), a Odebrecht executa a pista de testes do Pólo de Gavião Peixoto (SP).

• **MIAMI, ORLANDO E FORT LAUDERDALE (EUA), A PARTIR DE 1992** – No exterior, a atuação da Odebrecht no setor aeroportuário concentrou-se nos Estados Unidos, em Portugal e no Chile. No Aeroporto Internacional de Miami, onde está presente desde 1992, a empresa executa hoje o seu décimo terceiro contrato, construindo o Terminal Sul e o Concourse J (prédio para embarque e desembarque de passageiros). Também foram realizadas obras no Aeroporto de Orlando, entre as quais a ampliação do Terminal Norte, e no Aeroporto de Fort Lauderdale, no qual a Odebrecht construiu um pátio de manobras de aeronaves.

• **PORTUGAL, DE 1984 A 2002** – A Bento Pedrosa Construções – BPC, subsidiária da Odebrecht no país, realiza serviços nos aeroportos de São Nicolau, Praia, São Vicente, Montijo, São Miguel, Faro e do Porto.

• **SANTIAGO (CHILE), ENTRE 1992 E 1994** – A Odebrecht tem sob seu encargo a construção da primeira fase do novo terminal de passageiros do Aeroporto Arturo Merino Benítez, em Santiago.



Ernesto Camarço: diálogo com os diversos clientes da Infraero no empreendimento

tido muito nesse sentido, realizando cursos para suas equipes. No aeroporto, o passageiro precisa se sentir à vontade, em um ambiente confortável.”

O cearense Ernesto Escóssia Camarço, Gerente de Obras da Infraero no Aeroporto dos Guararapes, 28 anos, começou a trabalhar em aeroportos aos 22, em Fortaleza, sua cidade natal. Atualmente também é responsável pela implantação do projeto de ampliação da Infraero no Aeroporto de Maceió. Ernesto destaca que o Aeroporto dos Guararapes é hoje referência para toda a rede de aeroportos da Infraero no Brasil. Segundo ele, um dos principais desafios da Infraero foi a necessidade de harmonizar os interesses – por vezes divergentes – dos vários clientes da empresa no aeroporto, entre eles os órgãos públicos e os concessionários. “A compatibilização dos projetos foi resolvida com muito diálogo”, relata Ernesto. A execução de um projeto arquitetônico complexo, outro desafio apontado por Ernesto, foi solucionada com base na capacitação e na experiência das empresas participantes do empreendimento. Assim como o Secretário Fernando Dueire, Ernesto admite que tem forte ligação pessoal com a obra que ajudou a realizar. “É impossível evitar o envolvimento emocional”, ele diz, olhando para o painel “Pastoral”, sua peça favorita.

Um trabalho iniciado em 2000 e que consistiu em um dos diferenciais do empreendimento foi a coordenação dos projetos executivos. No site criado especialmente para a obra, os projetistas inseriam seus trabalhos, que eram consultados a todo o momento pelos participantes do empreendimento. “Todos na obra estavam em permanente comunicação, através de rede”, relata Bruno Dourado. “Isso nos permitiu um enorme ganho de agilidade, ao assegurar a integração e a sintonia entre os diferentes programas. Todos sabiam exatamente o que estava ocorrendo, o momento do início e do término de cada serviço, enfim, o andamento global do trabalho.”

Bruno Dourado acentua que, por seu porte e sua complexidade, a obra ofereceu um ambiente valioso para a formação de jovens parceiros. Foram 14, no total. Entre eles os engenheiros Jayro Poggi e Renato Bortoletti, ambos de 26 anos. Jayro, integrante do Programa de Engenha-

ria, é responsável por planejamento e pela coordenação dos projetos executivos que balizam cada procedimento tomado na obra. Renato faz parte do Programa de Produção e é um dos maiores conhecedores do novo aeroporto. “Este é um empreendimento multidisciplinar, no qual o jovem engenheiro pode vivenciar uma grande variedade de experiências proporcionadas pela engenharia, da terraplenagem à automação”, ressalta Bruno.

Para que as obras no novo Aeroporto dos Guararapes estejam totalmente concluídas, ainda faltam o término do prolongamento do conector, por 150 m (avancando pelo antigo terminal), e a instalação de quatro pontes de embarque e desembarque. Esse trabalho final está sob responsabilidade do jovem parceiro Renato Bortoletti.



Equipe Dirigente: a partir da esquerda, Gilmar Borba, Marcos Russo, José Eudes Vasconcelos, Carol Pedrosa e Bruno Dourado

Ele e seus companheiros estão orgulhosos do resultado de sua atuação. Quando relembram algum momento de especial significado durante sua participação na construção do novo Aeroporto dos Guararapes, não hesitam em apontar a visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva como um dos acontecimentos mais memoráveis. O Presidente Lula esteve no aeroporto em 19 de setembro, acompanhado do Ministro da Indústria e Comércio, Luís Fernando Furlan. Eles foram recebidos na ponte de desembarque pelo Presidente da Infraero, Carlos Wilson Campos, e pelos ministros Eduardo Campos, da Ciência e Tecnologia, e Humberto Costa, da Saúde. Lula percorreu todas as instalações do novo terminal. Declarou-se surpreso por sua beleza e funcionalidade e afirmou que a obra comprova o talento da engenharia brasileira.

Começam as obras de ampliação do Aeroporto Santos Dumont

O Santos Dumont, no Rio de Janeiro, começou em 2004 a se transformar em um novo aeroporto. A cargo do consórcio formado pela Odebrecht (líder), Carioca e Construcap, a ampliação do aeroporto teve início em novembro, com a mobilização do canteiro de obras e das equipes. O contrato com a Infraero havia sido assinado em outubro, o mesmo mês em que foi expedida a ordem de serviço. A previsão é de que a obra esteja concluída em 31 meses.

O aeroporto receberá um novo terminal de passageiros, com 29 mil m². O terminal atual será reformado. Serão instaladas nove pontes de embarque e desembarque de passageiros. Um conector para



A maquete mostra como ficará o Santos Dumont depois das obras

acesso às pontes, ocupando 8.177 m², com estrutura metálica e uso intensivo de vidro, é um dos destaques do projeto. Pátios e pistas serão ampliados e reformados. O aeroporto ganhará também um novo sistema de acesso viário.

Com as obras, a capacidade de atendimento do Santos Dumont passará de 3,5 milhões para 8,5 milhões de passageiros/ano. O projeto de ampliação prevê que o novo terminal seja destinado exclusivamente ao embarque de passageiros. O terminal existente será

utilizado apenas para desembarque. O aeroporto, que hoje tem condições de receber no máximo aeronaves A-319, ficará apto a receber modelos 737-900. A área construída passará de 19 mil m² para 61 mil m². A área comercial, que tem hoje 3.140 m², será ampliada para 25.100 m².

“A cidade vai dispor de um equipamento urbano muito melhor”, afirma, com entusiasmo, Germinio Costa, da Odebrecht, Responsável por Engenharia. Ele destaca que o maior desafio do consórcio será realizar as obras com o aeroporto em pleno funcionamento. “Para o superarmos, será preciso estabelecer com a Infraero um rigoroso planejamento da operação do aeroporto”, ele salienta.



Luiz Carlos Xavier (ao centro) com integrantes da Braskem e Valdete dos Santos (à direita): desenvolvimento da consciência cidadã

Muito além da adaptação à realidade

Núcleos de Defesa Comunitária da Braskem ajudam pessoas que vivem em áreas próximas às tubulações que conduzem produtos petroquímicos a criar novas perspectivas socioeconômicas

Alessandra Nascimento TEXTO • **Christian Cravo** FOTOS

Para os quase 2 mil moradores das comunidades de Pitanga de Palmares, Futurama, Menino Jesus, Passé e Madeira, situadas entre os municípios baianos de Dias D'Ávila, Camaçari, Aratu e Candeias, a noção de morar numa área de risco era fictícia até dois anos atrás. Residentes em locais próximos a tubulações que conduzem produtos petroquímicos entre a Refinaria Lan-

dolfo Alves, o Porto de Aratu, a Dow Química e o Pólo Petroquímico de Camaçari, eles tinham pouco conhecimento sobre a necessidade de segurança. O funcionamento das 22 tubulações – 10 das quais pertencentes à Braskem – com 30 km de extensão exige procedimentos rígidos, já que passam por áreas habitadas.

A criação dos Núcleos de Defesa Comunitária, os Nudecs, da Braskem, em

2002, deu uma nova perspectiva às pessoas que moram nessas áreas. Luiz Carlos Xavier, Coordenador de Transferência de Insumos Básicos da Braskem, lembra como ocorreu o início da implantação dos Nudecs: "Promovemos um trabalho de esclarecimento, sensibilizando líderes da comunidade, que foram encaminhadas aos quatro Nudecs para atuar como agentes multiplicadores. Evitar queimadas, escavações e depredações na dutovia é prioridade. As pessoas são orientadas, num caso de vazamento iminente, a deixar suas residências e seguir para as saídas das áreas de risco."

Xavier salienta que os Nudecs já começam a dar frutos. "Elaboramos uma cartilha com uma linguagem diferenciada. Profissionais acompanham esse projeto para apurar se nossos objetivos com educação estão sendo atingidos. Temos uma parceria com o Brasil Alfabetizado, do Governo Federal, no qual 211 pessoas, dos 20 aos 70 anos, estão inscritas. Com a Fundação José Silveira, estamos identificando nas comunidades possibilidades de trabalhar com cooperativas locais. Buscamos plantar noções de cidadania e melhorar a auto-estima dessas comunidades carentes que enfrentam problemas reais de desemprego."

"É muito gratificante participar de um Nudec. O trabalho que fazemos é voluntário. O Nudec traz para a nossa comunidade o projeto Brasil Alfabetizado, através do Governo Federal, e a perspectiva de criação da cooperativa de pescadores, em parceria com a Fundação José Silveira", diz Maria Aparecida da Cruz Sena, a dona Cida, como é conhecida na comunidade. "Vejo no sorriso das pessoas o quanto elas se sentem diferentes. Isso mexe com sua auto-estima".

Comerciante de 26 anos, Meire dos Santos Neves destaca a importância dos Nudecs na prevenção de acidentes. "Passei a ter mais segurança quanto às tubulações. Sei o quanto é vital o trabalho preventivo. Ele é a mola-mestra para evitar acidentes. No Nudec, aprendemos rotas de fuga para apontar à população diante do menor sinal de perigo".



Meire dos Santos Neves: importância do trabalho preventivo



Maria Aparecida da Cruz Sena orienta alunos da rede municipal: "Vejo no sorriso das pessoas o quanto elas se sentem diferentes"

A auxiliar de serviços gerais Valdete dos Santos, 30 anos, a Dete, de Pitanga dos Palmares, complementa: "Moramos numa área cercada pelos dutos. Graças ao Nudec e à parceria com a Fundação José Silveira, estamos resgatando nossa cidadania e formando uma oficina de corte e costura. Pretendemos inscrever mais de 40 pessoas".



Helanda Cavalcanti

Ruth Cardoso faz sua exposição durante o Fórum Internacional Brasil 2015, em São Paulo: desafios na área social



Oportunidades para celebrar e refletir

Karolina Gutiez TEXTO

Fórum internacional, exposições e homenagens ao fundador Norberto Odebrecht marcam as comemorações dos 60 anos da Odebrecht

Como parte das comemorações de seus 60 anos de fundação, a Odebrecht realizou o Fórum Internacional Brasil 2015 – Oportunidades e Desafios, dia 23 de novembro, em São Paulo, para cerca de 300 pessoas. A finalidade do fórum foi provocar reflexões sobre as perspectivas do Brasil nos próximos 10 anos e a formulação de propostas no rumo da construção de uma sociedade mais justa. Participaram do evento Felipe González, Primeiro-Ministro da Espanha de 1982 a 1996; Ruth Cardoso, idealizadora dos programas do Comunidade Solidária e hoje Presidente da ONG Comunitas; Luciano Coutinho, professor do Instituto de Economia da Unicamp; e Renato Janine Ribeiro, professor de Ética e Filosofia Política na USP. O mediador do encontro foi o jornalista Roberto D’Ávila.

“Ao convidá-los para expor suas idéias e conosco debatê-las, tivemos em mente colocar em linhas de convergência, de um lado, a experiência do Primeiro-Ministro González, que traz consigo o exemplo de uma das mais bem-sucedidas transformações que uma sociedade ocidental pôde assistir; e do outro, as contribui-



ções de três pensadores brasileiros, que se identificam na visão positiva que têm sobre nosso futuro e nossa capacidade de superar, como a Espanha o fez, os desafios do desenvolvimento”, disse Emilio Odebrecht, Presidente do Conselho de Administração da Odebrecht S.A., na abertura do fórum.

Ruth Cardoso falou dos desafios na área social e defendeu um debate mais amplo entre Governo, empresas e entidades do Terceiro Setor com a finalidade de encontrar soluções para a criação de capital social no Brasil.

Luciano Coutinho destacou os principais desafios do Brasil no rumo do crescimento econômico sustentável, a exemplo de investimentos em infra-estrutura, avanço nas exportações, criação de oportunidades de trabalho e implementação de políticas sociais eficientes.

Renato Janine Ribeiro tratou da questão cultural e das ligações entre o desenvolvi-

mento social e o econômico, destacando que o desafio para os próximos anos é garantir educação para todos.

Felipe González falou sobre sua experiência de 14 anos como Primeiro-Ministro, período em que a Espanha conseguiu avançar em seu processo de desenvolvimento sustentável. Quando assumiu o cargo, do ponto de vista socioeconômico o país se encontrava muito próximo do Brasil de hoje. Por isso, Felipe González pôde traçar paralelos entre a realidade dos dois países. Referindo-se à Organização Odebrecht, afirmou: “Uma empresa só se desenvolve ao longo de 60 anos se mantiver uma identidade clara, objetivos permanentes, capacidade de adaptação e de flexibilidade para alcançar os objetivos propostos, um compromisso forte, habilidade para coordenar equipes e impecabilidade no trabalho realizado. Só assim uma organização sobrevive 60 anos, com êxito, num mundo em transformação”.

Mesa do Fórum Internacional Brasil 2015: Renato Janine Ribeiro, Felipe González, Roberto D’Ávila, Ruth Cardoso e Luciano Coutinho

Integrante da Odebrecht na Base Macaé, no litoral do Rio de Janeiro, visita a exposição. Abaixo, visitantes da mostra na Braskem, no Pólo Petroquímico de Camaçari (BA)



EXPOSIÇÃO EM BRASÍLIA

No dia 9 de novembro, a abertura da exposição Odebrecht 60 Anos, na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em Brasília, contou com a presença do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, do Presidente do Senado, José Sarney, e dos ministros Márcio Thomaz Bastos, da Justiça; Roberto Rodrigues, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Humberto Costa, da Saúde; Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indús-

tria e Comércio Exterior; Dilma Rousseff, de Minas e Energia; Eduardo Campos, da Ciência e Tecnologia; Waldir Pires, do Controle e da Transparência; Henrique Meirelles, Presidente do Banco Central; e de Nilmário Miranda, Secretário Especial dos Direitos Humanos, e Jaques Wagner, Secretário Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.

“Para os cidadãos brasileiros, ter uma empresa nacional como a Odebrecht é motivo de orgulho”, salientou o Presidente Lula



O Presidente Lula, acompanhado de Emilio Odebrecht, do Presidente da CNI, Deputado Armando Monteiro, do Senador José Sarney e de ministros de Estado, ouve apresentação de Márcio Polidoro, Responsável por Comunicação Empresarial na Odebrecht S.A. (à esquerda), sobre a exposição em Brasília

no discurso que fez depois de visitar a exposição. “Quem viaja pela América do Sul, por alguns países da África ou pelo Brasil, normalmente encontra a mão da Odebrecht em alguma coisa. Não são muitos os quilômetros de estradas brasileiras que podemos percorrer sem passar por um quilômetro feito pela Odebrecht.”

Exposições sobre os 60 anos foram realizadas em canteiros de obra, unidades industriais e escritórios da Odebrecht.

HOMENAGENS AO FUNDADOR NORBERTO ODEBRECHT

A Associação Comercial da Bahia ofereceu um coquetel, no dia 24 de novembro, em

homenagem aos 60 anos da Organização Odebrecht. Lise Weckerle, Presidente da entidade, entregou uma placa alusiva à data a Norberto Odebrecht, como símbolo do reconhecimento do empresariado baiano. Ao saudar o fundador da Organização, Lise expressou “os votos de continuado sucesso a todos os que participam como dirigentes e integrantes da Odebrecht, que tanto engrandece a Bahia e o Brasil.”

No dia 23 de novembro, Norberto Odebrecht recebeu uma comenda da Asociación Iberoamericana de Cámaras de Comercio, que o escolheu como Personalidade Empresarial Brasileira de 2004.



Em novembro, foi publicada a edição especial de Odebrecht Informa sobre os 60 anos da Odebrecht.



Núcleo da Cultura Odebrecht: apresentação da filosofia e da trajetória da Organização e das realizações de seus integrantes

■ MEMÓRIA

Novo espaço para a preservação da história

Inaugurado o Núcleo da Cultura Odebrecht, em Salvador

Karolina Gutiez TEXTO • **Holanda Cavalcanti** FOTOS

“O NÚCLEO DA CULTURA Odebrecht é uma homenagem a todas as pessoas que transformam o compromisso de servir em resultados, contribuindo para manter a Organização Odebrecht no rumo da Sobrevivência, do Crescimento e da Perpetuidade”, diz a placa descerrada por Norberto Odebrecht e

Regina Odebrecht, esposa de Emílio Odebrecht, Presidente do Conselho de Administração da Odebrecht S.A., durante a cerimônia de inauguração do espaço, no dia 25 de novembro, como parte das comemorações dos 60 anos da fundação da Organização, no edifício-sede, em Salvador.

O Núcleo da Cultura substitui o antigo Núcleo da Memória e foi concebido de modo a combinar – de forma dinâmica – Filosofia, Pessoas e História Empresarial, com o objetivo de transmitir a Cultura da Organização.

A narrativa dos fatos ocorridos ao longo do tempo, à luz dessa com-



Momentos da inauguração do Núcleo da Cultura Odebrecht: 1. Norberto Odebrecht, Pedro Mariani, Gilberto Sá, Victor Gradin e José Carlos Grubisich; 2. Piero Marianetti e Bernardo Gradin; 3. João Sá, Norberto Odebrecht, Rubens Ricupero e Márcio Polidoro; 4. Emílio Odebrecht, Marcelo Odebrecht e Norberto Odebrecht; 5. Regina Odebrecht, esposa de Emílio Odebrecht, e Norberto Odebrecht; 6. Renato Martins e Norberto Odebrecht; 7. Renato Baiardi, Norberto Odebrecht e Pedro Mariani; 8. Pedro Novis e Norberto Odebrecht; e 9. Luis Almeida, Rubens Ricupero, José de Freitas Mascarenhas e Emílio Odebrecht

binação dinâmica de princípios e concepções filosóficas com momentos históricos marcantes, permite identificar nos atos das pessoas e em suas realizações os valores e crenças que pautaram e pautarão a trajetória da Odebrecht no rumo da Sobrevivência, do Crescimento e da Perpetuidade.

O propósito primordial do Núcleo é, ao mostrar as conquistas, as realizações e os aprendizados do passado, ser um dos meios impulsionadores das conquistas, das realizações e dos aprendizados do futuro, expressando simbolicamente a comunicação entre as gerações que integram a Organização.

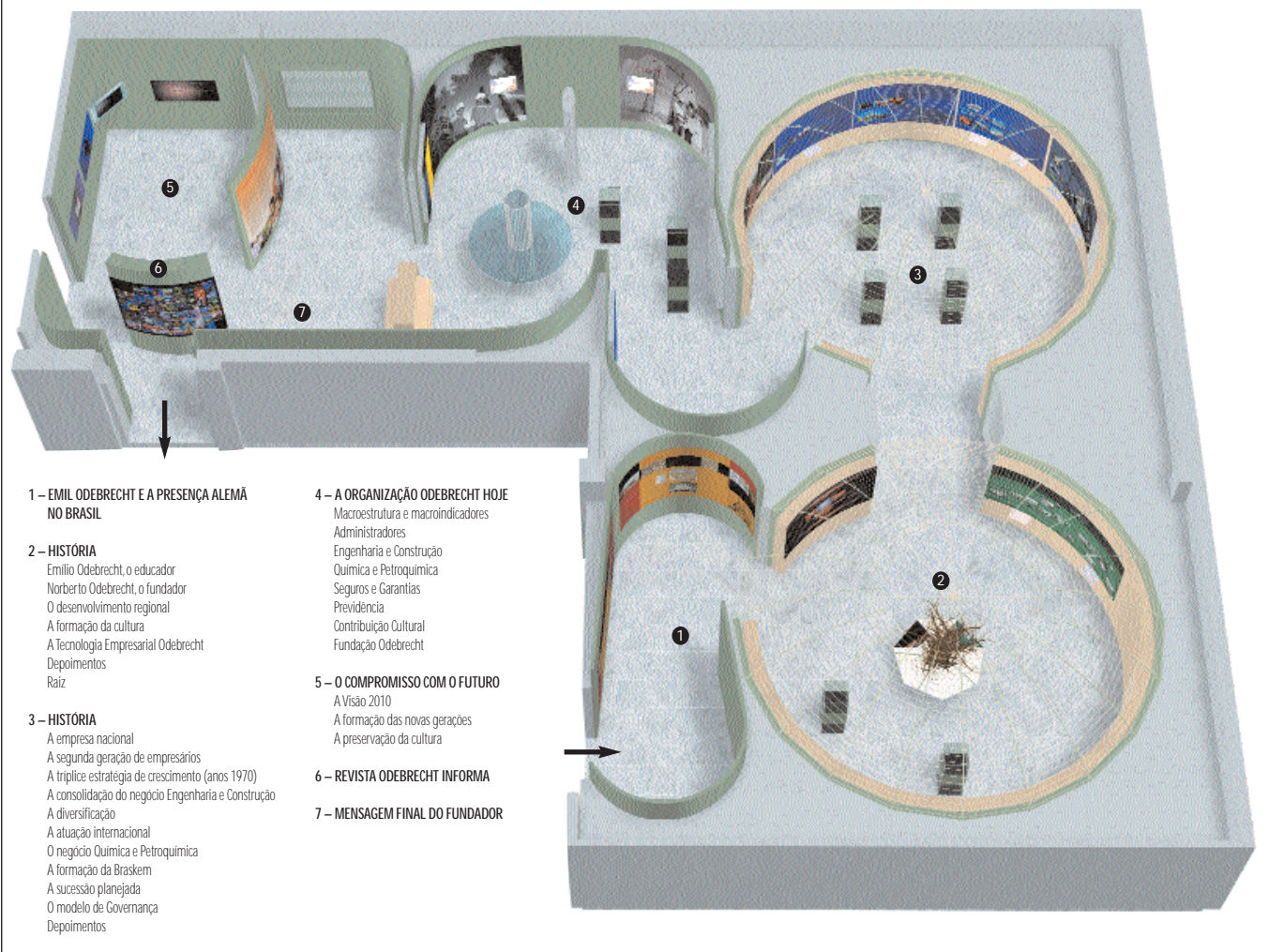
Essa comunicação que o Núcleo proporciona entre as três gerações

que coexistem na Organização revela o espírito, o pensamento e as ações do fundador Norberto Odebrecht e de seus parceiros, mestres e oficiais, co-fundadores da Organização, a partir dos fatos ocorridos na década de 1940; os antecedentes que sustentaram o alcance de seus objetivos e os desdobramentos seguintes; e a contribuição dos empresários-parceiros da Primeira, da Segunda e da Terceira Geração, protagonistas dos fatos e decisões que trouxeram a Organização ao presente e que criaram as bases tangíveis e intangíveis para a caminhada das novas gerações rumo ao futuro.

“Assim, o Núcleo se propõe a ser o espaço-síntese de uma história de pessoas e de seus desafios, suas con-

quistas e suas crises, seus aprendizados e suas realizações, orientadas por uma base cultural comum, pessoas que têm uma linguagem única e compartilham as mesmas concepções filosóficas”, define Norberto Odebrecht.

Na abertura do Núcleo, ele foi homenageado por seu neto Marcelo Odebrecht, Líder Empresarial da Construtora Norberto Odebrecht (CNO), representando a Terceira Geração de empresários-parceiros. Ele destacou que muitos jovens empresários de hoje terão competência para liderar os negócios da Organização no futuro, e ressaltou: “Alguns serão até mais competentes que o senhor, mas isso só será possível porque desde já eles



1 – EMIL ODEBRECHT E A PRESENÇA ALEMÃ NO BRASIL

2 – HISTÓRIA

Emílio Odebrecht, o educador
Norberto Odebrecht, o fundador
O desenvolvimento regional
A formação da cultura
A Tecnologia Empresarial Odebrecht
Depoimentos
Raiz

3 – HISTÓRIA

A empresa nacional
A segunda geração de empresários
A triplice estratégia de crescimento (anos 1970)
A consolidação do negócio Engenharia e Construção
A diversificação
A atuação internacional
O negócio Química e Petroquímica
A formação da Braskem
A sucessão planejada
O modelo de Governança
Depoimentos

4 – A ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT HOJE

Macroestrutura e macroindicadores
Administadores
Engenharia e Construção
Química e Petroquímica
Seguros e Garantias
Previdência
Contribuição Cultural
Fundação Odebrecht

5 – O COMPROMISSO COM O FUTURO

A Visão 2010
A formação das novas gerações
A preservação da cultura

6 – REVISTA ODEBRECHT INFORMA

7 – MENSAGEM FINAL DO FUNDADOR

Concebido e construído pela Venosa Design, o Núcleo da Cultura Odebrecht é composto de duas cúpulas de aproximadamente 70 m² cada, nas quais é contada a história da Organização, e mais um área de 150 m², onde é apresentada a atual Organização Odebrecht e seu compromisso com o futuro

seguem o rumo que o senhor deu”. Marcelo entregou ao avô um pôster com uma fotografia dos jovens empresários que trabalham na Bento Pedrosa Construções, em Portugal, no qual se lê a seguinte mensagem: “Dr. Norberto, pode deixar, que os próximos 60 anos nós garantimos”.

O Núcleo da Memória Odebrecht, que hoje dá lugar ao Núcleo da Cultura, foi criado em 1984. Renato Martins, Responsável por Desenvolvimento de Novas Oportunidades na Odebrecht S.A., o último integrante da Primeira Geração ainda na ativa, contou que o espaço nasceu, àquela época, da necessidade de compor um acervo que representasse as conquistas, registrasse os atos e fatos e também os aprendizados do passado, com o objetivo de se ter os apoios que

pudessem ser orientadores da educação das novas gerações e servissem de estímulo para o alcance de resultados cada vez melhores no futuro.

O Núcleo é uma exposição iconográfica permanente que reúne fotografias, medalhas, troféus, vídeos, documentos e outros elementos que fizeram e ainda fazem parte da história da Organização, dispostos de maneira a contar a sua trajetória (*veja boxe com roteiro de visita*). Renato Martins relembra: “No começo da década de 80, teve início a coleção de registros da atuação empresarial que representavam a documentação do trabalho de todos os integrantes e as manifestações de Clientes e de Comunidades aos quais a Odebrecht serviu e cujas necessidades foram satisfeitas”. Este acervo forma o Núcleo da Cultura.

Renato Martins entregou a Norberto Odebrecht um fac-símile do catálogo de obras da então Norberto Odebrecht Construtora Ltda., editado entre 1949 e 1950. O exemplar foi produzido à época pelo artista plástico argentino Carybé com todas as obras que o fundador conduziu nos primeiros anos de vida profissional.

Estiveram presentes ao evento acionistas, conselheiros de administração e conselheiros consultivos, integrantes da equipe do Diretor-Presidente da Odebrecht S.A., líderes empresariais e integrantes da CNO, da Braskem, da OCS – Odebrecht Administradora e Corretora de Seguros, Odeprev – Odebrecht Previdência e Fundação Odebrecht.

Complementando competências

QUANDO FORAM ADOTADAS AS MEDIDAS QUE levaram ao aprimoramento do Sistema de Governança da Organização Odebrecht, o Conselho de Administração da Odebrecht S.A. assumiu novos desafios, adequados ao redirecionamento estratégico e à complexidade dos negócios e do cenário mundial, no rumo do crescimento.

Uma das decisões tomadas então foi a de ampliar o número de Conselheiros, incluindo Integrantes identificados fora da Organização, com a finalidade de complementar as competências do Conselho para fazer face a esses desafios.

Esta edição de *Odebrecht Informa* traz reportagem tratando do assunto, já que no último mês de novembro os Acionistas da Odebrecht S.A. decidiram pela integração, ao nosso Conselho, de Rubens Ricupero, Pedro Mariani e Luiz Almeida (veja páginas 34 e 35).

A linha do Empresariamento Acionista-Cliente é o ponto de partida para a nossa concepção organizacional e para a conseqüente mobilização dos Empresários-Parceiros e de suas equipes.

O Conselho de Administração da Odebrecht S.A. é a instância máxima na linha do empresariamento, representando os Acionistas. É órgão deliberativo, não-executivo, e seu foco está nas decisões político-estratégicas, no direcionamento estratégico e na interação com o Diretor-Presidente da Odebrecht S.A., visando sobretudo à agregação de valores tangíveis e intangíveis e à garantia da aplicação de nossa filosofia empresarial em todos os âmbitos da Organização. Suas decisões têm conseqüências de largo impacto, porque criam precedência e geram valores, conceitos e políticas.

Tratamos no Conselho também de questões relativas a cultura, macroestrutura, desempenho, investimentos, designação de responsáveis para posições-chave, código de conduta, responsabilidade social e ambiental, imagem e segurança empresarial, deliberando sem-

pre com visão de longo prazo, voltados para oportunidades e não para problemas.

São, portanto, pré-requisitos para integrar nosso Conselho capacidade aprimorada de julgamento, alta responsabilidade e extrema seriedade. Os novos Conselheiros nos trazem, além disso, percepções externas e conhecimentos e experiências diferenciadas que, certamente, enriquecerão o processo deliberativo do grupo, já formado por pessoas que, além das qualidades acima referidas, acumularam importantes e diversificadas vivências enquanto atuaram como executivos da Organização.

Os novos membros do Conselho de Administração trazem percepções externas e experiências diferenciadas

Complementar à implantação, em 2001, do novo sistema de Governança, mais moderno e mais ajustado à dimensão, aos desafios e à estrutura societária atual da Organização, e complementar também ao processo de renovação das lideranças em nossos negócios, a integração dos novos Conselheiros foi mais um movimento em nossa caminhada no rumo da Sobrevivência, do Crescimento e da Perpetuidade.

É oportuno ressaltar a importância do equilíbrio na linha do empresariamento, a que une o Acionista ao Cliente, pois todos os elos da cadeia precisam estar igualmente fortes.

Isso significa que, cada vez mais, nossos Clientes, para que sobrevivam, cresçam e se perpetuem, precisam ser competitivos. Assim, do Empresário-Parceiro, responsável direto pela satisfação e competitividade dos seus Clientes, até os Acionistas, representados pelo Conselho de Administração, todos na Organização precisam olhar com especial cuidado para a cadeia produtiva na qual estão inseridos.

Conhecê-la profundamente é condição para a contribuição eficaz. E a contribuição eficaz será o fator da sobrevivência, do crescimento e da perpetuidade de cada um deles e – por conseqüência – da Organização Odebrecht.

Por uma maior diversidade de conhecimentos

José Enrique Barreiro TEXTO • Holanda Cavalcanti FOTOS

*Luiz Almeida,
Pedro Mariani e
Rubens Ricupero
passam a integrar
o Conselho de
Administração da
Odebrecht S.A.*

O Conselho de Administração da Odebrecht S.A. passa a contar, a partir de janeiro de 2005, com três novos membros: Luiz Almeida, Pedro Mariani e Rubens Ricupero. Eles trazem ao Conselho maior diversidade de conhecimentos e novas competências para fazer frente aos futuros desafios da Organização.

O Embaixador Rubens Ricupero deixou recentemente a direção da Unctad – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, órgão da ONU dedicado a promover o desenvolvimento dos países pobres, por meio do comércio e de investimentos. Durante nove anos ele foi o Secretário-Geral da entidade. Ricupero esteve a serviço do Itamaraty por 36 anos, tendo sido Embaixador do Brasil em Genebra, nos Estados Unidos e na Itália. Tem 45 anos de carreira internacional, parte da qual dirigida ao comércio internacional e à economia mundial. Ele acrescenta à Odebrecht vivência e relacionamento dentro e fora do país, indispensáveis para a

expansão internacional dos negócios da Organização.

Pedro Mariani, por sua vez, agrega experiência pessoal nos setores financeiro e industrial. É o principal executivo do Banco BBM, que teve origem em Salvador, em 1858, sob a denominação de Banco da Bahia, e que hoje atua como banco de atacado, com foco nas atividades de tesouraria, crédito e estruturação de produtos. Pedro Mariani tem formação acadêmica e profissional voltada para economia e finanças e uma vida empresarial de 25 anos, durante a qual adquiriu larga vivência em assuntos societários (de sociedades abertas e fechadas).

Luiz Almeida, que trabalhou na Odebrecht por mais de 30 anos, tem uma visão global dos negócios da Organização e vasta experiência como executivo na área internacional, tendo sido um dos principais responsáveis pela presença da Odebrecht em Angola. Foi Responsável pelo negócio Telecomunicações e Membro do Conselho de Administração da Odebrecht S.A. até 2001.

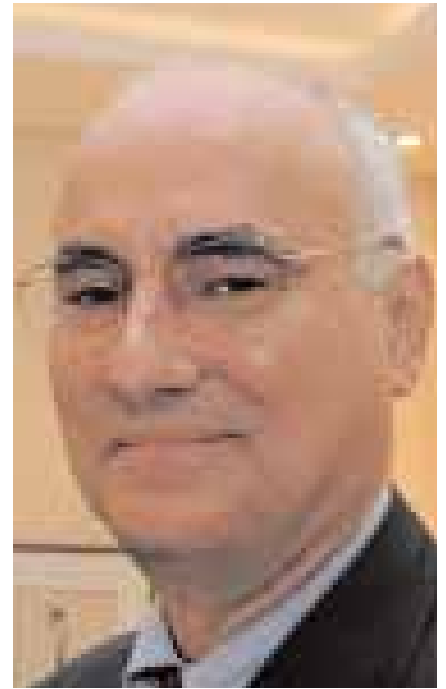


Luiz Almeida: integrante da Odebrecht por 30 anos, tem vasta experiência como executivo na área internacional



*Rubens Ricupero:
"Sempre acreditei
que o ser humano
só cresce e evolui
quando não se
acomoda com
aquilo que já
conhece"*

*Pedro Mariani:
transformações
globais
continuam em
velocidade
crescente e vêm
atuando sobre
novas áreas*



RICUPERO E MARIANI TÊM UM NOVO DESAFIO EM SUAS CARREIRAS

Rubens Ricupero e Pedro Mariani são os primeiros conselheiros, no atual modelo de Governança da Odebrecht, que não são ex-executivos da Organização. Ambos receberam como grande demonstração de confiança o convite da Odebrecht S.A. para integrar o Conselho de Administração e como oportunidade de contribuir para o desenvolvimento da Organização. "Início uma etapa inteiramente nova em minha vida. Sempre acreditei que o ser humano só cresce e evolui quando não se acomoda com aquilo que já conhece e se dispõe a aprender para enfrentar desafios inesperados", diz Ricupero. Ele lembra que foi isso mesmo o que lhe aconteceu quando teve de dirigir o esforço de preparação e lançamento do Real em 1994. "Vejo como oportunidade estimulante colocar minha experiência a serviço de uma organização autenticamente nacional, que foi capaz de alcançar nível de excelência no mundo competitivo da globalização."

Pedro Mariani, embora não tenha integrado a Organização Odebrecht, convive com ela de longa data, em razão da proximidade histórica entre a Odebrecht e o Banco da Bahia. "Essa tradição foi renovada no Banco BBM e na associação entre o Grupo Mariani e a Odebrecht na área petroquímica nas décadas de 1980 e 1990", ele salienta. Ao longo desses anos, Mariani criou uma imagem da Odebrecht como "formadora de excelentes quadros em todos os níveis hierárquicos, engajada em seus objetivos estratégicos com a devida flexibilidade e, em consequência, líder na América Latina e competitiva no mundo".

Ricupero espera contribuir nas áreas em que acumulou experiência e conhecimentos especializados, como o comércio internacional, com suas tendências globais e em regiões específicas, as regras de comércio do Gatt e da Organização Mundial de Comércio (OMC), as negociações na OMC, na Alca, na União Européia e no Mercosul e as questões ligadas a exportações de serviços, entre tantas outras.

Para ambos, são grandes os desafios da Odebrecht e de todas as organizações que atuam no mundo globalizado. Pedro Mariani destaca: "É preciso pensar globalmente e agir localmente de forma eficaz, pois as transformações globais seguem em velocidade crescente, atuando sobre novas áreas e criando um ambiente que exige apurada coleta de informações e conceitualização, de modo a definir estratégias e prioridades".

De acordo com Rubens Ricupero, todos os desafios podem ser reduzidos a um só: "Como obter êxito no processo de transnacionalização da economia, tanto na exportação de serviços quanto na petroquímica". Para isso, diz ele, "o elemento-chave é compreender que para um país, assim como para uma organização, o desenvolvimento é um processo de aprendizagem contínua, um esforço de auto-superação por meio da aquisição de conhecimentos práticos e teóricos que não admite repouso ou acomodação. É como andar de bicicleta: se parar, cai; é preciso pedalar e avançar."

Respeito ao passado, olhos no futuro

José Enrique Barreiro TEXTO • Holanda Cavalcanti FOTOS



“Qualquer conquista de hoje, por maior que seja, já é passado amanhã”, diz Marcelo Odebrecht, Líder Empresarial do negócio Engenharia e Construção da Odebrecht. Muito cedo, ele aprendeu a admirar a experiência e a reconhecer nos desafios do passado uma fonte de aprendizados essenciais. No entanto, é enfático: a chave para que a Odebrecht continue no rumo da perpetuidade é a permanente renovação de pessoas alinhadas com a Tecnologia Empresarial Odebrecht. Serão elas as responsáveis pelo prosseguimento de uma história de 60 anos de prestação de serviços de engenharia e de constante busca de soluções criativas para cada desafio. Com delegação planejada e foco na satisfação dos clientes, serão os agentes de uma atuação cada vez mais qualificada. “Por isso, nosso maior desafio e nossa maior concentração serão sempre a identificação e a integração de novos talentos”, diz ele.



Jovens empresários da Construtora Norberto Odebrecht: renovação de pessoas é natural e prioritária

Odebrecht Informa – Da empresa fundada por Norberto Odebrecht até hoje, a Odebrecht tem uma trajetória de crescimento contínuo. Qual a chave desse processo?

Marcelo Odebrecht – A chave é a prática da TEO por nossas equipes. Em especial, a integração de novos empresários-parceiros e outros talentos, a delegação planejada e o foco na satisfação do cliente.

OI – Quais os principais desafios atuais do seu negócio? E quais as suas áreas de concentração?

MO – Nosso maior desafio e nossa maior concentração serão sempre a identificação e integração de novos talentos. Neste momento em especial, em que as oportu-

nidades são muitas, estamos limitados somente pela nossa capacidade de integrar novos empresários-parceiros e novas equipes. Os demais desafios e concentrações são dinâmicos como o nosso negócio, e alteram-se a todo instante.

OI – A Odebrecht está completando 25 anos de atuação no exterior. Você poderia fazer um balanço geral dessa trajetória?

MO – Fomos cuidadosos no início e, assim, sobrevivemos sem abandonar o processo de internacionalização. Ousamos quando as operações no Brasil nos permitiam ousar, e com isso aprendemos e criamos as bases para o crescimento. Até que chegamos ao pon-

to em que, com mais de 80% de nossa receita no exterior, não conseguimos nos imaginar no rumo da perpetuidade limitados ao mercado doméstico e mesmo aos mercados em que atuamos neste momento.

OI – O que vem determinando o êxito de atuação em alguns países como Peru, Angola, Portugal, Equador, República Dominicana, Estados Unidos e Venezuela?

MO – Devemos considerar em primeiro lugar nossas competências internas, oriundas da prática da TEO, notadamente a delegação planejada, que permite a nossos empresários-parceiros e respectivas equipes atuar localmente com total alinhamento com os acionistas. Além

disso, devemos reconhecer, e principalmente compreender, as características desses mercados – e, em muitos casos, a geopolítica brasileira – como fatores que nos possibilitam uma atuação qualificada.

OI – Por outro lado, a Odebrecht esteve presente em vários países nos quais terminou não consolidando sua presença, a exemplo de alguns países africanos (Botsuana, África do Sul e Moçambique), de países europeus (Alemanha e Inglaterra, principalmente) e de algumas nações asiáticas. Como você analisa a não-continuidade nesses países?

MO – Cada um desses países foi uma história distinta, mas em

geral podemos dizer que ou não tínhamos os empresários-parceiros adequados e/ou não conseguimos nos diferenciar junto aos clientes desses países.

OI – O que a Odebrecht tem de diferente a oferecer a seus clientes?

MO – Essencialmente, toda uma organização voltada para servi-los. Mais do que a simples prestação de serviços de engenharia, esta organização está preparada para oferecer, sempre, através dos nossos empresários-parceiros, as soluções mais criativas para garantir eficiência total em cada negócio.

OI – Qual a importância das alianças estratégicas que a Odebrecht

vem estabelecendo fora do Brasil, para o êxito de sua atuação no exterior?

MO – Pode-se observar os bons resultados dessas parcerias em duas vertentes. Por um lado, melhoram nossa atuação ao agregar competências e conhecimento local às nossas equipes e, por outro lado, ampliam nossas oportunidades ao alavancar a identificação e a atuação em outros mercados delegados.

OI – Sabe-se que uma questão relevante, na atuação internacional, é a questão cultural. É importante que os integrantes da Odebrecht conheçam as peculiaridades das culturas locais e busquem

Alguns pensamentos de Marcelo Odebrecht

Odebrecht Informa apresentou 12 conceitos para que o Líder Empresarial Marcelo Odebrecht, em poucas linhas, os definisse. Eis as respostas:

1. QUALIDADE

A busca da qualidade é a busca da efetividade na satisfação do cliente. Devemos ter cuidado para não nos burocratizarmos nesse processo.

2. PRODUTIVIDADE

É o único modo de gerarmos riquezas cada vez maiores, utilizando os mesmos recursos.

3. SEGURANÇA NO TRABALHO

É responsabilidade de todos aqueles que valorizam as pessoas.

4. MEIO AMBIENTE

Nossos projetos devem se adaptar ao meio ambiente, respeitando-o e transformando-o para melhor. Devemos usar soluções técnicas de engenharia para minimizar os efeitos ambientais. Não podemos, contudo, praticar um radicalismo verde, travando o desenvolvimento de áreas subdesenvolvidas.

5. EDUCAÇÃO

Praticar a educação é se preocupar com o futuro de sua família, sua empresa e seu país.

6. RESPONSABILIDADE SOCIAL

É satisfazer os clientes com serviços e bens que resultem na melhoria da qualidade de vida das comunidades em que a empresa atua.

E também lutar pela preservação dos recursos naturais, pela inclusão social dos indivíduos de cada comunidade e pelo crescimento sustentável da empresa e dos países em que está presente.

7. CULTURA

Todas as comunidades (incluindo as empresas) que visam à perpetuidade têm de preservar a sua cultura, e é essencial que as pessoas que nelas se integrem possuam e pratiquem os mesmos valores. Quem se integra em uma nova comunidade precisa compreender a sua cultura, respeitá-la e preservá-la.

8. CLIENTE

A razão da existência da empresa.

9. PARCEIRO

Uma pessoa alinhada nos objetivos e na forma de conseguir-los, e merecedor de partilhar os resultados alcançados.

10. TECNOLOGIA

A única tecnologia que faz sentido é aquela que, respeitando os direitos da sociedade, nos torna mais produtivos e cria novas formas de gerar riquezas.

11. BRASIL

Um país com enormes potencialidades a explorar.

12. ODEBRECHT

Uma jovem empresa, que se renovou todos os dias ao longo de seus 60 anos, e que, espero, tenha se transformado no segundo lar de todos os seus integrantes.

se adaptar a elas. Como esse processo ocorre e o que é mais difícil nele?

MO – Não há outra opção: ou nos adaptamos, ou nos adaptamos. É um processo que ocorre naturalmente na educação pelo trabalho, na labuta do dia-a-dia, liderando pessoas de outras culturas ou sendo liderados por elas, e na busca por satisfazer os clientes locais. Sempre entendendo que o cliente final é a sociedade a que estamos servindo. Como possuímos uma cultura muito forte, o mais difícil talvez seja reconhecermos nossas limitações e o quanto temos de aprender de cada cultura e cada ambiente em que atuamos.

OI – Você disse que, se cada um dos mais de 90 empresários-parceiros da Odebrecht que lideram contratos fizesse uma ação social relevante, a Odebrecht já teria feito muito. Qual é exatamente a responsabilidade social da Odebrecht na área de Engenharia e Construção?

MO – Ao criar oportunidades de trabalho, ao gerar e distribuir riquezas cada vez maiores, entendemos que estamos realizando nossa maior responsabilidade social. Além disso, desenvolvemos ações sociais nas comunidades em que atuamos. Não são ações assistencialistas, mas um esforço – que deve caber a todo empresário – para reduzir as carências ou o impacto causado pelas obras nessas comunidades.

OI – A Tecnologia Empresarial Odebrecht é flexível em relação às culturas locais? Há diferenças de prática da TEO entre os diversos países, em função das peculiaridades locais?

MO – A TEO é um conjunto único, que reúne valores essenciais que se aplicam a todos os países

“Nossos principais ativos

são as pessoas e

a prática da TEO.

Temos integrantes

comprometidos,

capacitados e

com delegação

para satisfazer

o cliente”

Marcelo Odebrecht

em que atuamos. A prática da delegação planejada e a atuação de nossos empresários e seus parceiros é que nos traz a necessária flexibilidade em relação às peculiaridades locais.

OI – Um processo mais ou menos recente é a expatriação de não-brasileiros. Ou seja: pessoas formadas pela Odebrecht fora do Brasil e que já atuam em outros países. Quantos são e onde estão? Como isso foi construído e o que significa para o negócio Engenharia e Construção da Odebrecht?

MO – Esse processo tem de ser visto de modo natural, à medida que

criamos raízes mais fortes em outros países, e positivo, pois representa maior riqueza de competências. Hoje, são 41 expatriados não-brasileiros, oriundos da Colômbia, Chile, Peru, Panamá, México, Portugal e Equador atuando na Venezuela, Equador, Peru, Djibouti, República Dominicana, Estados Unidos e Colômbia.

OI – Quais os principais ativos intangíveis do negócio Engenharia e Construção e como eles revertem em benefícios para o cliente e para a Odebrecht?

MO – Nossos principais ativos são as pessoas e a prática da TEO. Temos integrantes comprometidos, capacitados e com a delegação para satisfazer o cliente e, ao mesmo tempo, alinhados na criação de riquezas cada vez maiores.

OI – Como a Odebrecht se prepara hoje para continuar a satisfazer plenamente seus clientes no futuro? Em que medida a renovação de pessoas é uma estratégia decisiva para isso?

MO – Nossa preparação se dá através da integração de novos talentos com ênfase na educação pelo trabalho, e reforço da educação para o trabalho. Neste sentido a renovação de pessoas é um processo natural, prioritário, perseguido a todo instante.

OI – O que é importante lembrar nos 60 anos da Organização Odebrecht?

MO – Sem desmerecer os resultados alcançados até hoje, o que vai garantir nossa sobrevivência, nosso crescimento e nossa perpetuidade é o que faremos nos próximos anos e não o que fizemos nos últimos 60 anos. Qualquer conquista de hoje, por maior que seja, já é passado amanhã.

A prática da filosofia no cotidiano

Simone Goldberg TEXTO • Almir Bindilatti FOTOS



José Carlos Grubisich fala no PDE: transmissão de conhecimento

Programa de Desenvolvimento de Empresários, que teve sua segunda edição concluída em outubro, amplia conhecimento e vivência sobre a Tecnologia Empresarial Odebrecht em seu dia-a-dia de trabalho

André Ribeiro, Clarice Romariz, Mauro Hueb e Alexandre Assaf trabalham na Construtora Norberto Odebrecht. Eles participaram do Programa de Desenvolvimento de Empresários (PDE), cujo objetivo é acelerar o desenvolvimento de parceiros, integrando Plano de Vida e de Carreira, e ajudar a compreender os valores da Tecnologia Empresarial Odebrecht (TEO). Mais do que absorver os conceitos da cultura da empresa, os quatro fortaleceram sua convicção sobre a importância de aplicá-los em seu dia-a-dia profissional.

Engenheiro civil que desde agosto passado trabalha em Carajás, no Pará, numa obra contratada pela Companhia Vale do Rio Doce, André fez parte da segunda turma do PDE, encerrada em outubro último. Lembra bem das lições mais marcantes. Uma delas, que serviu para ajudá-lo em tarefas práticas no trabalho, foi inspirada por uma palestra sobre a experiência da Odebrecht em Angola e a relação da empresa com a população local.

Esse tema despertou seu interesse porque antes de ir para o Pará, e ainda participando do PDE, André trabalhava no Transporte de Massa de Salvador, uma obra que interferia muito na vida dos moradores. Saber se relacionar com a comunidade nessas condições era um desafio. "Angola é um país onde a empresa desenvolve muitos programas de relacionamento comunitário. O relato da experiência angolana me ajudou a entender melhor esse processo", conta. André aplicou o que aprendeu



André Ribeiro: relação entre empresa e comunidade



Mauro Hueb: debates e reflexões sobre a TEO

"Passei a ouvir mais meus liderados e meus líderes e a me relacionar melhor com o Cliente"

Mauro Hueb

quando, visando melhorar o convívio empresa-comunidade em Salvador, a Odebrecht montou um posto de atendimento para prestar esclarecimentos sobre a obra. "Com isso, as pessoas passaram a compreender e a aceitar o que estávamos fazendo."

André relata que ouviu no PDE lições importantes sobre a superação de desafios, a criatividade e a capacidade de inovar que têm sido úteis agora, no interior do Pará. "Aqui, existem dificuldades imensas de logística e mobilização de trabalhadores. Tivemos de construir um alojamento e trazer pessoal para trabalhar. Tudo é possível com o trabalho de equipe."

Desafio é palavra cotidiana nos corredores e canteiros de obras da Odebrecht. Mas nem sempre sobra tempo para estudá-los a fundo em teoria e as soluções vão surgindo no decorrer do trabalho. É o que experimenta o engenheiro Mauro Hueb, que em março tornou-se Diretor de Contrato da obra do porto da Ponta da Madeira, no Maranhão, também contratada pela Companhia Vale do Rio Doce. Mauro havia concluído o primeiro PDE, na turma de 2003, e hoje percebe como o programa está sendo importante em sua rotina profissional.

"Passei a ouvir mais meus liderados, meus líderes e a me relacionar melhor com o Cliente, e estou pronto para oferecer-lhe alternativas capazes de deixá-lo satisfeito", diz. Algo mudou, ele garante. "O PDE me ajudou a aplicar a TEO de forma automática nessa prática do dia-a-dia. É como quan-

do a gente aprende outro idioma. Você estuda, e quando vai falar, pensa antes. De repente, passa a incorporar o aprendizado de tal maneira que fala automaticamente." Hoje, Mauro reúne sua equipe uma vez por mês para debater e refletir sobre a TEO.

O reforço que o PDE traz para o aprendizado e a compreensão da cultura da empresa influenciou também o comportamento do economista Alexandre Assaf, que se diz mais confiante para realizar suas tarefas empresariais. No momento, ele vive sua primeira experiência profissional fora do Brasil como Responsável Administrativo-Financeiro nas obras de saneamento básico em Lima, no Peru. Assaf, que integrou a primeira turma do PDE, junto com Mauro Hueb, em 2003, afirma que o programa foi fundamental para que, hoje, ele lide melhor com as dificuldades e exigências do trabalho, mantendo-se motivado.

"Lembro aqui, no meu cotidiano, do aprendizado no PDE. Fiquei mais aberto às conversas com meu líder e minha equipe e ganhei mais confiança para exercer, na prática, a filosofia da empresa: praticar a delegação de tarefas, cobrar, ser cobrado, acompanhar e ver que os resultados aparecem. Hoje em dia não admito mais não ser avaliado, não trabalhar dentro das metas de um Programa de Ação."

O PDE concluído em outubro passado incentivou a engenheira Clarice Romariz a conversar com seus líderes sobre sua intenção de mudar de programa na empresa. Clarice iniciou o PDE trabalhan-



Clarice Romariz: percepção sobre a necessidade de mudar



Alexandre Assaf: necessidade de ser avaliado

"Ganhei mais confiança para exercer, na prática, a filosofia da empresa"

Alexandre Assaf

do em planejamento na Base de Macaé, onde fazia coordenação de atividades *onshore* para o contrato do Ativo Sul da Petrobras, de manutenção de plataformas. "Percebi que queria mudar. Eu fazia muito trabalho de escritório e queria ir mais para o campo. Conversei com meu líder e, assim que surgiu uma oportunidade, fui transferida para a área de produção." Com a mudança, Clarice encontrou, ainda durante o PDE, uma nova função, mais adequada a seu perfil. Assim, segue motivada em busca de seu plano de vida e carreira: crescer e vir a assumir responsabilidades sempre mais elevadas na Construtora Norberto Odebrecht.

O PDE é desenvolvido em três módulos, seguindo a dinâmica do negócio de Engenharia e Construção: o desenvolvimento da oportunidade, a conquista do cliente (e a sua satisfação) e a execução do empreendimento, tendo como base conceitual a TEO. Cada módulo é composto de duas fases: preparação prévia, a distância, e presencial, na qual os integrantes debatem casos reais de sucessos e insucessos e trocam idéias entre si e com pessoas das diferentes gerações da Organização, entre elas o fundador Norberto Odebrecht. Há ainda vários exercícios, entre os quais um que incentiva e inova a prática dos Programas de Ação e outro que estimula o integrante a refletir e planejar seu desenvolvimento pessoal e profissional.

"O PDE é uma oportunidade de reunir as três gerações da companhia, desde Norberto Odebrecht até a terceira

geração, representada por Marcelo Odebrecht, e, com essa convivência, acelerar a transmissão da cultura da empresa", destaca o coordenador acadêmico do programa, professor Moisés Swirski.

Para Antonio Rezende, membro da coordenação empresarial do PDE, a idéia é criar um ambiente de troca de experiências entre as várias gerações. "Não é um programa técnico, ainda que navegue em todas as funções do negócio", diz Rezende. Ciro Barbosa, também membro da coordenação empresarial, complementa: "O PDE não é um passaporte para virar empresário, mas um instrumento que prepara o jovem para entender o processo empresarial e contribui para a formação de quem vai se tornar um empresário, de acordo com a avaliação do líder sobre o desempenho do liderado na educação no e pelo trabalho."

Rezende diz que o foco, no PDE, não é medir os resultados. "O programa se destina a encurtar as distâncias entre as gerações da empresa; dar a oportunidade, a quem fez, de contar sua experiência para quem ainda vai fazer, numa extensão da educação pelo trabalho. A intenção é mexer com a atitude do participante, mas como cada um vai lidar com isso é a vida que vai dizer."

A primeira turma do PDE, com 28 alunos e com um perfil que mesclava jovens e profissionais um pouco mais maduros, serviu para avaliação, uma espécie de programa piloto. Os participantes foram estimulados a contribuir com sugestões e críticas, visando aprimorar a



Moisés Swirski: "A empresa acontece na relação líder-liderado"



Antonio Rezende: troca de experiências entre gerações



Ciro Barbosa: compreensão do processo de empresariamento

estrutura e o conteúdo programáticos para a turma seguinte. A segunda turma, com 37 participantes, incluiu novos temas – como a questão de investimentos – e novos casos para debate e exercícios. "O PDE tem de evoluir continuamente, assim como acontece com a tarefa empresarial, na vida real", afirma Rezende.

O evento de conclusão, em outubro, contou com a presença de membros do Conselho de Administração da Odebrecht S.A., que são integrantes do Comitê de Cultura Empresarial da Organização: Luiz Villar, Pedro Novis e Renato Baiardi, também palestrantes de disciplinas no decorrer do PDE.

Para a terceira turma, de 2005, o PDE terá alguns pontos aperfeiçoados. A renovação de casos e temas continua, já que a cada ano surgem novos desafios e a conjuntura empresarial também muda. A estrutura permanece a mesma, o número de vagas não deverá ultrapassar 35, mas serão intensificadas as reflexões sobre a relação líder-liderado e o debate sobre plano de vida e carreira será aprofundado. "A empresa acontece na relação líder-liderado, a qual funciona por delegação. Vamos refletir mais sobre esse elo no PDE", diz o professor Moisés Swirski. Haverá também mais desafios nos estudos de casos da empresa, com exercícios competitivos. "Quanto maior o desafio, maior o aprendizado", garante Swirski. "O PDE provoca mudanças, estimula os participantes a ir em busca de novos desafios", diz. "Eles são arrojados. Basta desafiar-los para que mostrem o quão longe podem chegar."

Ponto de partida

*Em 1979, a Odebrecht começava a atuar no Pe
em parte realizada no interior do vulcão*

Luciano Martins TEXTO •



da jornada global

ru, na construção da Hidrelétrica de Charcani V,

Misti, fazendo assim sua estréia no exterior

Ruy Rey FOTOS





Charcani V e, na página ao lado, momento da solenidade de lançamento do projeto Olmos, com o Presidente Alejandro Toledo ao microfone: passado, presente e futuro de uma atuação empresarial importante para o desenvolvimento do país

■ PERU

Raízes profundas

O majestoso perfil do vulcão Misti, que domina o horizonte da cidade de Arequipa, na direção da cordilheira dos Andes, guarda um símbolo da história da Odebrecht no Peru. Foi nas encostas dessa montanha de 5.822 m de altura, a uma altitude entre 2.900 m e 3.700 m sobre o nível do mar, que a empresa enfrentou seu primeiro desafio no país, há 25 anos. Ali foi construída a central hidrelétrica Charcani V, uma obra de engenharia que transformou o panorama econômico e social da região e deu início a uma saga que poucas empresas em todo o mundo podem contar.

Presente no país há 25 anos, Odebrecht é a única empresa de origem estrangeira a atuar por tanto tempo de forma contínua no Peru

De Charcani V, contratada em 1979, até Olmos, concessão de irrigação cujo contrato foi assinado no dia 22 de julho passado, a Odebrecht se integrou de tal forma ao ambiente de negócios no Peru que acabou se tornando protagonista destacado no salto de desenvolvimento e modernização vivido pelo país no último quarto de século. A Odebrecht Perú Ingeniería y Construcción SAC, que já produziu mais de 40 importantes obras de infraestrutura e de mineração, é a maior construtora do país, a empresa nacional de maior longevidade no setor e a única de origem estrangeira a atuar por tanto tempo de forma contínua em solo peruano.



Personagens fundamentais dessa história, como o engenheiro Winston Lewis, Responsável por Produção, cultivam detalhes dessa memória como parte de sua vida pessoal. Neto de inglês, o peruano Lewis entende a empresa como a conjugação de princípios, conhecimento e determinação: “Sabemos que o homem é o início e o fim das coisas, e o líder é aquele que faz com que o homem se sinta capaz de enfrentar desafios, por estar convencido do significado de sua obra”.

Raymundo Serra, hoje Diretor Comercial com atribuição de dar apoio político-estratégico aos diretores de contrato, começou sua experiência no exterior em novembro de 1987, quando a Odebrecht participava da concorrência para o Projeto Chavimochic, na região de La Libertad, norte do país. “Lembro que, ao desembarcar em Lima, não conseguia nem pronunciar o nome do Aeroporto Jorge Chávez. Mas sabia desde o princípio que estávamos aqui para ficar, desenvolver o mercado peruano e ser a primeira

empresa brasileira do setor no país”, recorda Raymundo. Ele se dedicou a dominar o idioma e, em junho de 1988, exatamente um mês depois da assinatura do contrato de Chavimochic, transferiu a família, de Salvador para a cidade de Trujillo.

Era sua primeira experiência de escavação subterrânea, e a obra exigia um planejamento extremamente detalhado. “Seria necessário construir 20 km de túneis em dois anos. As equipes tinham de atuar em até 14 bocas de escavação simultaneamente. Trouxemos equipamentos até da Malásia”, lembra Raymundo. Depois da obra, lhe coube substituir Marco Cruz como Diretor de Contrato. Quando Marco foi apresentá-lo ao então Prefeito de Trujillo, José Murgia, como seu substituto, Murgia se levantou, abraçou Raymundo e disse: “*Muerto el rey, viva el nuevo rey*”. Uma relação produtiva se consolidava e ele aprendeu mais um pouco sobre a afabilidade e o humor dos peruanos.

“Entender a cultura e as idiosincrasias do país é o primeiro pas-

so. Depois vem a tecnologia”, observa Raymundo Serra, comentando que o contrato para a concessão de Olmos, recém-assinado, representa a consolidação de um processo de integração: “Isso é fruto de um trabalho de dois ou três anos, sob crise e com uma forte recessão que levou quase todo o setor à concordata ou à falência. Esse período difícil pôde ser vivido com serenidade, graças ao nosso perfil, e conseguimos identificar projetos diferenciados e cuidar da formação de nossas equipes, tanto de peruanos como de brasileiros que para cá vieram, que vão permitir o crescimento sustentado da empresa no Peru”, acrescenta.

Jorge Barata, Diretor-Superintendente da Odebrecht no Peru, concorda com o otimismo de Raymundo Serra e lembra que uma história de sucesso se constrói com base em princípios sólidos. “A Tecnologia Empresarial Odebrecht é nosso segredo mais íntimo”, comenta. “Ela é o fundamento que sustenta nossa história no Peru, como no Bra-

sil e em qualquer outro lugar onde estejamos.”

PARCEIROS DO SUCESSO

Quando a Odebrecht resolveu apostar no Peru, em 1977, representada pelo então Responsável pela Área Internacional, Marc Altit, seu primeiro alvo foi um projeto antigo, baseado em estudos de 1963, destinado a suprir a demanda de energia da cidade de Arequipa, no sul do país. Fernando Chávez Belaúnde era Diretor da Electroperu, responsável pela administração de projetos, e lembra detalhes desse pioneirismo. “A Odebrecht se revelou uma empresa inovadora, decidida. A licitação exigia o financiamento de 100% da obra, porque o Governo não tinha recursos. A Odebrecht, que formou um consórcio com a francesa Alstom, se apresentou com uma proposta financeira completa, incluindo a criação de uma empresa que importaria os equipamentos do Brasil”, recorda Belaúnde. “A proposta era baseada num processo de financiamento muito inovador para as práticas da administração na época e, por isso, demorou meses para ser entendida, mas percebi desde o início que se tratava de um sistema muito favorável à Electroperu e a única maneira de concretizar a obra.”

Antes da construção da hidrelétrica, a região de Arequipa sofria com apagões constantes e não havia água suficiente para a expansão da agricultura. Mesmo assim, lembra Fernando Chávez Belaúnde, durante muito tempo a obra foi alvo de ataque de políticos e de parte da imprensa. “Dizia-se que era um negócio muito grande, um elefante branco, e eu era o domador do elefante branco, mas o que realmente funcionava era o próprio relacionamento dos brasileiros, direto e amigável ao mesmo tempo.” Esse rela-

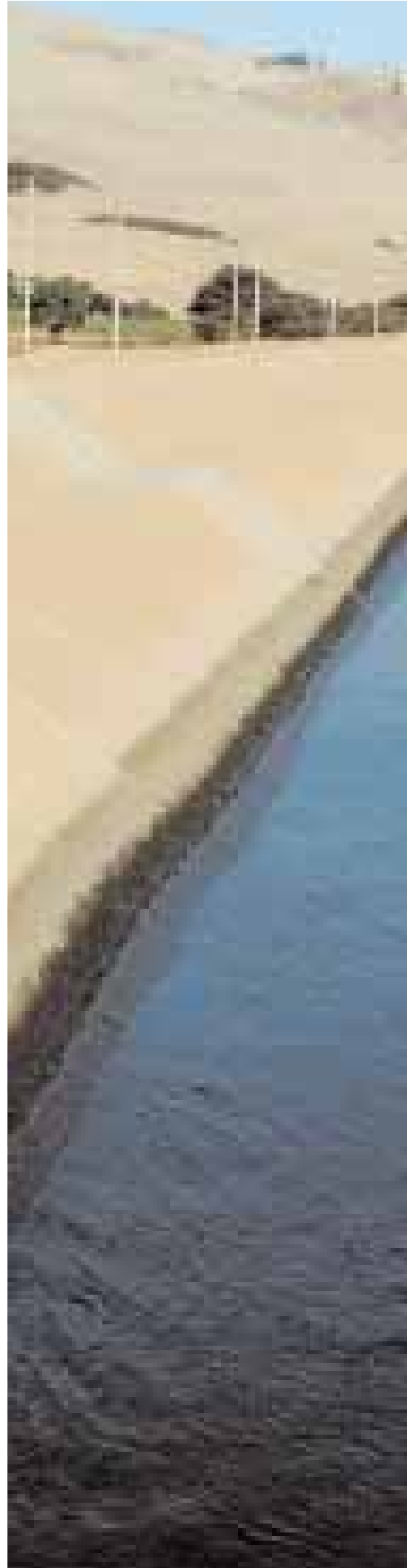


Jorge Barata: segredo e fundamento

cionamento, na opinião do ex-Ministro, ajudou a formar um novo estilo de negociação em obras públicas no Peru: “Uma obra como essa muda até a mentalidade dos políticos”.

Aos 74 anos de idade, Belaúnde continua ativo, como consultor da Egasa – Empresa de Generación de Energía de Arequipa – e é considerado uma referência em administração de obras públicas no Peru. Ele relaciona a ação da Odebrecht ao surgimento de métodos inovadores quanto aos contratos de obras públicas e à formação de técnicos, engenheiros e administradores. “A chegada da Odebrecht trouxe uma oportunidade de crescimento profissional para muitos peruanos, não só em termos de tecnologia, mas sobretudo em função de um modo muito peculiar de relacionamento. É um cuidado permanente, dos mínimos problemas aos grandes desafios, com tudo que envolve o empreendimento.”

Um desses problemas aconteceu em 1987, durante a escavação em Charcani V, quando as infiltrações começaram a superar em muito os índices aceitáveis. Foram ouvidos especialistas do Brasil, do Japão e até engenheiros da Suíça, que recomendaram uma extensão adicional de 2 km de revestimento de aço. Isso tornaria a obra muito mais custosa. Integrante da equipe da Odebrecht, o engenheiro peruano Juan Gómez





*Chavimochic:
transformação da
realidade
socioeconômica*

encontrou a resposta. Ele demonstrou que as infiltrações aconteciam porque as rachaduras no material vulcânico eram inclinadas, e não perpendiculares em relação ao túnel. Foi feita uma mudança no sistema de injeção de concreto e a infiltração acabou.

Juan Gómez, autor da solução, tem uma boa recordação desse momento. Ele havia começado em Charcani V em março de 1980 e ficou impressionado com o sistema de trabalho implantado na obra, com abertura para opiniões de todos e uma delegação de responsabilidades que não conhecia em outras companhias. “Era a primeira vez que se ia ser realizada uma construção como aquela sob um vulcão, e a primeira coisa que me explicaram foi a filosofia da empresa”, ele relata. “O maior desafio foi o trecho diretamente no flanco do vulcão, sobretudo o túnel de descarga. No primeiro corte já apareceu um material difícil de manipular, com muita areia e água. Tivemos de retroceder até o front-on e recomeçar de outro ponto, mas tudo era encarado com leveza, como se os brasileiros sempre estivessem se divertindo com as dificuldades. Para nós, isso trazia a tranquilidade de que, fazendo a coisa certa, tudo iria funcionar.”

Ao lado de Monica Arredondo Valenzuela, que começou no empreendimento aos 18 anos como secretária da diretoria de Obras Civis, levada por sua irmã, que já trabalhava na empresa, e de Justino Mora, que havia começado a trabalhar em 1979 como vigilante no canteiro de Charcani V, Juan Gómez lembra que “toda a gente de Arequipa queria trabalhar lá. O salário era bom, com prêmios e benefícios conforme os resultados, havia reconhecimento e estímulo para que o pessoal se desenvolvesse”. Justino Mora lembra com saudade daque-

le período. “Para mim, foi toda uma vida que valeu a pena, com certeza os melhores anos da minha vida, quando participávamos de uma obra que estava criando um futuro melhor para Arequipa. Não precisávamos nos preocupar com outra coisa, pois a empresa cumpria todos os seus compromissos e nos passava uma filosofia que fazia a gente se sentir respeitado e importante, mesmo em tarefas muito simples.”

Justino trabalhou também no setor de segurança industrial e depois se tornou operador do teleférico que transportava pessoal, materiais e equipamentos entre as instalações de depósito e escritório ao pé do vulcão e a usina, cerca de mil metros montanha acima. Muitos brasileiros que passaram por Charcani V lembram de Justino Mora como o Homem do Teleférico, um sorriso sempre como saudação e uma curiosidade permanente em relação a todos os detalhes da obra.

As obras de Charcani V deveriam estar concluídas em cinco anos, mas foram interrompidas por falta de recursos em março de 1983. Até julho de 1985, apenas a casa de força funcionava, lembra o professor Augusto Sanchez Guillén, atualmente lotado no setor de licitações da Egasa.

Os constantes racionamentos de energia, porém, que deixavam bairros inteiros de Arequipa sem luz, acabaram demonstrando a urgência de concluir a usina. Logo surgiram as manifestações em favor da obra, reiniciada em 1986. Quando ela foi inaugurada, mais de 5 mil pessoas subiram da cidade até o Misti, por seus próprios meios, para presenciar a solenidade.

Augusto Sanchez Guillén havia deixado o cargo de administrador de pessoal no Ministério da Agricultura para se juntar à Odebrecht

em fevereiro de 1980. Participou da seleção dos primeiros trabalhadores de Charcani V e, por falar quechua, transformou-se numa espécie de tradutor da Tecnologia Empresarial Odebrecht para os integrantes locais. “Desde o início, houve uma completa identificação com os brasileiros que chegavam”, observa Sanchez.

“Meus filhos cresceram com os filhos dos brasileiros. Eu ajudava a instalar suas famílias, resolvia os problemas com vistos, moradia, escolas e documentos. Promovia encontros com as autoridades e tratava de integrar os brasileiros à comunidade de Arequipa”, conta Augusto Sanchez Guillén. Charcani V foi entregue ao Governo peruano em dezembro de 1988, quando começavam as obras do Projeto Chavimochic. Em Arequipa, além da usina de Charcani V, lembra Augusto Sanchez, “a Odebrecht deixou a rodovia asfaltada de Arequipa até San Antonio, obras de urbanização nos bairros onde moravam seus trabalhadores, além dos benefícios intangíveis da capacitação de pessoas, da introdução de novas tecnologias, da maneira correta de tratar integrantes e autoridades, e tudo o que representa a TEO na vida real”.

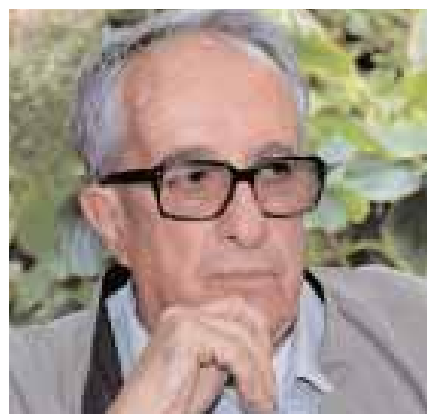
CRESCENDO COM O CLIENTE

Jorge Simões Barata ingressou na Odebrecht aos 19 anos, em 1983. Dos seus 21 anos na empresa, passou 16 fora do Brasil, inicialmente no Equador e depois no Peru, onde está há sete anos. Diretor-Superintendente da empresa no país desde 2001, Jorge Barata é um entusiasta em relação às perspectivas de negócios.

Barata observa que o Peru tem macroindicadores muito organizados e vem progressivamente baixando sua taxa de risco no merca-



Raymundo Serra: enfoque na permanência



Fernando Chávez Belaunde: pioneirismo



Rodovia Tingo Maria-Aguaytía: integração da Amazônia peruana, historicamente isolada do resto do país

do internacional, o que ajuda a atrair mais investimentos. Além disso, a percepção de maior comprometimento do Governo com as obras contratadas faz com que sejam alcançados rapidamente os pontos de convergência entre o poder público e as empresas privadas, eliminando controvérsias e premissas de natureza política.

O processo de descentralização política, aprovado há dois anos pelo Congresso Nacional, é também, na opinião de Barata, um fator fundamental para a tomada de decisão em relação a obras de real interesse público. Antes, os governadores (presidentes de região) eram nomeados pelo Governo Central e viviam sob completa dependência de centros de decisão que nem sempre conheciam a realidade nas províncias. “Isso dá ao Peru a oportunidade de um salto de desenvolvimento, pois o presidente de cada região

é quem melhor conhece as necessidades e potenciais de sua comunidade”, assinala Barata.

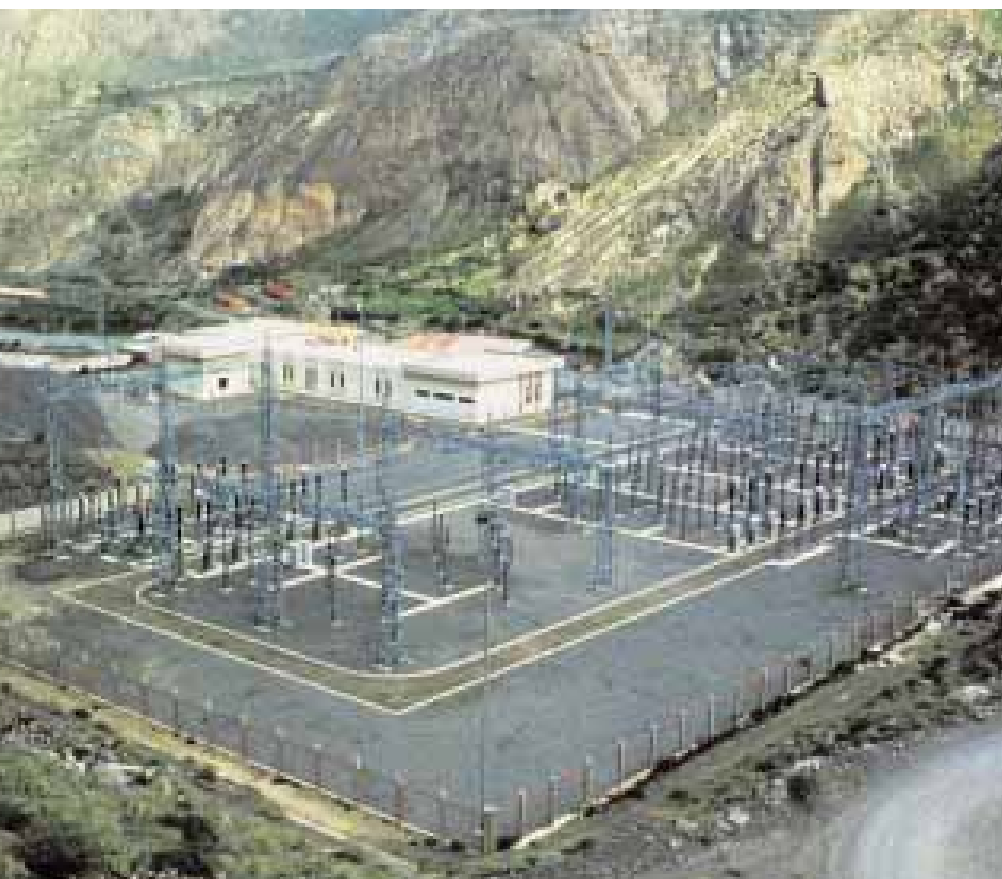
Para ele, o fato de a descentralização política ter sido acompanhada por maior autonomia econômica e financeira é um fator adicional para justificar seu otimismo. As regiões recebem royalties sobre a exploração de seus recursos, como a mineração, lembra, e os preços dos minérios estão em alta no mercado internacional, o que deverá produzir mais investimentos no país, dono de algumas das mais importantes reservas do mundo.

A disponibilização de nova fonte de energia, com a exploração das reservas de gás de Camisea, na Amazônia peruana, região de Cusco, e o recente acordo com o Governo da Bolívia, para fornecimento de gás através do Peru, destaca Jorge Barata, são fatores adicionais que estimulam investimentos em mine-

ração e novos projetos de infraestrutura. As indústrias já começam a usar o crédito de carbono para substituir petróleo por gás e um programa de reestruturação das rodovias está em andamento.

Para a Odebrecht, essa é uma perspectiva mais do que promissora, pois uma das prioridades da política viária do Governo peruano é a integração com o Brasil. Encontram-se em estágio avançado os estudos para interconexão rodoviária com os estados do Acre e Mato Grosso. O Acre ainda importa alimentos de São Paulo, por avião, e poderia se abastecer no complexo agroindustrial do sul peruano. Mato Grosso precisa de acesso ao Pacífico, que também é fundamental como complemento para o sistema intermodal que integra o Brasil aos países andinos.

Além da estratégia brasileira, que prioriza a integração sul-ame-



San Gabán: além da construção da hidrelétrica, ações sociais de grande alcance



Juan Gómez: sugestão precisa



Mónica Arredondo: chamada pela irmã

ricana, o que inclui o ingresso do Peru no Mercosul, também para o Peru é fundamental integrar a costa, onde se concentram seus maiores aglomerados urbanos, à selva e à cordilheira, gerar pólos alternativos de desenvolvimento e tentar reverter o êxodo ocorrido a partir dos anos 80, quando milhares de famílias migraram para a periferia de Lima e de outras cidades.

Como integrante do Grupo Brasil, que reúne empresários brasileiros no Peru, Jorge Barata tem observado o crescente entusiasmo de autoridades peruanas pela retomada do desenvolvimento.

A CRISE COMO OPORTUNIDADE

Nem sempre foi esse o cenário em que a Odebrecht vem exercendo suas atividades há 25 anos. No entanto, quando se está determinado a produzir uma relação de absoluta integração com o cliente, é pre-

ciso estar preparado para todas as circunstâncias, enfatiza Jorge Barata. Por isso, desde o início de suas atividades no Peru, o foco tem sido buscar projetos que, por suas características de real interesse público e de solução duradoura, garantam sustentabilidade à empresa.

Em 1980, o Peru reformava sua constituição e buscava a modernização da economia sob o Governo de Fernando Belaúnde Terry. Nesse cenário, a Odebrecht encontrou uma geração de jovens profissionais dispostos a realizar as obras que eram consideradas essenciais para levar o desenvolvimento às regiões serranas e de floresta, historicamente abandonadas e dependentes de práticas medievais de agricultura ou pastoreio.

Guillermo Vega, Diretor de Contrato, na Odebrecht há quase 15 anos, entende que a empresa conseguiu se identificar com o melhor

do espírito peruano e, por isso, tem merecido o respeito de todas as forças políticas que ocuparam o poder. “Sempre se buscou, em cada contrato, o benefício para o cliente e para a comunidade, com obras que tragam novos recursos e elevem o nível profissional, tanto para a companhia como para o país.” Ele lembra que os programas de jovens parceiros, realizados junto a universidades peruanas, têm complementado a formação que é oferecida nos projetos e nas obras de que a empresa participa.

Para Guillermo Vega, a transferência de conhecimento tem sido uma das mais importantes contribuições da Odebrecht ao desenvolvimento do Peru. “Somos um país carente de recursos humanos, mas temos um povo aberto a novidades tecnológicas, e a transferência de tecnologia é fundamental. Mas é na transferência de conhecimento, com



Plantação de alcachofras e, ao lado, Renato Mostacero Placencia: empreendedorismo

O sumiço do deserto

A cidade de Trujillo, na região de La Libertad, que se estende do litoral norte do Peru às extensões da Amazônia, foi território do povo Moche, e guarda ainda os restos do opulento reinado do Senhor de Sipan, que floresceu entre os séculos I e VI na desértica costa norte. Uma agricultura rudimentar dependente dos rios irregulares, uma cultura da violência e a extrema pobreza eram a realidade do lugar quando a Odebrecht assumiu a construção do primeiro trecho do sistema que iria captar as águas do Rio Santa, que nasce a 415 m de altitude e tem uma vazão perene e generosa alimentada pelo

degelo no alto da Cordilheira dos Andes e posteriormente desviada para o vale seco da costa norte peruana.

As províncias de Trujillo, Viru e Ascope simplesmente ressuscitaram. "O deserto foi desaparecendo, tudo foi ficando verde, a vida das pessoas começou a melhorar, como num milagre", lembra Humberto Ipanaque, morador do povoado de San José, em Virú. O extenso oásis de cebolas, alcachofras, aspargos e frutas que brotou no vale era o retrato mais evidente desse milagre, mas Humberto e outros moradores ajudaram a estender os benefícios da obra, juntando-se ao Comitê de Eletrificação, que lutou pela cons-

trução da rede elétrica que agora alcança as 1.600 famílias do povoado.

Sobre as casas baixas, um mar de antenas revela as transformações que vêm ocorrendo após o fim do isolamento. "Com eletricidade, veio melhor educação, mais saúde, e agora sabemos mais o que se passa no país e no mundo", comenta Humberto.

Chavimochic é uma obra emblemática da presença da Odebrecht no Peru. Quando foi iniciada, em 1988, a região de La Libertad era um dos principais campos de conflito entre tropas do Governo e guerrilheiros do grupo Sendero Luminoso.

Renato Mostacero Placencia, Gerente-Geral do Projeto Especial Chavimochic, uma autarquia criada para administrar a nova infra-estrutura e organizar novos investimentos, viu o deserto virar lavoura e vilarejos empoeirados se transformarem em cidades com modernos equipamentos urbanos, luz elétrica e água encanada. "Essa obra trouxe mais do que infra-estrutura", afirma. "Trouxe uma nova mentalidade para toda a população, criando as condições para que fossem substituídas as práticas medievais de cultivo por técnicas mais modernas e despertou o sentido de empreendedorismo por toda a parte."

base na TEO, que a Odebrecht tem dado sua grande contribuição, pois assim se eleva a competitividade do país e o nível de exigência”, acrescenta.

Destacando que a empresa bateu o recorde de segurança no trabalho no Peru, com 7 milhões de horas-homem sem acidente incapacitante, na mina de ouro de Yahanococha, na região de Cajamarca, Vega ressalta que a disciplina da Odebrecht quanto às normas de segurança tem ajudado a estabelecer novos padrões em todas as regiões onde vem atuando, sem que isso provoque atrasos nos compromissos assumidos.

Quando o terremoto de 2001 causou a paralisação da Central Termelétrica de Ilo, na região de Moquegua, sudoeste do país, recorda Guillermo Vega, a Odebrecht foi consultada sobre a possibilidade de recolocá-la em operação num prazo de dois meses. A melhor proposta recebida pelo cliente dava como necessários seis meses para a tarefa. “No mesmo dia já havia três profissionais da Odebrecht no local e 45 dias depois entregamos a usina funcionando.” Ele relata que a tarefa apresentava altos riscos, que poderiam agravar-se com a urgência da obra. “Mas aceitamos o desafio, atendemos o cliente com mais presteza do que a que ele esperava e não cedemos em nossos padrões de segurança.”

Juan Andrés Marsano, 10 anos de Odebrecht, Diretor de Investimentos em Olmos, é outro dos jovens formados pela empresa no Peru. De acordo com ele, uma das características mais marcantes da atividade da Odebrecht é sua capacidade de romper paradigmas e afirmar constantemente a importância das pessoas: “Nosso cliente tradicional era o poder público, e mais tarde, com as privatizações, passa-



Raymundo Serra, Juan Andrés Marsano e Lyonel Laulié: importância das pessoas

mos a lidar com grandes investidores, o que requeria a contínua formação e capacitação de pessoal para atender às novas exigências do mercado. Quando ainda não eram comuns as exigências ambientais, de responsabilidade social e de segurança, a Odebrecht já praticava tudo isso como parte natural do negócio.”

Marsano relembra ter sido necessário um intenso trabalho de formação e conscientização dos integrantes sobre segurança e meio ambiente, através do trabalho e dos cuidados dos líderes da empresa para que se tornassem profissionais altamente qualificados. “Educar algumas dessas pessoas foi um grande desafio, principalmente nas minas de Yahanococha e Antamina, obras realizadas em grandes altitudes e sob condições muito difíceis, nas quais a Odebrecht estabeleceu recordes de horas/homem sem acidentes”, recorda Marsano. “Em Antamina, havia um trecho a ser vencido a 5.200 m de altitude, sob temperaturas de até 10 graus negativos, e muitos não podiam desempenhar seu trabalho porque o organismo não se adaptava, mas o desa-

fio foi vencido com cuidados detalhados, como alimentação balanceada, descanso e a disponibilização de um tipo de roupa térmica importada do Chile para uso nessas condições climáticas.”

Desses cuidados resultou o surgimento de uma indústria peruana de roupas especiais, além da formação de um grupo de trabalhadores especializados adaptados a essas condições. Segundo Juan Marsano, na região de Cajamarca houve trabalhadores com formação elementar que se destacaram pela iniciativa incomum, respondendo positivamente ao estímulo da empresa. “Assim como ajudamos o Governo a escolher prioridades, também temos visto o resultado obtido no nível pessoal, e então entendemos como uma companhia pode funcionar como agente transformador numa sociedade como a peruana”, afirma. “Aquilo que a maioria vê como dificuldade ou crise acaba se revelando como oportunidade para transformação e desenvolvimento.”

UMA CHANCE PARA A PAZ

Lyonel Laulié, Responsável por Administração e Finanças, um chi-



Integrantes da Odebrecht no Peru: motivação, integração e qualificação

leno que toma como história pessoal o processo de transformação que a Odebrecht tem protagonizado no Peru, demonstra especial carinho pelas obras de integração viária que estão sendo realizadas no país. Ele destaca particularmente a Rodovia Tingo María-Aguaytía, na região de Ucayali, onde a Odebrecht vem realizando um trabalho social profundo, como exemplo de como um projeto de engenharia, destinado a recuperar e melhorar uma rodovia, pode criar as condições para tirar do isolamento populações muito carentes e lhes dar uma nova perspectiva de vida. Homem de profundas convicções religiosas, Laulié entende que o legado principal do trabalho e das ações de uma empresa é melhorar a dignidade humana.

O segundo trecho da obra, costeando as escarpas da Cordilheira Azul e com muitos rios a serem vencidos, será iniciado ainda neste ano. O primeiro trecho, já entregue, representa o que Lyonel Laulié chama de obra completa. “Não apenas pela importância geopolítica de facilitar a integração da Amazônia peruana, historicamente isolada do

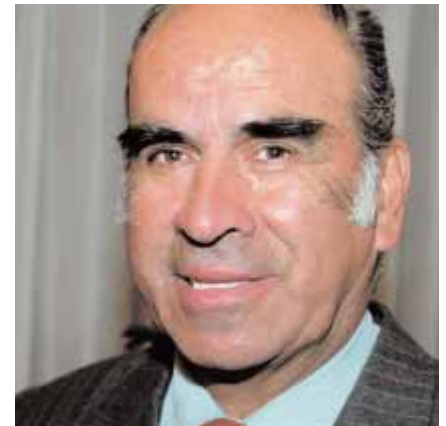
resto do país, mas sobretudo pela oportunidade que foi dada às populações locais de aprender a lutar por uma vida mais digna”, avalia Laulié. Ele conta que, até o início do projeto, o atraso econômico e a presença de narcotraficantes haviam produzido muitos anos de sofrimento: “Era uma vida sem perspectiva, com uma cultura baseada na violência, que regia todas as relações, sem um projeto de felicidade”.

A Odebrecht não fez apenas a obra de engenharia. Dois jovens formados em Comunicação Social, José Aguirre Sánchez e Adriana Lewis Fuentes, foram contratados para desenvolver o projeto chamado Uma Via para o Desenvolvimento como núcleo de intervenção do Plano Integrado de Desenvolvimento e Proteção Social. Num cenário com uma incidência de 44,9% de indigência extrema e de 70,5% de pobreza total, com uma economia baseada no cultivo da coca, os dois jovens parceiros começaram pela província de Padre Abad, onde modos, hábitos e valores eram muito influenciados pelo narcotráfico.

O projeto deu suporte à ação de organizações não-governamentais



Justino Mora: começo como vigilante



Augusto Sánchez Guillén: a TEO na vida real

que trabalhavam em programas alternativos que permitissem erradicar o cultivo de coca. As mulheres de Aguaytía, o principal centro urbano da província, foram escolhidas como núcleo do projeto, por apresentarem um grau de educação mais elevado, apesar de elementar, do que as moradoras da zona rural. Muitas delas foram selecionadas e capacitadas para trabalhar como auxiliares de segurança viária.

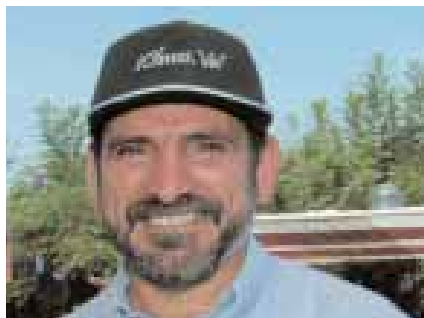
O fato de muitas casas terem sido construídas junto à via, somado à baixa velocidade e pouca incidência de veículos durante o período em que a estrada permanecera sem manutenção, havia permitido que se arraigasse na população o hábito de caminhar, jogar bola e até descansar na pista, o que iria provocar acidentes graves com a reabilitação da rodovia e o aumento do tráfego

Olmos, um novo pólo

Foram 80 anos de espera, e até mesmo um hino, composto especialmente para o evento, estava na memória dos moradores mais antigos. Por fim, em 22 de julho passado, cerca de 10 mil cidadãos da região de Lambayeque, norte do Peru, puderam festejar a assinatura do contrato de concessão para construção, operação e manutenção das obras de trasvase do Projeto Olmos. A idéia de construir um sistema para captar as águas do Rio Huanabamba, afluente da Bacia do Amazonas a 1.085 m de altitude, e canalizá-las para geração de energia elétrica e irrigação das terras do vale de Olmos, situado na vertente do Oceano Pacífico, vinha sendo acalentada desde que foi proposta pelo explorador Manuel Antonio Mesones Muro, em 1924. Ao completar 25 anos de atividades no país, cabe à Odebrecht, como concessionária, executar a primeira etapa da obra, composta da represa Limón e de um túnel de 19,3 km de extensão, que tornará possível, nesta primeira etapa, o desenvolvimento de projetos agrícolas numa área de 40 mil ha.

O impacto desse empreendimento na economia de toda a região equivale à criação de um novo pólo exportador de frutas e legumes, com potencial para a geração de 10 mil empregos, recuperação de um território fértil, mas improdutivo por causa da escassez de água, e viabilização da geração inicial de 850 GWh/ano de energia. O grande desafio é o túnel, a ser escavado através da Cordilheira dos Andes, com coberturas de mais de 2 mil m e altas temperaturas a partir da área do reservatório da represa Limón.

Esse empreendimento, fruto de



Yehude Simons: oportunidade para mudar



Erlon Arfelli, responsável pela obra

uma Parceria Público-Privada, demanda grande esforço da equipe liderada pelo Diretor de Investimento Juan Andrés Marsano para adequar-se às novas exigências do mercado e à estruturação da empresa Concessionária Trasvase Olmos. Para a execução das obras, incorporou-se à equipe do DS Jorge Barata o Diretor de Contrato Erlon Arfelli.

Para o Governador da região de Lambayeque, Yehude Simons Munaro, é o início de uma nova etapa na história da região. "Nossa gente sabe que esta é a oportunidade para mudar sua vida, por tudo o que significa em termos de desenvolvimento, de oportunidade de trabalho e de chance para novos empreendimentos", declarou durante a solenidade de assinatura do contrato.

e da velocidade média dos veículos. Uniformizadas e treinadas, as novas agentes passaram a atuar nos trechos em obra e nas zonas habitadas, coordenando a passagem de veículos e máquinas e educando motoristas e moradores para o uso adequado da estrada.

Como resultado desse trabalho, criou-se na população local uma nova perspectiva, levada para dentro das famílias e da comunidade por essas mulheres. Mais respeitadas e com um papel social relevante, elas se tornaram aos poucos agentes de desenvolvimento, contribuindo para alterar a situação de subserviência que caracterizava as mulheres até então. As ações de educação se estenderam aos motoristas, com o programa Condutor Responsável, e aos adolescentes, por meio do subprograma Polícia Escolar, que consistiu em identificar estudantes com características de liderança para interessá-los nos programas de capacitação e integrá-los ao esforço de segurança viária. Criados sob a influência do narcotráfico, em famílias pobres marcadas pela violência doméstica, esses jovens se tornaram agentes transformadores da comunidade.

Lyonel Laulié mal disfarça a emoção ao comentar que esses ganhos passam a fazer parte da vida daquelas pessoas. "A comunidade tende a ficar melhor do que era antes, com maior integração da mulher, que passa a ter um novo papel na sociedade, e ganha mais respeito dos homens." Ele acrescenta: "A obra tem impactos positivos em muitos sentidos além da própria integração viária, pois o fim do isolamento ensina a população a valorizar a diversidade cultural e a se tornar mais aberta ao exterior".

Segundo Lyonel, começam a surgir alternativas que deixam cada vez mais distante a antiga dependência



Obras da Mina de Yahanococha: recorde de segurança no trabalho no Peru

da coca, com as primeiras iniciativas de negócios de coleta, piscicultura e semi-industrialização do azeite de dendê. Uma parceria da Odebrecht com o Governo Regional de Ucayali e a Associação dos Palmicultores de Shambillo está permitindo levar aos povoados à beira da estrada a rede elétrica construída para atender os acampamentos da empresa, beneficiando diretamente mais de 10 mil camponeses que não contam hoje com abastecimento de energia em suas casas. Sem a participação da Odebrecht, esse projeto de eletrificação não seria economicamente viável.

“Nossa preocupação, sem qualquer exigência de contrato, foi não apenas fazer uma obra moderna, mas também preparar a comunidade para conviver com a nova realidade”, diz Lyonel, lembrando que, ao desocupar o acampamento principal, a empresa deixou para os moradores uma área de 5 ha com equipamentos modernos, incluindo um local para sede da municipalidade, instalações esportivas e outras melhorias. Moradores locais foram

capacitados para fazer a manutenção dos sistemas de potabilização da água e tratamento de esgotos, a fim de que os benefícios sejam preservados.

PARCERIAS PROMISSORAS

A história dos 25 anos da Odebrecht no Peru tem um capítulo especial no processo de formação de jovens parceiros, sobre o qual são criados os fundamentos da permanência da empresa. O baiano Daniel Villar, Diretor de Contrato, chegou ao país em abril de 1999, após três anos no Equador, para trabalhar na Mina de Yahanococha, em Cajamarca, norte do país, a 4.200 m acima do nível do mar, até o término das obras em 2001, quando se mudou para a área de mercado em Lima, com o objetivo de trabalhar na conquista de um negócio.

Era a época de um governo de transição que assumiu após a renúncia do Presidente Alberto Fujimori com a missão de garantir eleições para a escolha do novo governo. O Peru entrava num período de forte recessão que praticamente o para-

lisou. “Era preciso ser seletivo na busca de novos projetos”, lembra Daniel. Esse foi o caso do contrato para a recuperação da Rodovia Tingo María-Aguaytía, de 42 km, na região centro-oriental do país, assinado em 2002, o primeiro projeto contratado com a Odebrecht pelo novo Governo do Presidente Alejandro Toledo. Em março de 2004, a conclusão desse empreendimento foi confiada a Sérgio Panicali, o que liberou Daniel para a conquista de novos negócios no cenário de retomada de crescimento vivido atualmente pela empresa.

“Nossa dificuldade, na fase de recessão, era que não bastava fazer a coisa certa. Havia uma impossibilidade de resultados a curto prazo e tivemos de perder integrantes valiosos devido à diminuição do nosso volume de obras”, lembra Daniel. Segundo ele, a TEO ofereceu a base de serenidade, confiança e paciência para que a empresa buscasse, com seletividade, alternativas para sua continuidade no Peru e a retomada do crescimento. “A TEO é uma filosofia de vida empresarial,

com fundamentos que podem ser aplicados em todos os níveis da empresa e em qualquer circunstância de mercado.”

Daniel analisa a vida da Odebrecht no Peru em quatro fases distintas. Na primeira delas, a das grandes obras, que durou quase 15 anos e das quais Charcani V e Chavimochic são os principais exemplos, a empresa se consolidou como grande parceira do Estado peruano se destacou pela qualidade de sua tecnologia. Na segunda fase, com o desaparecimento dos grandes projetos e a redução da capacidade de endividamento do Governo, os clientes privados passaram a ter maior participação, principalmente as grandes mineradoras, e a empresa chegou a ter de 10 a 12 obras simultâneas. A terceira fase, de transição política, ensinou a empresa a viver sob recessão, com uma estrutura enxuta; e a quarta fase, que, segundo Daniel, marca o momento atual, do 25º aniversário da Odebrecht no Peru, caracteriza-se pela retomada do crescimento, com o retorno do investimento público em combinação com recursos do setor privado: “Conseguimos sobreviver e chegamos a esta fase com todas as condições para crescer, porque os líderes da empresa tinham bem enraizada a filosofia da TEO e não descuidaram da continuidade”. Daniel Villar, mais Rodney Carvalho, Sérgio Panicali, Juan Marsano, Ernesto Baiardi e Guillermo Vega representam uma nova geração de empresários-parceiros formados no Peru e que, com exceção de Ernesto Baiardi (atualmente servindo à Odebrecht na República Dominicana), estão sob a liderança do baiano Jorge Barata. Eles deverão atuar ao lado de veteranos da primeira geração, como o peruano Winston Lewis, na nova fase de crescimento da empresa.



Guillermo Vega: país aberto a novidades



Daniel Villar: serenidade, confiança e paciência

É unanimidade na equipe de Jorge Barata a consciência de que a Odebrecht soube aproveitar o que há de melhor em sua configuração de pequena empresa, atuando sempre muito próximo do cliente, e combinar isso com suas melhores qualificações como grande empresa, ao se mostrar capaz de trabalhar de forma proativa com cinco governos ao longo desses 25 anos.

No mercado peruano, o nome Odebrecht acabou também associado ao desenvolvimento de outras empresas, que começaram como parceiras menores e se tornaram protagonistas importantes no atual cenário de negócios na região.

Sérgio Panicali, há dois anos no Peru (depois de outros dois anos na Bolívia), afirma que a Odebrecht já é considerada um nome comum no ambiente de negócios do Peru e acredita que a TEO, ao valorizar a diversidade, cria as condições para

que a empresa, embora identificada com o Brasil, seu país de origem, consiga se integrar de uma forma diferenciada em todos os ambientes onde atua, mesmo que tenham culturas diametralmente distintas. “Os princípios da TEO são conceitos universais, como a confiança no ser humano, mas eles fazem a diferença na hora de sair das palavras para a prática, quando uma comunidade é envolvida e se sente valorizada, quando o trabalhador percebe que tem garantidos e respeitados até mesmo direitos que ele desconhecia, como o direito à educação permanente.”

Para Sérgio Panicali, o sucesso da Odebrecht mesmo em ambientes sociais hostis, como os que foram encontrados na zona cocaleira do norte do Peru e na periferia da região metropolitana de Lima, foi garantido pelo comportamento baseado na TEO: “Quando somos francos e delimitamos a realidade, deixamos claro que o conflito traz prejuízo para todos e que a empresa ou a obra não vai resolver todos os problemas, mas que juntos podemos criar não apenas um período de prosperidade, mas um contexto em que a sustentabilidade seja possível. Temos procurado deixar um legado que perdure”.

EM CASA, LONGE DE CASA

O carioca Rodney Rodrigues de Carvalho começou a trabalhar na Odebrecht em 1982. Saiu do Brasil há 17 anos, destacado para Angola, depois Equador, teve uma primeira passagem pelo Peru em 1990, depois voltou a Angola, transferiu-se para a Bolívia e voltou a aportar no Peru em 1996. Rodney diz que já não se sente muito brasileiro, o que parece ser desmentido pela pulseirinha do Senhor do Bonfim, quase a desmanchar-se em seu pulso direito. “Certas coisas, como pedir



Winston Lewis: "homem é o início e o fim de todas as coisas"



Adriana: projetos sociais

Vivência de canteiro

O engenheiro Winston Lewis, 55 anos, tem a pele curtida dos muitos dias sob o sol dos Andes e um olhar que se acende quando lhe pedem para contar histórias de acampamentos. É um homem sólido, de palavras na medida certa, para quem a vida tem sido uma sucessão de obras. "O homem é o início e o fim de todas as coisas", gosta de dizer. Começou por aí seu aprendizado na Tecnologia Empresarial Odebrecht. Contratado por três meses, em 1980, para fazer um estudo sobre as famílias de traços de concreto, na obra de Charcani V, ele teve acesso a uma edição do livro *Sobreviver, Crescer e Perpetuar*, e ali encontrou a frase que orienta sua carreira.

A dois dias de terminar o contrato experimental, houve um problema no túnel e ele foi convidado a assumir o turno da noite. "Eram 5 horas da tarde, assumi o posto e fiquei 35 horas direto. Então comecei minha carreira de verdade", conta Lewis. Tornou-se técnico de construção civil, um escalão acima do cargo de capataz, e decidiu que sua falta de experiência seria suprida pelo que estava aprendendo no livro. "Seguia o exemplo de Marco Cruz, que era meu líder naquele momento."

Winston Lewis foi protagonista de um dos momentos mais dramáticos da história da Odebrecht no Peru, quando um desabamento o isolou no interior do túnel da

hidrelétrica, com um grupo de colegas, durante oito horas. "Era setembro de 1982, e eu liderava um grupo de armadores que faziam um muro de arrimo", relata Lewis. "Ao passar da metade do túnel, houve um desmoronamento, a luz se apagou e rompeu-se o tubo de fornecimento de ar. Comecei a bater nos canos, para chamar a atenção dos que estavam fora, mas era hora de almoço e ninguém nos ouvia. Aos poucos, um e outro companheiro começaram a ficar nervosos, daí para o pânico seria um passo e eu não devia permitir que isso acontecesse."

Para Lewis, esse foi um dos momentos em que detalhes da TEO fizeram diferença: "Lembrei imediatamente de que o mais importante era cuidar daquelas pessoas, fazê-las manter a confiança e preservar sua capacidade de raciocínio, para evitar maiores riscos". Lewis procurou conduzir as conversas, no escuro, no sentido de acalmar seus liderados, esperando que durante o almoço os demais companheiros percebessem a ausência do grupo, e foi exatamente isso que aconteceu. Logo o grupo isolado começou a ouvir barulho de escavação na entrada do túnel, e a esperança se reacendeu.

Foram oito horas de isolamento, durante as quais, segundo Lewis, foi possível percorrer muitas lições da TEO. "Des-

de o momento da disciplina, quando precisei usar energia para restabelecer a calma, até a ocasião de delegar responsabilidades e garantir a participação de todos no nosso resgate, para tudo havia uma orientação, uma direção a seguir, sempre tendo como referência principal o fato de que o homem é o início e o fim de todas as coisas."

Lewis chegou a Diretor de Contrato na Hidrelétrica de San Gaban, onde permaneceu por três anos, depois de haver passado oito anos em Charcani e outros oito em Chavimochic. Esteve também em Lima, nas obras de saneamento de San Bartolo e San Juan, e na República Dominicana, para as obras do Aqueduto da Linha Noroeste e da Hidrelétrica de Piñalito. Seu próximo desafio será um túnel de 19 km, na primeira fase do Projeto Olmos.

Sua filha Adriana também é integrante da Odebrecht. Ela desenvolveu, com o colega José Aguirre Sánchez, uma série de programas sociais para a população que vive ao longo da Rodovia Tingo María-Aguaytía. "Me dá alegria ter um laço a mais com a Odebrecht", diz Winston Lewis. Ele afirma que uma família como a sua, "criada na diversidade de ambientes, fica mais forte, com o espírito mais aberto e com menos preconceito. Espero ter passado isso adiante".

ajuda ao santo, a gente nunca perde, certo?”, admite, contando que havia atado a tradicional fita do Bonfim pensando no contrato do Interceptor Norte do sistema de esgotos de Lima, a ser construído na Província Constitucional de Callao. O contrato foi assinado dia 9 de julho último e, garante Rodney, a fitinha vai ficar “até cair de velha”.

Em sua primeira passagem pelo Peru, Rodney Carvalho trabalhou no Projeto Chavimochic. Ele lembra que os trabalhadores de outras empresas e até mesmo do Governo se preocupavam com as freqüentes incursões de guerrilheiros e narcotraficantes, mas o grupo brasileiro

nunca foi incomodado. Mesmo assim, gosta de se divertir com a história de um colega que construiu um *bunker* para ter onde se esconder em caso de ataque. “Se houvesse tempo para alguém se esconder, ele ia ter muita companhia, pois todo mundo sabia do seu esconderijo”, brinca Rodney.

Em seu retorno ao Peru, em 1996, ele foi para Arequipa, onde trabalhou em três obras: Ponte Cincel, do sistema Charcani, reservatório destinado a ampliar a capacidade de geração de energia elétrica, Ponte Eduardo Quiñones, conhecida como Ponte Consuelo, além da Mina de Cerro Verde, pertencente à empre-

sa Phelps Dodge. “Todas as obras de que participei eram grandes e pioneiras”, orgulha-se Rodney.

Na região metropolitana de Lima, para onde se deslocou em 1997, para assumir a área de propostas, Rodney Carvalho tem acumulado uma lista de trabalhos em obras de saneamento, mas também dirigiu a equipe que se deslocou em 2001 para Ilo, em Moquegua, para recuperar a usina de Ilo 2, para o cliente Tractebel, em tempo recorde. Atualmente, prepara o início das obras do Interceptor Norte da rede de esgotos no distrito de Callao, parte do sistema destinado a promover a despoluição das praias próximas

Patrimônio cultural preservado

Além de escolas, cursos para jovens peruanos e outros benefícios adicionais às suas obras, a Odebrecht tem deixado no Peru também uma importante contribuição cultural. O livro sobre Arequipa é uma dessas obras, construída com fotografias de alta qualidade sobre a região sul do país, num registro do patrimônio natural e arquitetônico nunca antes reunido em uma publicação.

O objeto de outra ação cultural importante pode ser visitado na cidade de Trujillo, capital da região de La Libertad, ao norte. O complexo arqueológico de Chan Chan, no Vale do Moche, região de La Libertad, cobre uma área de cerca de 20 km² e é formado por cidadelas e palácios. As dimensões e as características de dispersão desse patrimônio tornavam difícil preservá-lo. Até que, em 1990, foi aberto ao público o Museu do Sítio de Chan Chan, construído pela Odebrecht como contribuição para a preservação desse patrimônio cultural.

“Essa obra da Odebrecht deu vida ao complexo arqueológico e as condições para exibição de suas peças mais representativas, além de podermos contar com áreas de investigação e locais apropriados para a preservação de mais de 12.500 peças”, diz Lúcia Helena Vega, Secretária de Cultura da região de La Libertad.

Para os moradores da região, turistas e pesquisadores, a criação do museu significou, muito mais do que uma nova atração, a possibilidade de reunir as peças em um único lugar. Isso tem permitido uma melhor preservação do patrimônio e atraído mais interesse para as pesquisas, afirma Arturo Paredes, antropólogo residente do museu. Segundo Paredes, esse é o único museu do Peru com uma sala especial computadorizada para apresentações audiovisuais. O setor de investigação tem laboratórios químico e fotográfico e suas instalações têm permitido oferecer cursos para jovens carentes.



Museu do Sítio de Chan Chan: exibição de peças e investigação



Sérgio Panicali: integração diferenciada



Rodney Carvalho: mensagem social

à capital do Peru. Trata-se de um projeto complexo, que deverá ser realizado em zona de alta densidade demográfica e marcada por problemas sociais graves.

“Vamos entrar lá no estilo Odebrecht, para tentar provocar o menor distúrbio possível na vida das pessoas, mostrando à população que se pode reduzir o clima de violência com obras que melhoram a qualidade de vida. Essa será nossa mensagem social”, diz Rodney. “Reuniremos as associações de vizinhos para mostrar o impacto positivo que a obra terá em suas vidas e que, na medida do possível, vamos contratar gente do local.”

CONSTRUINDO O FUTURO

Jorge Barata compartilha do otimismo de Rodney Carvalho. Ele entende as fases por que passou a empresa no Peru como ciclos naturais, pelo fato de a Odebrecht haver se integrado à vida social e econô-



Arequipa: cidade ambientou obras emblemáticas da atuação da Odebrecht no Peru

mica do país. “Em 1997, por exemplo, vivíamos uma grande fase; o país crescia mais de 7% ao ano, estávamos em uma posição consolidada e em processo de crescimento, marcado pela conquista, com a Shell, do contrato do sistema de exploração de gás de Camisea”, lembra. Dois anos depois a situação se inverteu rapidamente, com a redução do programa de investimentos do Governo, provocando a suspensão do contrato de Camisea, no qual a Shell já havia comprometido cerca de US\$ 240 milhões, e a progressiva redução do volume de negócios em todo o país.

A reorganização política e econômica do Peru encontrou a Odebrecht pronta para crescer novamente. “O apoio do Governo brasileiro, através do programa de exportações de bens e serviços, tem sido fundamental em toda nossa história, e também foi importante na retomada”, reconhece Jorge Barata. “Agora, contamos com fontes de financiamento variadas, do Japão, do Banco Mundial e da Alemanha, e um novo sistema de contratação,

baseado na parceria público-privada, está trazendo novo ciclo de negócios ao país.”

Integração, saneamento e estímulo à agroexportação são as bases do novo ciclo que se inicia no Peru. A Odebrecht está presente em todos esses setores e, segundo Jorge Barata, está capacitada a apresentar projetos bem-sucedidos em todos eles. “Somos vistos como uma empresa que traz soluções completas, transforma a sociedade e transfere benefícios para ela”, afirma. “Aplicando a TEO, começamos nos diferenciando pelo tratamento, pelo respeito à pessoa, pelo relacionamento comercial transparente e pela valorização da sociedade, que é para quem trabalhamos.”

É nessa base que a Odebrecht celebra seus 25 anos de sucesso no Peru, preparando-se para uma participação ativa na retomada do crescimento do país e, nas palavras de Jorge Barata, “para estender um amplo legado de realizações, ampliando nossa comunidade de conhecimento e realizando plenamente nossa missão”.

Campos cultivados em toda a volta

Quando chegou a Trujillo, em 1997, depois de ter vivido 12 anos no Estado norte-americano da Califórnia, o colombiano Juan Rodolfo Wiessner encontrou a região sob os efeitos devastadores do fenômeno El Niño. A caminho da sede da indústria Camposol S.A., pediu ao motorista que parasse em plena Rodovia Panamericana e decidiu fazer a pé o último trecho até a sede da empresa. "Vi os trabalhadores caminhando sob o sol, à beira da estrada, e decidi fazer como eles. Foram 25 minutos até o portão, e eu sabia que a maioria deles caminhava até o dobro desse tempo todos os dias. Minha primeira medida foi criar um serviço de transporte para os funcionários."

Wiessner seria o Gerente-Geral do novo empreendimento, iniciativa de uma antiga companhia pesqueira que buscava a diversificação. A empresa começou adquirindo 200 ha numa das primeiras ofertas feitas pelo Governo após a conclusão do Projeto Chavimochic. Tem agora quase 4 mil ha semeados, produzindo mais de 50 mil t anuais de arpagos, alcachofras, pimentões e frutas.

Os resultados do investimento são surpreendentes: vendas de US\$ 9 milhões na primeira safra, em 2000; US\$ 18 milhões em 2001; US\$ 33 milhões em 2002; US\$ 50 milhões em 2003; e US\$ 70 milhões neste ano, com um crescimento previsto de 40% ao ano no futuro próximo. Toda a produção da Camposol é homologada para exportação e destinada sobretudo aos gigan-

tes internacionais do varejo: Carrefour, General Mills, Green Giant, "os clientes mais exigentes do mundo", segundo Wiessner.

A Camposol é a maior no setor agroindustrial do Peru, com 5.500 funcionários, dando oportunidade de trabalho para, em média, de três a quatro pessoas por família nos povoados da região de Trujillo e Virú. Em torno da fábrica construída pela Odebrecht se estendem os campos cultivados, onde os trabalhadores contam com instalações sanitárias, equipamentos de segurança e alimentação.

A empresa contruiu uma escola e mantém um programa de capacitação para mulheres que não trabalham na indústria. "Queremos transformá-las em microempresárias, com habilitação em costura, panificação e outras especialidades, para ajudar na busca de auto-suficiência das famílias", informa Wiessner. Ele acrescenta: "Acabou-se o tempo em que os investidores vinham apenas explorar e deixar para trás a miséria histórica. Para nós, isto não é apenas um negócio a mais, é uma missão. Queremos desenvolver aqui uma nova sociedade em uma década." Wiessner pretende ampliar, nos próximos cinco anos, a área de semeadura em mais 3 mil ha e chegar a 10 mil funcionários contratados.

A região de Chavimochic vendeu em 2003 um volume de produtos agrícolas *in natura* e industrializados no valor de US\$ 240 milhões e deve chegar ao final deste ano com uma receita de US\$ 270 milhões. A atual



Emílio Valle: resultados duplicados a cada ano



Juan Rodolfo Wiessner: serviço de transporte para os trabalhadores

fez uma pesquisa na internet e decidiu inovar, plantando cebola vermelha", conta José Álvaro. "Conseguimos uma produção de 40 toneladas por hectare, com duas colheitas por ano, em rodízio com gramíneas e milho."

Emílio Valle, engenheiro agrônomo especializado em frutas, cuida dos Vinhedos Don Alejandro, projeto da Inversiones Agrícolas Del Norte S.A, onde cultiva 18 ha de uvas da variedade Red Globe e experimenta em 2 ha a variedade Flame Seedless. Toda a produção está contratada para exportação para o mercado asiático, Alemanha e Inglaterra. "Simplesmente dobramos os resultados a cada ano", relata o agrônomo. "No primeiro ano, colhemos 5 t/ha; no segundo, 10t, e neste ano estamos colhendo 20t /ha", comemora Emílio, acentuando que a empresa já prepara um projeto de agroturismo e a expansão dos atuais 20 ha para 200 ha em seis anos.

taxa de crescimento indica um aumento de 100% nesse volume, chegando a US\$ 500 milhões em cinco anos. Estão ali sete das 10 maiores agroindústrias do país.

A região atrai também empreendedores como Fortunato Márquez, que tinha negócios tipicamente urbanos em Lima e soube de Chavimochic pela TV. Adquiriu 50 ha em 1998 e foi expandindo a área até os atuais 180 ha.

Segundo o engenheiro agrônomo José Álvaro Lujar Gurrionero, responsável pelo negócio, a produtividade da terra irrigada é surpreendente. "Ele

COMUNIDADE

A ODEBRECHT E A SOCIEDADE



Lilia Schwarcz, Pedro Dias e a pesquisadora Carmem Azevedo no lançamento do livro em Lisboa

LANÇADO EM PORTUGAL O LIVRO DOS LIVROS DA REAL BIBLIOTECA

O *Livro dos Livros da Real Biblioteca* foi lançado em Portugal no dia 3 de novembro, em cerimônia realizada no Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo, em Lisboa. Na oportunidade, Pedro Dias, Diretor Geral do Instituto, fez discurso em que destacou a qualidade do livro e a oportunidade de seu lançamento em Portugal.

Parte do Projeto Real Biblioteca, patrocinado pela Odebrecht e cujo objetivo foi recuperar o grande acervo trazido por D. João VI para o Brasil no século XIX – o qual hoje faz parte da Biblioteca Nacio-

nal do Rio de Janeiro –, o *Livro dos Livros* foi escrito por Lilia Moritz Schwarcz e Paulo Cesar de Azevedo (já falecido). A obra traz as mais representativas imagens daquele rico acervo.

Carlos Armando Paschoal, Diretor-Superintendente da Bento Pedroso Construções – BPC, subsidiária da Odebrecht em Portugal, salientou que a publicação representa ainda uma homenagem da empresa ao país, no qual a BPC atua há mais de 50 anos.

A solenidade foi prestigiada também por Hélio Vitor Ramos,

Ministro Conselheiro da Embaixada do Brasil; Lourenço Correia de Matos, Presidente da Associação Amigos da Torre do Tombo; Rui Pereira, Diretor do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas; José Manuel Barata Moura, Reitor da Universidade de Lisboa; a autora Lilia Schwarcz; Gilberto Sá, Conselheiro de Administração da Odebrecht S.A.; e Renato Martins, Responsável por Desenvolvimento de Novas Oportunidades na Odebrecht S.A., além de por outras autoridades, intelectuais e integrantes da BPC e da Odebrecht.

PROGRAMA DE CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DA ODEBRECHT COMPLETA 45 ANOS

Em 2004, além dos 60 anos de sua fundação, a Organização Odebrecht celebra 45 anos de contribuição cultural. O primeiro livro patrocinado, em 1959, foi *Homenagem à Bahia Antiga*, de José

Valladares. A publicação traz um estudo sobre as edificações históricas de Salvador.

Hoje, o acervo de edições culturais da Odebrecht, dividido em Artes, Cidades e Regiões, História e Parcerias,

compreende mais de 100 livros sobre o Brasil e outros países onde a Organização está presente.

Para conhecer todos os títulos publicados acesse o site www.odebrecht.com.br

Publicações premiadas

• **MAPA - IMAGENS DA FORMAÇÃO TERRITORIAL BRASILEIRA**

– Prêmio Aberje Brasil/ Publicação Especial – 1994
 – XIII Prêmio Promoção Brasil, concedido pela Associação Brasileira de Colunistas de Marketing e Propaganda – 1994

• **O BRASIL DOS VIAJANTES**

– Prêmio Aberje Brasil/ Publicação Especial – 1995
 – 5º Prêmio Fernando Pini de Excelência Gráfica/Livro de Arte e Melhor Design – 1995
 – Prêmio Jabuti/ Produção Editorial – 1995

• **CASTRO ALVES (POESIAS E BIOGRAFIA)**

– Prêmio Aberje Brasil/ Projetos Institucionais – 1997

• **MONTEIRO LOBATO: FURACÃO NA BOTOCÚNDIA**

– Prêmio Jabuti/Ensaio e Biografia – 1998
 – Prêmio Aberje Brasil/ Publicação Especial – 1999

• **O LIVRO DOS LIVROS DA REAL BIBLIOTECA**

– Prêmio Aberje Regional/ Publicação Especial – 2004



Capas de livros lançados através do Programa de Contribuição Cultural da Odebrecht

RECICLAGEM: NOVO PROJETO

É de pequeno que se aprende a valorizar e preservar o meio ambiente. Pensando desta forma, as professoras Luciana Pinho Barros e Zenaide Ferreira da Silva Oliveira, da Escola Municipal CSTC, de Camaçari, elaboraram o projeto “Nada é difícil... Reciclar é preciso”. A proposta do projeto é iniciar alunos de 3 a 6 anos em atividades de coleta seletiva e reciclagem de lixo. Com ele, as professoras conquistaram o primeiro lugar do concurso “Crie seu projeto de educação ambiental”.

Iniciativa inovadora, o concurso visa envolver ainda mais os educadores no Programa de Educação Ambiental Arte com Plástico nas Escolas, desenvolvido pela Braskem nas escolas públicas municipais de Camaçari. Lançado em agosto, contou com a participação de 10 escolas públicas municipais e agraciou os três primeiros lugares com prêmios e mais R\$ 1 mil para a execução dos projetos, o que deve acontecer até dezembro. Devido ao excelente nível dos trabalhos, a Braskem resolveu apoiar mais seis projetos, com R\$ 1 mil para cada um.

Criado em 1998, o Arte com Plástico beneficia 52 escolas, envolvendo mais de 700 educadores e 20 mil alunos. O programa inclui seminário para os educadores, oficina de reciclagem de sucata plástica para as crianças e distribuição de equipamentos para coleta seletiva de lixo nas salas de aula e pátios das escolas. O Arte com Plástico é realizado pela Braskem em parceria com a Prefeitura Municipal de Camaçari, através da Secretaria de Educação, a Limpec (empresa municipal de limpeza urbana), a Sol Embalagem e a Engpack.



Antonio Risério autografa um exemplar de seu livro para o Prefeito de Salvador, Antonio Imbassahy

BAHIA E POESIAS EM DESTAQUE

Livros do poeta, escritor e antropólogo baiano Antonio Risério e do poeta alagoano Lêdo Ivo, editados com o apoio cultural da Braskem, tiveram lançamento em outubro e novembro.

Uma História da Cidade da Bahia, de Antonio Risério, foi lançado em 20 de outubro, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, e em 26 de novembro, no Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador. A obra traz uma visão panorâmica da história da Cidade da Bahia, do século XVI aos dias de hoje, abordando a trajetória da primeira capital do país de diversos pontos de vista: econômico, social, político e religioso.

O livro foi publicado no ano 2000, em uma edição de arte distribuída apenas como brinde durante as comemorações dos 450 anos de Salvador. Risério diz que esta edição, publicada pela Versal Editores, com 624 páginas, é praticamente um novo livro. “Escrevi capítulos sobre saveiros, música seiscentista e música sacra africana, pesca da baleia, indústria

naval, socialismo e comunismo na Bahia, sem deixar de lado o futebol. Então, é um novo livro, revisito e ampliado”, explica. Em cada capítulo, é abordado um século da história da Cidade da Bahia.

O poeta alagoano Lêdo Ivo, aos 80 anos de vida e 60 de ofício do verso e da prosa, segue reinventando seu estilo com frescor e efervescência de idéias. Em outubro, aconteceu o lançamento oficial de seu livro *Poesia Completa*, com homenagens, na Academia Alagoana de Letras, e também na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

O livro reúne, pela primeira vez, a complexa poesia desse autor que, de 1940 a 2004, produziu uma das mais ricas obras da literatura brasileira. Editada pela Topbooks através de uma parceria entre Braskem, Academia Alagoana de Letras e Academia Brasileira de Letras, a obra tem 1.100 páginas e reúne os 23 livros de poesia publicados desde *As Imaginações*, o primeiro livro, de 1940, a *Plenilúnio*, lançado em 2004.



O estande da Braskem na Feira K: área de 510 m² na ala de matérias-primas

■ PETROQUÍMICA

A grande vitrina internacional das inovações

Flávia Azevedo **TEXTO**

A cada três anos, todas as atenções do setor plástico mundial são dirigidas a Düsseldorf. Na cidade alemã, importante centro financeiro da Europa, acontece a Feira K, que, neste ano, chegou à sua 16ª edição. Realizado entre os dias 20 e 27 de outubro, o evento contou com a participação de expositores proceden-

Braskem tem participação destacada na Feira K, a mais importante do setor do plástico em âmbito mundial

tes de mais de 53 países e não decepcionou o mercado, que, a cada edição, espera a maior oferta de equipamentos, produtos, serviços e inovações do setor. Luís Fernando Cassinelli, Responsável por Assistência Técnica e Tecnologia da Braskem, afirma: "A Feira K é a mais importante relacionada ao plástico em âmbito mundial. A cada três anos ocorrem, alternadamen-



Produtos feitos com matérias-primas da Braskem expostos na feira. Na foto menor, visitantes no estande da empresa

te, a feira de Milão, a de Chicago e a de Düsseldorf, sendo esta, a Feira K, sem dúvida a mais importante”.

Como esperado em feiras de plástico, o reduto de máquinas e equipamentos ocupou a maior parte dos estandes. Em seguida, vieram as alas das matérias-primas e, com participação bem menor, os prestadores de serviços e indústrias transformadoras. A feira foi dominada pelos anfitriões (dos 2.921 expositores, 1.090 eram alemães), seguidos de perto pela China, que a cada ano potencializa a sua participação na área de novas tecnologias. Números e informações curiosos surgiam nos corredores. A Índia teria uma delegação de 10 mil pessoas. A participação pálida dos Estados Unidos sugeria um boicote. Especulações à parte, a K2004 deixou a certeza de que é uma grande feira de negócios. Mais do que um celeiro de inovações no qual a cadeia produtiva do plástico se abastece, o evento é a maior oportunidade do setor para quem quer ver e ser visto.

O que se diz no *métier* é que a Feira K está para o setor plástico tal qual o Oscar para a indústria cinematográfica. Se é assim, neste ano a Braskem fez a sua estréia no tpe-



te vermelho do evento, consolidando ainda mais sua imagem de petroquímica brasileira de classe mundial.

Brasileira, com certeza! Foi nesse clima que a Braskem ocupou o seu território na ala das matérias-primas da feira alemã. A área de 510 m² (a maior ocupada por uma empresa brasileira) foi inteiramente imersa no conceito de brasilidade. Da decoração ao atendimento prestado pelo *staff*, tudo se afinava, resultando num ambiente ameno e descontraído. Na decoração, garrafas PET e embalagens *tupperware* transmutadas em imagens tropicais ajudavam a compor o cenário onde 14 atendentes recebiam, diariamente, cerca de 1.500 pessoas ao longo dos oito dias da fei-

ra. Sobre a estréia, Luciano Nunes, Gerente de Produtos e Serviços da Unidade Vinílicos, salienta: “Foi muito importante, pois somos uma empresa brasileira com atuação global. Além de termos criado um ambiente para receber nossos clientes brasileiros em visita ao evento, criamos um ambiente para sermos a embaixada brasileira na feira”. O espaço era um porto seguro para relaxar, conversar e “recarregar as baterias”, bebericando sucos de frutas 100% brasileiras ou uma legítima caipirinha durante a *happy hour*, quando dois músicos brasileiros mostravam o melhor da MPB ao som de violão e atabaque. O ambiente perfeito para grandes encontros e grandes negócios.



Momento do jantar no qual José Carlos Grubisich anunciou os novos investimentos da Braskem: diálogo com clientes e parceiros

Transformadores brasileiros visitaram o estande, assim como os principais distribuidores e *traders* internacionais. Além da descontração, o estande da Braskem teve infra-estrutura informatizada nas oito salas de reunião e duas salas de apoio. Fez bom uso desses espaços, como garante Luciano Guidolin, Responsável por Exportação na empresa: “A Braskem participou da Feira K de forma compatível com a sua importância no mercado internacional. Isso transmite a segurança de que a empresa apóia seus clientes e está presente nesse mercado. No negócio de exportação, essa atitude é fundamental para posicioná-la como fornecedora de porte internacional e de produtos de qualidade. Durante a feira, além de atender os parceiros que já temos, fomos procurados por mais de 1.300 pessoas para reuniões. Voltamos com grande volume de contatos para potenciais negócios”.

Esse posicionamento não passou despercebido pelos clientes.

Vice-presidente da Tigre, Evaldo Dreher esteve na K2004 e visitou o estande da Braskem. Ficou satisfeito com o que viu: “A Tigre sempre participa da feira porque aqui encontramos as tendências de novas soluções tecnológicas

NÚMEROS DA FEIRA K

Pode-se ter uma idéia do porte da Feira K a partir de alguns dos seus números. Junte-se a eles a informação de que era impossível visitar todo o espaço em apenas um dia, mesmo com a ajuda de microônibus para cobrir as distâncias entre os pavilhões.

Local: Düsseldorf, Alemanha

Edição: 16^a

Duração: 8 dias

Expositores: 2.921

Países participantes: 53

Visitantes: 200 mil

Área: 158 mil m²

Empresas alemãs: 1.090

Pavilhões: 17

Visitantes da América Latina: 8.500

de acordo com aspectos mercadológicos. Aproveitamos a feira para fazer uma comparação com o nosso estágio no presente e atualizar o que julgamos necessário. Queremos sempre estar à frente dos nossos competidores”. Para ele, a participação da Braskem foi um dos destaques no segmento de matérias-primas. “Percebemos que a Braskem despertou o interesse de diversos países e pudemos participar de um jantar superconcorrido onde tivemos a grata surpresa de ouvir do José Carlos [Grubisich, Líder Empresarial da Braskem] os novos investimentos que o grupo fará. Isso sim, deixa os clientes muito satisfeitos e confiantes no seu fornecedor”.

Outro cliente que visitou o estande da Braskem foi a Incoplast. Para o Diretor Melito Schlikmann, a participação na K foi importante não só para a Braskem mas para todos os colaboradores e brasileiros. “Essa presença na Feira K faz com que a gente sinta orgulho de ser brasileiro.”

O uso criativo do PVC

Danielle Espósito TEXTO • Carlos Gueller FOTOS

Prêmio Ópera-Prima incentiva utilização do PVC em projetos arquitetônicos e urbanísticos

Uma grande praça funcional, com amplas áreas comerciais de serviços e entretenimento. De acordo com o projeto de Fernanda Kleemann Spinicci, da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, uma das ganhadoras do Prêmio Ópera-Prima, assim ficaria o movimentado Largo 13 de Maio, situado no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, e hoje caracterizado pelos desorganizados terminais de transportes e por muita poluição visual.

Difícil de imaginar? Não para os estudantes e jovens profissionais que participaram do Prêmio Ópera-Prima, concurso nacional de trabalhos finais de graduação em arquitetura e urbanismo promovido pelo Instituto dos Arqui-

tetos do Brasil (IAB) e pela revista *Projeto Design* com o patrocínio da Braskem, que neste ano inseriu uma nova categoria ao prêmio. Trata-se da modalidade Projetando com PVC. Vários trabalhos apresentados estavam relacionados à revitalização de locais públicos deteriorados.

Buscando estimular a inovação por novos ângulos, sobretudo em relação ao uso do PVC, a Braskem apostou no prêmio. “Incentivar a utilização do PVC em novas soluções é muito importante. Com a nova categoria do prêmio, esperamos ampliar o conhecimento dos jovens profissionais sobre as possibilidades de utilização desse material”, afirma Rober-



to Simões, Vice-Presidente da Unidade de Vinílicos da Braskem.

Os jovens entenderam a proposta. O projeto vencedor da modalidade Projetando com PVC, Escola de Bolso, de Rafael Pinho, da Universidade Federal de Minas Gerais, é um exemplo de como é possível unir funcionalidade e criatividade. Com uma proposta inusitada de uma escola desmontável constituída de módulos e painéis, o projeto-escola consegue utilizar o PVC de maneira inteligente. No projeto, estruturado por um esqueleto metálico e paredes de chapa de PVC dobrável, as peças podem ser transportadas em caminhões, o que permite a montagem da escola em vários locais, de forma itinerante.

“O projeto acerta ao aliar praticidade e qualidade para suprir uma necessidade social. De maneira geral, os trabalhos sinalizaram uma grande preocupação em relação a questões sociais e culturais. A categoria Projetando com PVC não ficou atrás. Deu respostas muito interessantes, com o uso do material numa escala mais ampla”, explica Demetre Anastassakis, Presidente nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

Com o objetivo de apresentar jovens profissionais ao mercado, o Ópera-Prima se tornou mais do que uma referência para os estudantes de Arquitetura: transformou-se em uma meta. Em 2004, foram 423 projetos inscritos, de 86 universidades de todo o Brasil, número recorde desde que o prêmio foi criado, há 16 anos. “Participar do Ópera-Prima sempre foi um pouco meta e um pouco sonho para mim”, conta Rafael.



No alto, Rafael Pinho, vencedor da categoria Projetando com PVC. Acima, painéis com projetos expostos no dia da premiação

■ DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Talento transformador

Marlene Lopes TEXTO
Christian Cravo FOTOS

Cadeias Produtivas da Mandioca, da Aquicultura e do Palmito começam a mudar vidas em cidades do Baixo Sul da Bahia

Madalena Silêncio Andrade, o marido Deodete Andrade e dois filhos: agricultura familiar para evitar o abandono do campo



Madalena Silêncio Andrade, agricultora no município de Presidente Tancredo Neves, no Baixo Sul baiano, sorri ao pensar que não vai ter de assistir à partida de mais um filho para a capital. Na família de Francisco dos Santos, de Nilo Peçanha, o entusiasmo é com a construção de uma casa. Fábio Ribeiro, morador de Cairu, orgulha-se de poder ajudar a mãe na criação dos irmãos mais novos.

A realização desses sonhos vem das Cadeias Produtivas da Mandioca, do Palmito e da Aqüicultura, que compõem o Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável - DIS Baixo Sul, levado à região pela Fundação Odebrecht em parceria com o Governo Federal e o Governo da Bahia, com a participação da Associação dos Municípios do Baixo Sul (Amubs) e do Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia (Ides).

Com o programa, as etapas de produção, beneficiamento e comercialização nas cadeias produtivas passaram a ocorrer de forma articulada. Na engrenagem antiga, a peça de menor valor era o agricultor. Na visão atual, ele integra o sistema na condição de cooperado, liderando os negócios de produção e beneficiamento. Para a comercialização, contará com o apoio de um grupo varejista, que integrará o programa como Parceiro Social.

Na Cadeia Produtiva da Mandioca, conduzida pela Cooperati-



Francisco Rodrigues dos Santos e a esposa Enedina Maria de Jesus (ambos de pé à direita) com a família, produtores de palmito: fim dos biscates para passar a cuidar da própria terra



Fábio Ribeiro (à esquerda) e Gilmar Palma: criação de ostras e tilápias

va de Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves (Coopatan), os agricultores viram sua lucratividade aumentar em 20% com a venda de raízes. “Já melhoramos o preço de R\$ 100 para R\$ 120”, diz satisfeito o Líder da Cadeia Produtiva, Marcelo Abrantes. Esse resultado é decorrente da parceria com a Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias e do investimento em tecnologia propiciado pelo programa.

O modelo prevê o combate ao desperdício pelo aproveitamento total dos recursos produtivos. A fábrica de farinha, amido e polvi-

lho doce e azedo processará até 200 t/dia de raízes, sem geração de refugos. A folhagem, rica em proteína, já passou por teste na Unidade de Beneficiamento de Resíduo e servirá de insumo à indústria de ração animal, podendo ser usada na Cadeia Produtiva da Aqüicultura. Já a manípueira, sumo poluidor, irá para uma lagoa de decantação, sendo reaproveitada no processo industrial.

“Nossos filhos estão ficando aqui! Estão ficando aqui!” O entusiasmo de Madalena Andrade, de 51 anos, confirma a aposta na agricultura familiar. Ela e o marido, Deodete Andrade, lamentaram a partida do mais velho, de 21 anos, por não achar ocupação em Tancredo Neves. Mas ficam felizes porque mantêm os três filhos mais novos ocupados na terra.

Marivaldo da Silva superou a meta do programa de elevar a produtividade de 9 t para 20 t por hectare. Em vez de 12,5 mil pés apostou em 17 mil pés por hectare, que garantiram na mesma área a colheita de 42 t. Ele promete novidade para 2005: “Vou aproveitar as atuais condições e usar menos fósforo na adubação. Com a terra solta, a raiz terá mais espaço para crescer. Serão 50 t por hectare”.

A vida de Francisco dos Santos e dona Enedina Maria de Jesus começa a mudar. Presidente da Associação São Benedito e inte-

grante da Cooperativa dos Produtores de Palmito do Baixo Sul (Coopalm), Francisco deixou de fazer biscates e agora cuida da própria terra, no município de Nilo Peçanha, onde as palmeiras de pupunha já exibem as hastes das quais será extraído o palmito. “Passei a ter confiança.”

O destino do palmito é a Ambial Agroindústria, que passa a integrar esta Cadeia Produtiva absorvendo 100% da produção de 63 cooperados nos municípios de Camamu, Maraú, Igrapiúna, Nilo Peçanha, Taperoá e Valença. A certeza da venda tranqüiliza Francisco quanto ao pagamento do financiamento pelo Banco do Nordeste. “Quero poupar e pagar sem aperto”, antecipa o produtor.

Para Adailton Barbosa, Líder da Cadeia Produtiva do Palmito, o imediatismo dá lugar ao planejamento: “A idéia é fazer do produtor um empresário rural”. Segundo Barbosa, em 2005 serão 488 ha plantados, incluindo áreas em Piraí do Norte, Tancredo Neves e Ibirapitanga. Já está pronta a infra-estrutura da Biofábrica de Plântulas de Pupunha, que vai garantir mudas de boa qualidade, sem espinhos e livres de doenças.

A Cadeia Produtiva da Aqüicultura guarda uma singularidade em relação às de mandioca e palmito. Em vez de proporcionar a reestruturação de uma atividade consolidada, convida pescadores a guardar anzol e rede e criar tilá-



Marivaldo da Silva: superação de metas



Roque Fraga: capacitação de 60 famílias

pias marinhas em tanques-rede e ostras em lanternas no estuário de Cairu.

O Líder, Roque Fraga, à frente da Cooperativa Mista de Pescadores, Marisqueiros e Aqüicultores do Baixo Sul (Coopemar), comemora os resultados. “Concluímos a fase de capacitação de 60 famílias que receberão módulos individuais com 12 tanques de tilápias”, relata. A produção dessa etapa já serviu à venda de 4 t para a empresa portuguesa Totalmar, que fez o peixe criado nas águas de Cairu chegar às prateleiras da rede

francesa de supermercados Auchan.

A unidade fabril já tem garantidos os recursos para compra de equipamentos e desenhadas as linhas de produção de peixe, moluscos e crustáceos. Além das tilápias – filetadas ou em posta e processadas no sistema *just in time* (a demanda do mercado é que define a produção) –, a fábrica vai processar catados.

Gilmar Palma, 34 anos, integra o projeto. Ex-pescador, tornou-se um criador de ostras e tilápias e, reconhecido pela Coopemar como técnico, tem renda mensal de R\$ 500. Os resultados animam e sua casa, em construção, já tem o primeiro piso pronto para receber o andar superior, que será alugado. Fábio Ribeiro lembra sem saudade o tempo em que catava lambreta e vendia a atravessadores por R\$ 0,30 a dúzia. Depois de vencer a etapa de capacitação, tornou-se, aos 22

anos, Vice-Presidente da Coopemar e técnico na criação de tilápias. “A vida melhorou. Hoje ajudo minha mãe a criar meus irmãos, invisto na casa e planejo me casar.” A piaçava e o agro-ecoturismo irão respaldar as próximas Cadeias Produtivas planejadas para o Baixo Sul. De acordo com Luciano Bonaccini, do Ides, como nas demais iniciativas, o desenvolvimento das Cadeias Produtivas não acontecerá de forma isolada. Ele se dará junto com o desenvolvimento dos capitais ambiental, social e humano.

FRANCISCO MIGUEL DO PRADO VALLADARES JÚNIOR

Arquiteto formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1971, Francisco Miguel do Prado Valladares Júnior fez cursos de extensão em Roma e Miami. Integrante da Construtora Norberto Odebrecht por 27 anos, atuou em várias regiões do Brasil. Foi um dos principais responsáveis pela primeira obra da empresa na Argentina, a Hidrelétrica de Pichi-Picun-Leufú, na década de 80. Entre 1988 e 1996, morou em Buenos Aires, como Responsável pela Construtora Norberto Odebrecht no Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai). Nos últimos anos, residindo em São Paulo, foi Responsável por Desenvolvimento de Negócios na empresa.

Além da atuação na Odebrecht, Valladares teve destacada participação em entidades setoriais. Foi Vice-Presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), Diretor de Comércio Exterior da Associação Brasileira de Engenharia Industrial (Abemi), Membro do Conselho de Integração Internacional da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra (Adesg).

Em entrevista à edição de maio/junho de 2004 de Odebrecht Informa, Valladares falou sobre exportação de serviços de engenharia e sua importância para a integração da América da Sul, situando a Odebrecht nesse contexto. “Nosso sistema de gerenciamento e de delegação planejada funciona tão bem no Brasil como no exterior. A prática da Tecnologia Empresarial Odebrecht é o diferencial da nossa empresa”, afirmou. “Enfrentamos desafios em termos de natureza, de comportamentos humanos. Tudo isso tem nos dado um estofamento diferenciado.”

Francisco Valladares faleceu aos 57 anos, em sua residência, em São Paulo, no dia 3 de dezembro. O sepultamento foi realizado em Salvador, no dia 4 de dezembro, no cemitério Jardim da Saudade.

Deixa a esposa Lucia Margarida e os filhos Mariana e Guilherme.





ODEBRECHT S.A.

Av. Luiz Viana, 2841
Paralela
41730-900
Salvador, BA – Brasil
Tel. (71) 206.1111
Fax. (71) 230.0701

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.

Praia de Botafogo, 300
11º and.
Botafogo - 22250-040,
Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel. (21) 2559.3000
Fax. (21) 2552.4448

São Paulo
Av. das Nações Unidas, 4777
05477-000
São Paulo, SP – Brasil
Tel. (11) 3443.9000
Fax. (11) 3443.9017

• AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Constructora Norberto
Odebrecht S.A.
Av. Núñez de Cáceres, 597
Edf. La Ibérica – 2º piso
La Castellana
Apartado 10132
Santo Domingo –
República Dominicana

• ANGOLA

Odebrecht Angola
Projectos e Serviços Ltda.
Av. 4 de Fevereiro, 113
2º andar, Luanda – Angola

• ARGENTINA

Constructora Odebrecht
Argentina S.A.
Calle Marcelo T. de Alvear,
nº 1.719 - Piso 3
CP C1060AAG
Buenos Aires – Argentina

• CHILE

Constructora Odebrecht
Chile S.A.
Av. Lib. Bernardo
O'Higgins nº 292, Of. 21
Metro U. Católica,
CP 6501242
Santiago de Chile – Chile

• COLOMBIA

Constructora Norberto
Odebrecht de Colombia
Ltda.
Avenida 15, nº 101-09 –
Piso 6 – Edificio
Vanguardia
Bogotá – Colombia

• EMIRADOS ÁRABES

Constructora Norberto
Odebrecht s/a
Dubai Office • Al Zzabeel
Road, Zomoroda
Office nº 15-a, bldg.1st.floor,
PO.Box:114155
Al Karamaha
Dubai - Emirados Árabes

Al Asri al Dhahri
Three Sails bldg.,
Corniche st.
PO.Box: 549
Abu Dhabi -
Emirados Árabes

• EQUADOR

Constructora Norberto
Odebrecht del Ecuador S.A.
Av. 12 de Octubre nº 1942
y Cordero – Ed. World
Trade Center – Of. 808
Quito – Ecuador

• ESTADOS UNIDOS - FLÓRIDA

Odebrecht
Construction, Inc.
201 Alhambra Circle –
Suite 1400 Coral Gables,
Florida 33134 – USA

• MÉXICO

Constructora Norberto
Odebrecht S.A.
Homero, 418 – 6º piso
Colonia Polanco
CP 11560 – México, DF

• PERU

Constructora Norberto
Odebrecht Perú S.A.
Av. La Floresta 497 Of. 102
Chacarilla del Estanque
San Borja - Lima - Perú

• PORTUGAL

Bento Pedroso
Construções S.A.
Quinta da Fonte
Rua Quinta da Quinta
Edifício D. João I, nº 4,
Piso 1B - 2770-203
Paço de Arcos - Portugal

• VENEZUELA

Constructora Norberto
Odebrecht de
Venezuela C.A.
Centro Empresarial Torre
Humboldt Piso 10
Oficina 10-13 Av. Rio Caura –
Urbanización
Parque Humboldt – Caracas
Venezuela

BRASKEM S.A.

Av. das Nações Unidas, 4777
05477-000
São Paulo, SP – Brasil
Tel. (11) 3443.9000
Fax. (11) 3443.9017

OCS – ODEBRECHT ADMINISTRADORA E CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Av. Luiz Viana, 2841
Paralela
41730-900
Salvador, BA – Brasil
Tel. (71) 206.1111
Fax. (71) 206.1869

ODEPREV ODEBRECHT PREVIDÊNCIA

Av. Luiz Viana, 2841
Paralela
41730-900
Salvador, BA – Brasil
Tel. (71) 206.1111
Fax. (71) 230.0701

FUNDAÇÃO ODEBRECHT

Av. Luiz Viana, 2841
Paralela
41730-900
Salvador, BA – Brasil
Tel. (71) 206.1111
Fax. (71) 230.0701 / 206.1668

ODEBRECHT

www.odebrecht.com.br

Fundada em 1944, a Organização Odebrecht atua nas áreas de Engenharia e Construção e de Química e Petroquímica e participa de empreendimentos no setor de Infra-estrutura e Serviços Públicos. Seus 30 mil Integrantes estão presentes em países da América do Sul, América Central, América do Norte, África e Europa.

A atuação de cada um deles tem como referência uma filosofia empresarial própria, nascida e aprimorada na prática. Entre os princípios fundamentais dessa filosofia estão a confiança nas pessoas, a satisfação dos Clientes, a descentralização, a parceria entre os Integrantes, o retorno aos Acionistas e o reinvestimento dos resultados.